

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA
CENTRO DE COMUNICAÇÃO E EXPRESSÃO
PSICOLINGUÍSTICA: AQUISIÇÃO E PROCESSAMENTO
DA LINGUAGEM

LÍDIA DA SILVA

INVESTIGANDO A CATEGORIA ASPECTUAL NA
AQUISIÇÃO DA LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS

Florianópolis (SC)
2010

LÍDIA DA SILVA

**INVESTIGANDO A CATEGORIA ASPECTUAL NA AQUISIÇÃO
DA LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS**

Dissertação apresentada ao Curso de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal de Santa Catarina como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Linguística.

Orientadora: Profa. Dra. Ronice M. Quadros
Coorientadora: Prof^a Dr^a Rossana A. Finau

Florianópolis, Maio de 2010

Lídia da Silva

Dissertação julgada aprovada como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Linguística, na linha de pesquisa - psicolinguística: aquisição e processamento da linguagem - pelo Programa de Pós-graduação em Estudos em Linguística da Universidade Federal de Santa Catarina.

Banca Examinadora:

Profa. Dra. Ronice Müller de Quadros - Orientadora
Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC

Profa. Dra. Rossana Aparecida Finau
Universidade Tecnológica Federal do Paraná - UTFPR

Prof. Dra. Roberta Pires de Oliveira
Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC

Prof. Dra. Teresa Cristina Wachowicz
Universidade Federal do Paraná - UFPR

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho aquele que esteve ao meu lado durante todo o tempo do mestrado, que 'cuidava' das tensões emocionais que esse processo causava e é quem eu tanto amo: Larry!

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar agradeço ao meu Deus que sempre me guia e me oportuniza a realização de sonhos como foi a concretização do Mestrado. Obrigada Deus!

Agradeço a minha querida mamãe pelo apoio incondicional, pelas palavras de incentivo e pela compreensão da minha ausência. Obrigada mãe!

Agradeço a minha família que mesmo sem entender o que era ‘este curso’ sempre me apoiou e torceu pela minha vitória. Ufa, agora acabou!

Agradeço aos meus colegas de trabalho e aos meus amigos pelas trocas e discussões que me permitiram refletir e crescer. Este título é nosso!

Agradeço aos surdos que foram os primeiros motivadores da minha pesquisa e do meu interesse pela língua de sinais. Obrigada por vocês existirem!

Agradeço aqueles que aceitaram dialogar comigo sobre meu tema e me permitiram socializar tudo aquilo que eu estava aprendendo. À Lenita, à Cris, à Flávia e ao Fagner, obrigada pela leitura do meu texto. Suas contribuições foram à altura da minha expectativa!

Agradeço aos meus queridos colegas que me permitiram utilizar suas imagens no texto. Obrigada por sua sempre disponibilidade. Valeu Bruno e valeu Ronaldo!

Agradeço ao pessoal que me ajudou na organização das imagens, no recorte das fotos e de todos os retoques na manipulação das figuras. Guedley, Brian, Daniel e Juliana, o trabalho de vocês foi fundamental. Obrigada!

Agradeço as professoras Roberta Pires de Oliveira e Teresa Wachowisk pelas considerações na banca de defesa. O conhecimento de vocês me foi muito útil. Sou-lhes muito grata!

Agradeço a minha orientadora, professora Ronice Muller de Quadros,

por ter me aceito no grupo de pesquisa e por confiar no meu trabalho. Você sempre significou um modelo de linguista para mim. Obrigada pela motivação em tornar-me pesquisadora de língua de sinais!

Agradeço imensamente a coorientadora, professora Rossana Finau, pelas horas de conversa, pelas tantas vezes que ‘aspectualizamos’ juntas. Sua exigência, incentivo, apoio e motivação foram fundamentais. Mui-tíssimo obrigada!

RESUMO

Esta pesquisa tem como objetivo investigar a categoria aspectual na aquisição da língua brasileira de sinais. Para fazer um estudo sobre aquisição de linguagem é necessário, primeiramente, definir um embasamento teórico para sustentar a análise. No nosso caso, a teoria gerativa é o pano de fundo das concepções adotadas. Além disso, a pesquisa sobre aquisição da linguagem precisa demonstrar a estrutura gramatical da língua que se pretende estudar, por isso, nesta dissertação há uma explanação acerca da composição linguística de Libras com enfoque nos aspectos fonológicos e morfossintáticos. Depois disso, apresentamos nossa investigação sobre a categoria aspectual com embasamento na teoria linguística geral, na qual adotamos Comrie (1976) e linguística da Libras, na qual adotamos Finau (2004a). Em ambas as considerações, aspecto sob o ponto de vista da linguística geral e aspecto da Libras, faremos a diferenciação entre tempo e aspecto, fazemos a explanação sob os enfoques lexical e gramatical e demonstramos a oposição aspectual entre perfectivo e imperfectivo. Não obstante, a pesquisa linguística que insere-se no campo da aquisição da linguagem trata sobre os processos pelos quais passam as crianças até adquirirem determinada categoria gramatical da língua. Portanto, neste texto percorremos o mesmo caminho das demais pesquisas longitudinais sobre aquisição da linguagem, ou seja, demonstramos os estágios pelos quais a criança está passando e apresentamos as várias hipóteses que se ocupam em explicar o processo de aquisição da categoria aspectual. Entre estas considerações, destacamos a associação entre télico-perfectivo, atélico-imperfectivo, a hipótese da primazia do aspecto e a relação entre ‘tempo semântico’ e aspecto. Na última parte aplicamos a teoria aos dados de uma criança surda chamada ANA que é filha de pais surdos e está adquirindo a Libras como primeira língua. Na nossa análise pudemos perceber que a criança produz predominantemente aspecto lexical perfectivo, fenômeno este que é análogo à criança ouvinte adquirindo o aspecto na língua falada. Encontramos também produções de aspecto gramatical por meio de flexão dos verbos. Estas flexões ocorrem via alteração morfológica (movimento), e foram de ordem perfectiva, majoritariamente, tal qual nos apontam as teorias sobre aquisição do aspecto gramatical em línguas orais.

Palavras-chaves: aspecto, aquisição da linguagem, Libras;

ABSTRACT

The purpose of this study is to investigate the aspectual category in the acquisition of Brazilian sign language (Libras). To conduct a study about language acquisition, it is first necessary to define a theoretical base to sustain the analysis. In this case, the generative theory is the foundation for the concepts adopted. In addition, a study about language acquisition must demonstrate the grammatical structure of the language it studies. To do so, this dissertation includes an explanation about the linguistic composition of Libras. Moreover, linguistic study in the field of language acquisition concerns the processes children undergo until they completely acquire the structure of a language. Therefore, this study covers the same route as others about language acquisition, or that is, we demonstrate the acquisitional processes of the deaf child studied. In the specific study about the grammatical element analyzed in this text, there is a presentation of difference between time and aspect and we use Comrie (1976) and Finau (2004a) to conceptualize this. In relation to this author's perspective, we present the conceptualization, description and exemplification of the grammatical and lexical aspects in Portuguese and Libras. We then present various hypotheses that help explain the acquisition of the aspectual category, given that we insert our study in the Hypothesis of the Primacy of the Aspect. In the final portion of the study, we use this theory to analyze data about a deaf child named ANA, who is the daughter of deaf parents and who is acquiring Libras as her first language. Our analysis allowed perceiving that the child predominantly produces a lexical aspect, a phenomenon that is analogous to a hearing child acquiring aspect in spoken language. We also found some products of imperfect aspect in the flections of verbs, given that these flections occur via alterations of the movement parameter, as indicated by theories about grammatical aspect in sign language.

Key words: aspect, language acquisition, Libras.

SUMÁRIO

RESUMO	7
ABSTRACT	8
LISTA	11
De Figuras	11
De Tabelas	13
De Gráficos.....	13
INTRODUÇÃO	14
I PARTE: INVESTIGANDO A LÍNGUA E A LINGUAGEM	
CAPÍTULO 1 – CONHECENDO A VERTENTE TEÓRICA QUE EMBASA O ESTUDO DA LINGUAGEM	
	17
CAPÍTULO 2 – CONHECENDO A ESTRUTURA GRAMATICAL DA LIBRAS.....	
	20
2.1 Aspectos fonológicos da Libras	23
2.2 Aspectos morfossintáticos da Libras.....	34
RESUMO DA I PARTE	50
II PARTE: INVESTIGANDO A CATEGORIA ASPECTUAL	
CAPÍTULO 1: PROPRIEDADES DOS VERBOS: ASPECTO X TEMPO	
	51
CAPÍTULO 2: CATEGORIA ASPECTO.....	
	64
2.1 Oposição aspectual: Perfectivo X Imperfectivo.....	65
2.2 Posição do aspecto na estrutura sintática	82
RESUMO DA II PARTE.....	84
III PARTE: INVESTIGANDO A CATEGORIA ASPECTUAL NA AQUISIÇÃO DA LIBRAS	

CAPÍTULO 1: CONHECENDO OS PROCESSOS DE AQUISIÇÃO DA LINGUAGEM.....	85
CAPÍTULO 2: CONHECENDO OS PROCESSOS DE AQUISIÇÃO DO ASPECTO	89
2.1 Associação télico-perfectivo e atélico-imperfectivo	89
2.2 Hipótese da primazia do aspecto.....	97
2.3 Tempo aspectualmente dado	103
RESUMO DA III PARTE	104
IV PARTE: APLICANDO A TEORIA AOS DADOS	
CAPÍTULO 1: PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.....	105
1.1 Coleta de dados	106
1.2 Tratamento dos dados.....	107
1.3 Categorias de análise.....	111
CAPÍTULO 2: ANÁLISE DE DADOS.....	113
2.1 Análise das produções aspectuais: associação télico-perfectivo e atélico-imperfectivo	120
2.2 Análise das produções aspectuais: hipótese da primazia do aspecto.....	129
2.3 Análise das produções aspectuais: associação perfectivo-passado-imperfectivo-presente	132
RESUMO DA IV PARTE	142
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	143
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	147

LISTAS

DE FIGURAS

Figura 1: Quadro das 64 Configurações de Mão da Libras	20
Figura 2: Sinal de CERTO	21
Figura 3: Sinal de VERDADE	22
Figura 4: Sinal de CASA.....	23
Figura 5: Sinal de ÓCULOS	24
Figura 6: Sinal de REI.....	24
Figura 7: Sinal de QUEIJO	24
Figura 8: Sinal de SILÊNCIO	24
Figura 9: Sinal de PENSAR.....	24
Figura 10: Sinal de CHICLETE	24
Figura 11: Sinal de EDUCAÇÃO	25
Figura 12: Sinal de AEROPORTO.....	25
Figura 13: Sinal de BONIT@.....	25
Figura 14: Sinal de PODERnegação	25
Figura 15: Sinal de SURD@.....	26
Figura 16: Sinal de PROSEGUIR.....	26
Figura 17: Sinal de MAR.....	27
Figura 18: Sinal de ÓLEO	27
Figura 19: Sinal de BICICLETA.....	28
Figura 20: Sinal de ELETRICIDADE	28
Figura 21: Sinal de $_{1s}$ FALAR $_{2s}$	34
Figura 22: Sinal de $_{2s}$ FALAR $_{1s}$	34
Figura 23: Sinal de $_{2s}$ FALAR $_{3s}$	35
Figura 24: ANA com 2:2 aprendendo sinal de $_{2s}$ FALAR $_{1s}$	36
Figura 25: Sinal de $_{1s}$ ENTREGAR $_{2s}$	37
Figura 26: Sinal de $_{1s}$ ENTREGAR $_{2s+3s}$	37
Figura 27: Sinal de $_{1s}$ ENTREGAR $_{2s-3s-4s}$	38
Figura 28: Sinal de $_{1s}$ ENTREGAR $_{vários}$	38
Figura 29: Sinal de CASA.....	39
Figura 30: Sinal de CASINHA	39
Figura 31: Sinal de IR	40
Figura 32: Sinal de PASSADO	45
Figura 33: Sinal de HOJE/AGORA/PRESENTE	46

Figura 34: Sinal de FUTURO	47
Figura 35: Sinal de PASSADO RECENTE	48
Figura 36: Sinal de PASSADO DISTANTE	49
Figura 37: Sinal de IMEDIATAMENTE	49
Figura 38: Sinal de FUTURO PRÓXIMO	50
Figura 39: Sinal de FUTURO DISTANTE	50
Figura 40: Sinal de ONTEM	51
Figura 41: Sinal de ANTEONTEM	51
Figura 42: Sinal de PROCURAR	60
Figura 43: Sinal de ENCONTRAR	60
Figura 44: Sinal de PERGUNTAR _{perf}	62
Figura 45: Sinal de CUIDAR	62
Figura 46: Sinal de CUIDAR _{imperf}	63
Figura 47: Sinal de PASSEAR	64
Figura 48: Sinal de PASSEAR _{imperf}	65
Figura 49: Sinal de ESPERAR	65
Figura 50: Sinal de ESPERAR _{imperf}	66
Figura 51: ANA com 3:0 realizando o sinal de ACABAR	80
Figura 52: ANA com 2:0 realizando o sinal de _{1s} DAR _{2s}	102
Figura 53: ANA com 2:11 realizando o sinal de SORRIR	103
Figura 54: ANA com 1:6 realizando o sinal de PEGAR	109
Figura 55: ANA com 1:5 realizando o sinal de ESPERAR	109
Figura 56: ANA com 1:6 realizando o sinal de COMER	109
Figura 57: ANA com 3:0 realizando o sinal de ARRANCAR-MANDIOCA	111
Figura 58: ANA com 2:11 realizando o sinal de ACABAR	115
Figura 59: ANA com 1:2 realizando o sinal de CAIR _{perf}	116
Figura 60: ANA com 1:8 realizando o sinal de DORMIR _{perf}	117
Figura 61: ANA com 2:6 realizando o sinal de CHORAR _{imperf}	118
Figura 62: ANA com 3:0 realizando o sinal de APRENDER _{imperf}	119
Figura 63: ANA com 3:0 realizando o sinal de COMER _{imperf}	120
Figura 64: ANA com 2:3 realizando o sinal de CANTAR _{imperf}	121

DE TABELAS

Tabela 1: Subdivisões dos principais pontos de locação.....	24
Tabela 2: Tipos de movimento dos sinais da Libras	26
Tabela 3: Concordância do verbo FALAR.....	34
Tabela 4: Concordância do verbo ENTREGAR	37
Tabela 5: Sistema de notação por palavras	95
Tabela 6: Símbolos de transcrição adotados nesta dissertação	96
Tabela 7: Relação idade e número de verbos.....	105
Tabela 8: Relação de aspecto e telicidade.....	107

DE GRÁFICOS

Gráfico 1: Análise da alteração do parâmetro movimento na execução do aspecto.....	108
Gráfico 2: Aspectos perfectivos e imperfectivos produzidos por ANA.....	110

INTRODUÇÃO

Esta dissertação tem por objetivo investigar a produção da categoria funcional de aspecto de uma criança surda – chamada ANA – durante o seu período de aquisição da linguagem. Caracteriza-se por ser uma pesquisa linguística de ordem longitudinal e com *input* favorável, pois o sujeito observado tem pais surdos usuários da língua de sinais e isso nos possibilita tecer análises quanto à produtividade linguística padrão nos moldes gramaticais.

O presente estudo se justifica na medida em que as investigações acerca do processo de aquisição das línguas de sinais contribuem, conforme Lillo-Martin (2004), para formulação teórica sobre a gramática destas línguas, assim como para as considerações quanto a sua natureza linguística. Teorias estas que se mostram necessárias atualmente, uma vez que o *status* linguístico da língua brasileira de sinais – Libras – já foi averiguado e atestado, o que permite agora aos estudos linguísticos se concentrarem na descrição da Libras em diferentes níveis de análises, como faz Cruz (2008) nas pesquisas fonológicas, como Finau (2004a) nas pesquisas em semântica, Pizzio (2006) e Quadros (1997) em análises sintáticas e Leite (2008) na prosódia. Por esta razão se deu a escolha de uma categoria linguística – aspecto – que, insere-se em vários destes níveis já abordados.

Além disto, buscar entender a categoria de aspecto se faz necessário a partir das diferentes considerações que se tem acerca da temporalidade. Brito (1995), por exemplo, postula que a língua de cada povo expressa um recorte do universo de maneira diferente, o que gera posteriormente discussões teóricas quanto a tal expressividade. Neste sentido, inscrevem-se nestas discussões os tratados quanto à língua brasileira de sinais e a forma de expressão da temporalidade pelos surdos – usuários majoritários desta língua.

Estas discussões trazem à tona, no caso da Libras, o problema da existência ou não da flexão verbal. Há autores como Felipe (1998), que postulam a não flexão dos verbos nesta língua e sim a sua adjunção a outros elementos temporais lexicais. Contudo, com a ampliação das pesquisas comprobatórias de sua natureza flexional, esta hipótese vem sendo refutada.

Desse modo, quando se assume que os pressupostos de existência da flexão verbal são muito fracos, as considerações sobre a categoria aspectual são elaboradas de maneira muito tímida e quando. Quando as

teorias assumem o valor flexional do sistema linguístico da Libras elas contemplam mais detidamente o aspecto, demonstrando que a marcação da duração interna dos eventos pode também ser realizada flexionalmente. Aderindo a estes últimos é que pretendemos abarcar o estudo do aspecto sob os enfoques lexicais e gramaticais acreditando ser sua expressão por vias lexicais e por flexões morfológicas. A perspectiva que estamos adotando para conceituar aspecto é oriunda de Comrie (1976). A natureza da situação manifesta se esta teve duração no tempo ou não, se é pontual ou repetitiva, se é acabada ou inacabada e ainda, se é permanente ou transitória. A expressão do aspecto é aqui assumida como sendo lexical e gramatical. Por aspecto lexical, entendemos que a escolha do item lexical carrega uma marca aspectual e que o complemento direciona uma interpretação aspectualizada já quanto ao aspecto gramatical, entendemos que envolve distinções semânticas que são codificadas através do uso de dispositivos linguísticos explícitos, tais quais verbos auxiliares e morfemas flexionais. No caso da língua portuguesa ele pode ser marcado pelos morfemas ‘-ou’ ou ‘-ava’ e no caso da Libras, conforme apontado por Finau (2004a), ele pode aparecer na alteração dos parâmetros dos sinais (ampliação do movimento, por exemplo). Trata-se do aspecto imperfectivo, perfectivo e iterativo, sendo que neste texto, nos ateremos apenas aos dois primeiros.

Para tanto, buscamos analisar as expressões emergentes do sujeito investigado, à luz das propostas gramaticais e lexicais do aspecto. Dessa forma, definimos que o principal objetivo deste estudo é averiguar em que proporção a criança surda em questão produz, em fase de aquisição da linguagem, aspecto, via lexicalidade e via flexão morfológica.

Para cumprir tal propósito investigativo, definimos quatro partes nesta dissertação com o objetivo de clarificar o tema e construir um aporte teórico que nos sirva de base para análise dos dados.

A PARTE I contempla um capítulo destinado à abordagem das bases norteadoras desta pesquisa onde apresentamos de maneira preliminar nossa concepção de linguagem que se ampara na teoria gerativa de Chomsky (1957). Há nesta parte, um capítulo destinado a algumas considerações quanto à natureza linguística da língua brasileira de sinais bem como aspectos da sua gramática, especificamente em seus níveis fonológico e morfossintático. Para tecer estas considerações, valemo-nos de Quadros e Karnopp (2004), Martinet (1978), Brito (1995), Felipe (2001) e Meir (2002). Estas questões são dedicadas aos leitores que não são da área da surdez e que precisam ter uma visão geral a respeito da caracterização deste sistema de comunicação espaço-visual.

Na PARTE II, apoiamo-nos em Comrie (1976) e Verkuyl (1993) para apresentamos algumas nossas considerações sobre aspecto e demonstrando que esta é uma área de pesquisa bastante heterogênea e que encontra divergências teóricas e conceituais entre seus autores. Os capítulos ocupam-se em elucidarem as especificidades do aspecto lexical e do aspecto gramatical, em sua composição e expressividade, visto serem estes os motivadores de nossa busca. Há nesta parte a premissa que todo o falante nativo é capaz de identificar o aspecto do evento e aplica aos sujeitos surdos tal capacidade. Além da identificação também a formulação gramatical que se utiliza para organizar o discurso enfatizando uma determinada situação e/ou o que precisa ser destacado nela e por isso descrevemos os expedientes linguísticos utilizados na Libras para marcar o aspecto.

Na PARTE III apresentamos os processos aquisicionais em língua de sinais e língua oral, ou seja, discutimos – como em todo trabalho que trata de aquisição da linguagem – os estágios pelos quais passam as crianças até chegarem ao domínio gramatical completo. Valemo-nos de Quadros (1997) e Grolla (2006) para tratar deste aspecto. Ainda nesta parte, dedicamos um espaço a uma discussão sobre hipóteses que explicam a aquisição do aspecto, nos valendo, especialmente, de constructos teóricos que apontam a associação que a criança faz de um lado, no passado, entre formas perfectivas e predicados télicos, e de outro lado, no presente, entre formas imperfectivas e predicados atélicos (Bronckart e Sinclair, 1973; Li & Bowerman, 1998; Reis e Lopes, 2008). Abordamos também a hipótese da primazia do aspecto (Jacobson, 1986; Shirai & Andersen, 1995; Wagner, 2000) e a expressividade temporal dada pelo aspecto (Lima, 2006; Osawa, 1999; Finau, 2004a).

Por fim, na PARTE IV fizemos a aplicação das teorias aos dados. No primeiro capítulo, apresentamos os procedimentos metodológicos que adotamos nesta dissertação e explicamos como se deu a coleta e o tratamento dos dados. Finalizamos o capítulo com a apresentação de nossas categorias de análise. Nossa análise de dados, exposta no capítulo dois desta parte, aponta para afirmação das associações elencadas nas teorias adotadas bem como para presença da primazia do aspecto. Finalmente, encerramos nossa investigação elaborando algumas considerações quanto aos fatos linguísticos discutidos e esperando que esta dissertação contribua para elaboração de futuras pesquisas sobre a aquisição da categoria aspectual na Libras e em outras línguas de sinais.

I PARTE

INVESTIGANDO A LÍNGUA E A LINGUAGEM

Nesta primeira parte apresentaremos a construção da linha de raciocínio que pretendemos ter neste texto. Vamos abordar, no capítulo 1, as principais ideias de Chomsky (1957) e algumas premissas da sua teoria, pois nos servirão de pano de fundo para as demais discussões deste texto. Trataremos, no capítulo 2, sobre a organização gramatical da Libras sob os enfoques fonológicos e morfossintáticos. Assim, nosso maior objetivo nesta I PARTE é o de apresentar uma descrição preliminar dos conceitos implicados na dissertação.

CAPÍTULO 1 – CONHECENDO A VERTENTE TEÓRICA QUE EM-BASA O ESTUDO DA LINGUAGEM

As ideias de Chomsky (1957), do *Massachusetts Institute of Technology (MIT)*, nos Estados Unidos, são de que o processo de adquirir a estrutura de uma língua natural é universal, pois independe da qualidade interativa que se estabelece com a criança, assim também como independe da cultura. Esta aquisição é possível dado ao fato de as crianças possuírem um conhecimento linguístico inato que as guia por esse processo. Tais ideias deram origem a uma teoria que vigora até o presente. Trata-se da teoria gerativa.

Segundo esta teoria, as crianças já nascem equipadas com vários aspectos relacionados à organização sintática das línguas humanas que são geneticamente determinadas, por isso, dizemos que esta teoria é de natureza mentalista, já que a mente humana abriga um sistema ‘computacional’ capaz de gerar representações linguísticas.

Isso se comprova, segundo Chomsky (1957), devido à discrepância entre *input* e *output* do falante. Em outras palavras, a criança é exposta a estímulos pobres e limitados, porém devido ao seu inato conhecimento linguístico é capaz de se desenvolver ao ponto de gerar infinitos enunciados bem formados. A criança é vista como aprendiz eficiente a despeito da pobreza de estímulos. Este argumento é comumente tratado por problema de Platão¹.

A este conhecimento linguístico pré-determinado, Chomsky (1957)

¹ O argumento da ‘pobreza dos estímulos’ é tratado por Chomsky (1957) com uma atitude platonista por isso o nome Problema de Platão é extraído da questão filosófica de como é que o ser humano pode saber tanto diante de evidências tão passageiras, enganosas e fragmentárias?

denomina “Dispositivo de Aquisição de Linguagem – DAL”, (em inglês, “Language Acquisition Device, ou LAD”). O DAL, este sistema armazenado na mente, abriga os princípios que são comuns a todas as línguas humanas. Estes princípios formam um conjunto de regras linguísticas uniformes, chamado de GU – Gramática Universal.

Neste sentido, a aquisição de linguagem vai acontecer naturalmente, sem aprendizado, apenas pela maturação da GU, entendida como um órgão biológico carente de iniciar seu funcionamento, que no caso, fica a cargo da interação social, fator este preponderante no princípio do funcionamento do DAL, mas não para determinação do seu estágio final. O estágio final são as propriedades linguísticas alcançadas pelo adulto. Nesta dissertação, a concepção de linguagem que vigora é tal qual postulada por Chomsky (1957) e resumida no excerto abaixo, ou seja, linguagem reflete uma capacidade mental do ser humano.

(...) pode-se dizer que o uso criativo da linguagem não se limita ao estabelecimento de analogias, mas reflete a capacidade do ser humano de fazer uso dela no seu dia-dia, observando propriedades específicas, livre de estímulos, com coerência e de forma apropriada a cada contexto, além da sua capacidade de evocar os pensamentos adequados no seu interlocutor. (...) Sob esta perspectiva, essa capacidade é uma consequência direta do fato de sermos humanos. Como diz Descartes, somos humanos ou não somos, pois não existem graus de humanidade, e não há variação essencial entre os humanos, a não ser no nível da superficialidade, isto é, nos aspectos epifenomenais². Um estudo da faculdade da linguagem deve propor propriedades específicas e descobrir os mecanismos da mente que as apresenta, além de dar conta destas mesmas propriedades em termos da ciência física. (QUADROS 2008, p. 47)

A teoria que estamos abordando nesta dissertação passou por várias alterações na sua constituição interna até se definir como uma corrente epistêmica singular, mas atualmente já está bem definida sua con-

² Epifenômenos são fenômenos adicionais que se sobrepoem a outros, mas sem modificá-los, nem exercer sobre eles qualquer influência, são fatores sociais, econômicos, políticos, culturais, etc. (QUADROS, 2008: 47)

cepção de língua I (individual, interna, intensional). Neste modelo, a língua não é entendida como um sistema de signos independentes, como no estruturalismo, mas como um conjunto de regras que geram uma infinidade de sentenças, sendo que cada uma é formada por cadeias de elementos. Para o linguista adepto a corrente gerativa, o objeto de estudo é postulado como o conhecimento inconsciente da língua. Segundo Kato (1997), esse conhecimento tem caráter intensional por diferenciar-se do conhecimento lexical, tratado como extensional e o uso é inconsciente não devido a internalização inconsciente de hábitos, mas é um uso automático da língua, encarado como um sistema ‘computacional’. Esta é a concepção de língua que adotamos neste texto. Quer dizer, conforme lemos em Quadros (2008), a língua é um conjunto de regras que geram uma infinidade de sentença, o que se caracterizam por ser individual, interna e intensional.

Língua-I (language) – objeto da teoria linguística que se caracteriza sob três pontos de vista: a) interna no sentido de estado mental independente de outros elementos; b) individual como capacidade própria do indivíduo (natureza humana); e c) intensional, de caráter funcional no sentido de ser uma função que mapea os princípios do estado inicial para o estado estável identificada também como competência. (QUADROS 2008, p. 51)

O programa de investigação científica de Chomsky (1965) passou por reformulações em seus constructos teóricos internos, o que acarretou na formatação de três fases distintas, conforme nos apresenta Kato (1997). A primeira fase é a que compreende o chamado Modelo Padrão (*Aspects of the Theory of Syntax*) responsável por delinear o modelo de língua-I, descritivamente adequado, ou seja, é apropriado para explicar os tipos de gramáticas possíveis. O modelo padrão institui-se como uma gramática constituída de diversos tipos de regras e com diversos níveis de representação. No modelo padrão, o saber lingüístico de um adulto falante de uma determinada língua era designado de “competência” e consistia de um conjunto de regras de diferentes naturezas, sendo que cada conjunto deveria definir níveis de representações distintos (E-P, E-S, FF, RS)³.

Posteriormente, o programa de investigação científica amplia seus postulados iniciais e em lugar de regras começa a propor filtros de boa

³ E-P: Estrutura Profunda, E-S: Estrutura Superficial, F-F: Forma Fonética, R-S: Representação Semântica.

formação. É a fase chamada teoria padrão ampliada. Para Kato (1997), esses filtros podem ser entendidos, metaforicamente, como seções especializadas de controle de produção numa fábrica, pois ao invés de procurar derivar sentenças bem-formadas por regras, passa a barrar as construções que não obedecem aos filtros. Aos referidos filtros, que representam, na verdade, as condições de saída, eram atribuídos o estatuto de ‘princípios’.

Os princípios passaram ser objeto de grande interesse de Chomsky (1957) e por esta razão a teoria foi mais uma vez reformulada. A terceira proposta foi a teoria de princípios e parâmetros (PP) ou teoria de regência e ligação (GB). Nesta nova proposta, diz Kato (1997) que em lugar de várias regras de transformação, passou-se a postular apenas uma operação “mova- α ”. Neste sentido, as regras não são mais vistas como epifenômenos de princípios universais e parâmetros de variação mas como operações de movimento.

Quando definimos língua como “conhecimento” temos duas perspectivas em relação à sua organização na mente. A primeira é considerá-la como um todo unitário, com uma estrutura multifuncional, conforme apresentado no modelo padrão ampliado. A outra é considerá-la como tendo, ao lado de um eventual sistema central com essas características, um número definido de módulos periféricos especializados que se comunicam com outros sistemas cognitivos por meio de interfaces.

No modelo de princípios e parâmetros, a perspectiva modular de língua-I é explicitamente formulada para demonstrar a interação com outros módulos. Segundo Kato (1997), nesta fase, o conceito de faculdade da linguagem passa a designar o conjunto de módulos, ou sistemas que são envolvidos na linguagem ou ainda o conjunto de conhecimentos que dá conta da produção e da compreensão. A língua-I encarada como o sistema computacional da faculdade da linguagem, constrói a partir de itens lexicais, um par de representações estruturais interpretáveis nas interfaces. O grande diferencial proposto por Chomsky nesta fase é que o saber linguístico pode ser representado por regras de diferentes naturezas. Estes conjuntos podem ser expressos por dois níveis de representatividade: regras gerativas (chamadas de estrutura profunda, ou EP) e regras transformacionais (chamadas de estrutura superficial ou ES).

Finalmente, a teoria minimalista, última versão do gerativismo, ascende mais um degrau na abstração teórica. Kato (1997) coloca que nesta fase os princípios são vistos como epifenômenos de uma lei mais geral de economia e não mais como condições sintáticas *stricto sensu*. No minimalismo, eliminam-se as EP e ES, tornando a derivação uniforme, partin-

do de uma coleção de palavras para o nível de Forma Lógica (FL) através de regras de combinação e de movimento, com uma saída para Forma Fonética (FF) em algum ponto desta derivação. Nesta dissertação, seguiremos o modelo minimalista por ele ser a versão mais recentemente difundida da teoria gerativa e também por entender que movimentos sintáticos, além de obedecer a princípios universais para sua realização, têm motivações, invariavelmente, morfológicas. Com isso, estamos entendendo que todos os falantes concebem as palavras do léxico que aprenderam como indissociáveis das suas características morfológicas ou dos seus traços. Esses traços que têm de se enquadrar na frase dentro de um contexto coerente, ou seja, têm de ser verificados perante os de um par com o qual concordam. Da mesma forma, por estarmos inseridos numa linha de pesquisa de aquisição da linguagem, estamos aderindo a ideia de que para se apropriar de uma língua, a criança deve adquirir o léxico desta língua (que é constituído de traços fonológicos, semânticos e formais) com parâmetros fixados – já que o sistema computacional é universal – bem como adquirir padrões regulares com traços gramaticalmente relevantes e assim assumir que informações sintaticamente, igualmente, relevantes podem ser expressas na morfologia.

Ditas as principais premissas da teoria gerativa bem como pinceladas as fases da construção deste programa de investigação científica, agora podemos discutir, sobre um enfoque descritivo, a estrutura gramatical da Libras em seu nível fonológico e morfossintático.

CAPÍTULO 2 – CONHECENDO A ESTRUTURA GRAMATICAL DA LIBRAS

A Libras⁴ foi oficializada no Brasil como língua usual na comunidade surda desde 2002 pela lei 10.436. Esta conquista só foi possível mediante defesa política desta forma de expressão e, também, pelo fato de muitos pesquisadores terem se empenhado para angariar conhecimentos que comprovassem o valor linguístico dessa língua.

Estas pesquisas evidenciaram a necessidade e importância da língua de sinais para as pessoas surdas que, devido à impossibilidade de

⁴ Há no Brasil duas terminologias correntes para designar a língua de sinais utilizada pela comunidade surda brasileira: Libras (Língua Brasileira de Sinais) e LSB (Língua de Sinais Brasileira). A primeira foi oficializada pela Federação Nacional de Educação e Integração de Surdos e é o termo presente em documentos legais. A LSB é a sigla utilizada para publicações internacionais. Nossa opção será por Libras porque acreditamos que a socialização deste texto em nossa terra faz-se fortalecedora de pressupostos teóricos apresentados

ouvirem uma língua falada, desenvolvem a habilidade linguística de outra maneira, fazendo uso do espaço e da visão. Então, uma língua de natureza espaço-visual não se configura como uma barreira perceptual no processo de aquisição dos surdos. Por isso podemos afirmar que a língua brasileira de sinais caracteriza-se como uma língua natural.

Outro ponto que ancorou as investigações científicas foi o combate ao argumento da universalidade da língua de sinais, pois a grande maioria das pessoas pensa que a Libras é universal. Contudo, esta afirmação não procede. Sob tal perspectiva Libras é uma sigla que significa língua brasileira de sinais. Ora, se no nome da língua mencionamos sua nacionalidade, é porque existem outras línguas de sinais espalhadas por outros países, tais como: língua holandesa de sinais, língua francesa de sinais, língua americana de sinais, língua alemã de sinais, entre outras. Assim, em cada país, há uma língua de sinais específica, que reflete a cultura da nação e daquela comunidade surda. Todavia, não é só pelo nome que entendemos haver uma língua de sinais para cada país, mas, também baseando-nos na própria teoria gerativa segundo a qual todas as línguas, inclusive as de sinais, apresentam organização sintática com princípios comuns que são apenas parametrizadas em sua natureza e comportamento. Isto significa que as línguas de sinais se diferenciam, como qualquer língua, na sua organização semântica e discursiva para atender a aspectos culturais e ideológicos das diferentes comunidades de surdos.

Dessa forma, considerações pejorativas a respeito da Libras perdem sua validade, conforme nos apontam Quadros e Karnopp (2004) para quem esta língua não é uma mistura de pantomima e gesticulação concreta, incapaz de expressar conceitos abstratos. A verdade é que ela pode comunicar quaisquer conceitos abstratos e se apresenta como um sistema gramaticalmente complexo, localizado no hemisfério esquerdo do cérebro, mesmo sendo de caráter espaço-visual (propriedades alocadas no hemisfério direito do cérebro), já que o hemisfério responsável pelo processamento da linguagem adota o espaço e a visão como recursos de representação linguística.

Além disso, antigas concepções acerca da Libras, como, por exemplo, a de que haveria falha na sua organização gramatical, ou que seria derivada de outras línguas ou dos gestos espontâneos dos ouvintes ou ainda que seria um *pidgin*⁵, sem estrutura própria, subordinada e inferior às línguas orais, ou que seria um sistema de comunicação superficial, com conteúdo restrito, ou que seria estética, expressiva e linguisticamente inferior ao sistema de comunicação oral e entre tantas outras, fizeram

emergir a necessidade de se sistematizar ainda mais pesquisas linguísticas sobre Libras no Brasil. O foco, portanto, tem estado nos estudos das categorias gramaticais que compõem essa língua. Para tanto, a grande maioria dos pesquisadores apóiam-se no primeiro trabalho conhecido sobre línguas de sinais nos Estados Unidos, por William Stokoe em 1960.

As discussões de Stokoe (1960) para a língua americana de sinais podem ser válidas também para a língua brasileira de sinais, considerando-se que são línguas co-irmãs, pois ambas têm sua origem na língua de sinais francesa. Essas discussões começam com a descrição da modalidade da língua, destacando que suas propriedades internas correspondem a critérios colocados por universais linguísticos e que a distinção está em sua forma de produção e recepção. A partir desse ponto, a língua de sinais americana foi estudada nos seus aspectos fonológicos, morfológicos e sintáticos.

O primeiro nível de análise, sobre o qual discorreremos, é o fonológico por ele ser o responsável pela regência das unidades mínimas de formulação linguística.

2.1 Aspectos fonológicos da Libras

Uma contribuição bastante significativa da corrente estruturalista quanto à caracterização das línguas naturais advém de Martinet (1978). O pesquisador diz que todas as línguas humanas possuem a dupla articulação. Por dupla articulação, entendemos um plano de conteúdo (composto por morfemas e palavras) e um plano isento de conteúdos (composto por fonemas). É bom lembrar que ambas as articulações são restritas nas línguas naturais, mas que sua combinação origina um número irrestrito de possibilidades significativas, sendo a Libras uma língua natural é também composta pela dupla articulação.

Podemos constatar tal fenômeno, conforme Leite (2008), por meio da junção das articulações dos fonemas⁶. Atendo-nos inicialmente a segunda articulação, vemos que Stokoe (1960) propôs três componentes da estrutura interna dos sinais, os quais são: Configuração de mão (CM), Localização (L) e Movimento (M). Isoladamente, esses parâmetros⁷ não têm conteúdo algum, porém quando os unimos podemos formar conteúdos irrestritos.

5 Pidgin é um sistema de comunicação precário. É uma língua emergencial porque aparece em situações extremas de barreiras à comunicação. (McCleary 2009: 21)

O primeiro parâmetro - configuração de mão - refere-se à forma que a mão assume na realização do sinal. Algumas destas configurações de mão correspondem às letras do alfabeto manual, mas não se restringem a elas. Para as configurações de mão da Libras, temos o quadro de Brito (1995) registrando 46 (quarenta e seis) configurações diferentes. Quadros & Karnopp (2004), por sua vez, apontam que essas configurações de mão são representações do sistema fonético da língua, considerando a inexistência de identificação quanto às configurações de mão básicas e às configurações de mão variantes.

Já em Felipe (2001), conforme vemos na tabela abaixo, encontramos a apresentação de 64 (sessenta e quatro) configurações de mão, sendo que estas podem dar origem a sinais da Libras se forem produzidas apenas com uma mão, com duas mãos com a configuração de mão diferente, ou ainda com as duas mãos, mas ambas com configurações de mão iguais.

⁶ A terminologia *querema* (do grego *quir*, mãos) foi empregada inicialmente por Stokoe (1960) com a finalidade de afastar a conceituação de unidade mínima do som. Porém, atualmente os pesquisadores de língua de sinais abandonaram o termo por entender o apontamento de Saussure (1970) quanto a isto. Para o pai da linguística, a forma do significante refere-se a uma imagem acústica convencional, abstraída de realizações fonéticas concretas e infinitamente variáveis; definição que torna o conceito suficientemente abstrato para abranger não apenas representações psíquicas de sons, mas também de gestos. (LEITE, 2008:22)

⁷ Apoiamo-nos em Stokoe (1960) quando usamos a palavra “parâmetro”, portanto, a entendemos como “componentes da estrutura interna dos sinais” e não a parametrização das línguas conforme aborda Chomsky (1957).

Figura 1: Quadro das 64 Configurações de Mão da Libras (Felipe, 2005)



A fim de elucidarmos as possibilidades de formação de sinal⁸ a partir da configuração de mão, seguem os exemplos:

⁸ Os sinais podem ser melhor visualizados se o mouse for posicionado sobre a primeira figura e posteriormente a seta 'para baixo' do teclado for pressionada, pois este recurso permite que os frames reproduzidos transmitam os movimentos dos sinais. Se ainda assim houver necessidade de verificação do sinal em movimento, o leitor poderá acessar o link ([DESTACADO EM AZUL](#)) clicando com o botão esquerdo do mouse e optando por Abrir Hiperlink e então os vídeos (do cd anexo) serão abertos na tela do computador.



Figura 2: Sinal de CERTO

Este é o tipo de sinal que se realiza com o dedo indicador e polegar tocando-se, a posição inicial é no espaço neutro, a orientação da mão é a colocação dos três dedos soltos a frente do corpo e o movimento a ser realizado é retilíneo na direção ‘para baixo’. Este sinal pode ser produzido com qualquer uma das mãos, pois o seu sentido não será alterado.

- Duas configurações de mão diferentes



Figura 3: Sinal de VERDADE

Neste tipo de construção a primeira configuração de mão é a base que se forma em B e a mão ativa se forma em P. Em outros casos parecidos com esse, outras configurações de mão poderão ser realizadas, mas a ordem de predominância será mantida, ou seja, uma mão será a base e a outra será a mão que ativará o movimento. Sobre a realização de um sinal que contém duas configurações de mão diferentes e que realiza movimentos apenas com uma das mãos, encontramos em Battison (1974) duas restrições que limitam consideravelmente as possibilidades articulatórias dos sinais. A primeira é a condição de dominância e a segunda é a condição de simetria. Por condição de dominância, o autor entende a ocorrência de sinais nos quais uma das mãos assume o papel ativo e a outra, um papel passivo. A mão passiva, neste caso, serve de base, de apoio para a realização do movimento da mão ativa. Antes de falarmos sobre a condição de simetria, vejamos a realização de um sinal com as duas configurações de mão iguais:

- Duas configurações de mão iguais:



Figura 4: Sinal de CASA

Sinais desta natureza são formados por duas configurações de mão iguais. É o caso do sinal apresentado acima que se realiza com ambas as mãos moldam-se em B, realizando um movimento simultâneo. Retomando as restrições articulatórias de Battison (1974), temos que em casos de sinais como este, em que as duas mãos estão ativas e realizam o mesmo movimento, há a condição de simetria estabelecida.

Tabela 1: Subdivisões dos principais pontos de locação

Sinal com locação nos olhos



Figura 5: Sinal de OLHOS

Sinal com locação na cabeça



Figura 6: Sinal de REI

Sinal com locação no queixo



Figura 7: Sinal de QUEIJO

Sinal com locação na boca



Figura 8: Sinal de SILÊNCIO

Sinal com locação na testa



Figura 9: Sinal de PENSAR

Sinal com locação na bochecha



Figura 10: Sinal de CHICLETE

Sinal com locação na testa



Figura 11: Sinal de **EDUCAÇÃO**

Sinal com locação na bochecha



Figura 12: Sinal de **AEROPORTO**

Sinal com locação no rosto



Figura 13: Sinal de **BONIT@**

Sinal com locação no pescoço



Figura 14: Sinal de **PODER** negação

O terceiro principal parâmetro – o movimento – é bastante complexo, considerando a vastidão de possibilidades. Em Strobel e Fernandes (1998) vemos que estes movimentos podem ser do tipo sinuoso, semi-circular, circular, retilíneo, helicoidal e angular, sendo possível produzi-los de forma unidirecional, bidirecional ou multidirecionalmente. Além disso, eles podem ser produzidos com diferentes tensões, velocidades e frequência os quais serão detalhados no capítulo dedicado ao estudo do aspecto. Antes disso, porém, apresentamos abaixo alguns exemplos de sinais produzidos com diferentes tipos de movimento:

Tabela 2: Tipos de movimento dos sinais da Libras

Movimento semicircular



Figura 15: Sinal de SURD@

Movimento retilíneo



Figura 16: Sinal de PROSEGUIR

O sinal SURD@ é realizado com o dedo indicador inicialmente colocado no ponto de articulação orelha e levado, com movimento semicircular, até o próximo ponto de articulação que é a boca. Quanto ao sinal de PROSEGUIR a configuração da mão é feita com os dedos juntos na horizontal, colocados sobre a mão passiva. A mão ativa deve fazer o movimento reto em direção à frente.

Movimento sinuoso



Figura 17: Sinal de MAR

Movimento helicoidal



Figura 18: Sinal de ÓLEO

O sinal MAR é realizado com movimento que ‘imitam’ as ondas do mar (subir e descer das águas) e forma um desenho sinuoso no ar. O sinal de ÓLEO é produzido com círculos que vão subindo, como se desenhassem a saída do óleo da lata, de forma helicoidal.

Movimento circular



Movimento angular



Figura 19: Sinal de **BICICLETA**

Figura 20: Sinal de **ELETRICIDADE**

O sinal BICICLETA reproduz movimentos circulares no ar por meio da alternância das mãos, enquanto que o sinal de ELETRICIDADE é feito por meio de pequenos movimentos angulares.

Além destes parâmetros, destacamos a orientação da mão e as expressões não-manuais. A orientação de mão é a direção que a palma da mão assume na realização do sinal. A palma da mão pode estar voltada

para cima, para baixo ou para o corpo de quem sinaliza, para fora, para a esquerda e para a direita. Esse parâmetro é de extrema relevância para o entendimento dos verbos com concordância, os quais serão abordados nas próximas sessões. As expressões não-manuais, conforme Quadros e Karnopp (2004) referem-se às expressões faciais e aos movimentos do corpo produzidos durante a realização do sinal ou realizados isoladamente para marcar construções sintáticas – marcar sentenças interrogativas, relativas, concordância, tópico e foco, marcar referência específica, referência pronominal, negação, advérbios, grau ou aspecto bem como para marcar afetividades conforme ocorre nas línguas naturais⁹.

Isto posto, passemos agora à algumas considerações teóricas quanto a morfologia e a sintaxe da Libras.

2.2 Aspectos morfossintáticos da Libras

Nesta seção temos a intenção de trabalhar de maneira conjunta com a morfologia e com a sintaxe que são dois diferentes níveis de análise da linguística. O nível morfológico - grosso modo - é aquele que compreende o trabalho de seleção dos sufixos e prefixos, enquanto que a sintaxe é a que trata da combinação das palavras na sentença. Porém, antes de explicarmos as razões pela escolha do apanhado conjunto entre morfologia e sintaxe, definimos que “palavra é a unidade mínima que pode ocorrer livremente em várias posições sintáticas” (Sandalo 2001, 183) enquanto que “os elementos que carregam significado dentro de uma palavra são rotulados de morfemas e são estes a unidade mínima da morfologia” (Sandalo 2001, 183). Na Libras, conforme Felipe (1998, 2001), os parâmetros fonológicos podem ser comparados também a morfemas, pois, às vezes, eles apresentam significado isoladamente, assim como ocorre em português, os fonemas podem ter a natureza de um morfema; por exemplo, os fonemas /a/ e /o/ podem ser artigos ou desinências de gênero, assim como o fonema /s/ pode indicar o plural. Do mesmo modo, em Libras, determinada configuração de mão, por exemplo, pode constituir um morfema como ocorre, por exemplo, com o sinal de DOIS-MESES no qual a configuração de mão carrega o significado

⁹ Quanto a isso destacamos ANATER, G. I. P. **As marcações linguísticas não-manuais na aquisição da Língua de Sinais Brasileira (LSB): um estudo de caso longitudinal**. UFSC (2009). A pesquisadora faz parte do mesmo grupo do qual somos participantes, o GPALS-UFSC, e em sua dissertação apresenta um estudo sobre o parâmetro fonológico a expressão não-manual e os processos de aquisição de tal elemento gramatical.

do numeral. Nesse caso, ela constitui um morfema preso, ou seja, não pode ocorrer isoladamente, mas somente com o outro morfema que indica MÊS. (Quadros & Karnopp, 2004). Em alguns sinais, no entanto, os parâmetros, isoladamente, não constituem morfemas, mas, quando articulados juntos, resultam em uma unidade com significado. O sinal ONTEM, por exemplo, é formado pelos parâmetros configuração de mão, movimento, locação e orientação, que constituem um único morfema, nesse caso, um morfema livre. Ainda de acordo com Brito (1995) há na Libras morfemas lexicais e morfemas gramaticais sendo que o primeiro seria a realização do sinal raiz (com a presença dos 2 principais parâmetros) e o morfema gramatical seria a realização do mesmo sinal lexical com variação no parâmetro movimento.

Isto posto, explanamos que desejamos abarcar o trabalho de maneira a atrelar estes dois campos de análise por estar na sintaxe a legitimação da realização morfológica da Libras. Não obstante, Anderson (1982) aponta que a morfologia é extremamente relevante para a sintaxe. Nesta discussão, ele diz que pelo menos uma classe de morfemas, aqueles conhecidos como morfemas flexionais, são relevantes para a sintaxe e não podem ser ignorados pelo componente sintático.

Cumpramos, ainda, esclarecer que a morfologia divide-se em morfologia derivacional e morfologia flexional. Atentando-nos a esta primeira, temos o seguinte excerto:

A morfologia derivacional tem a característica de alterar a categoria gramatical de uma palavra(...) Caso a categoria não seja alterada pela adição de um morfema derivacional, um novo traço de significado que pode ser parafraseado por uma palavra independente é adicionado. (...) A morfologia derivacional não é produtiva, isto é, não é qualquer morfema derivacional que pode ser adicionado a qualquer raiz. Morfemas derivacionais têm muitas restrições de coocorrência; Assim, podemos adicionar o morfema *iz* ao substantivo *hospital* e criar *hospitalizar*, mas não podemos adicioná-lo ao substantivo *clínica* e criar *clínizar*. Devemos dizer *clínica*, devemos memorizar que podemos dizer *hospitalizar* e que não podemos dizer *clínizar*. Este é um argumento para acreditar-se que a morfologia derivacional é um fenômeno lexical, uma vez que o léxico é visto neste modelo como um receptáculo de irregularidades e memorizações. SANDALO (2001:193)

Com esta definição em mãos, podemos entender que os estudos linguísticos quanto a morfologia da Libras, em sua grande maioria, têm se inserido neste foco (Brito 1995, Felipe 2001, Quadros e Karonopp 2004 e Leite 2008) e têm se dedicado a apresentar fenômenos desta língua tais como processo de formação de palavras e classificação das palavras. É o caso em que um nome pode derivar de um verbo por meio da repetição e do encurtamento do movimento do sinal como é o caso, por exemplo, de TELEFONE, que é produzido com a configuração de mão em Y, na locação perto da orelha e com movimentos curtos, leves e repetitivos na direção do espaço a frente do corpo do sinalizador, enquanto que TELEFONAR tem a mesma configuração de mão, a mesma locação, mas o movimento é mais alongado, firme e único¹⁰.

Outro processo de formação e classificação de palavras é por meio de incorporação¹¹ de numeral e de negação. No caso da incorporação de numeral, a configuração de mão que representa o numeral se combina com outro morfema preso para formar um sinal, por exemplo, no sinal de DOIS-MESES, anteriormente comentado, em que apenas a configuração de mão se modifica. Na incorporação da negação, um dos parâmetros do sinal é alterado, em especial o parâmetro do movimento. Em alguns casos, altera-se somente a expressão facial do sinalizador. Os sinais NÃO-TER e NÃO-CONHECER são exemplos de incorporação de negação através da alteração do movimento e da expressão facial respectivamente. Há pesquisadores, como Leite (2008), que têm dado à Libras o status de língua isolante, sendo portanto monomorfêmica uma vez que os processos morfológicos ocorrem por combinação de dois morfemas lexicais, resultando em uma composição como, por exemplo, o sinal IGREJA que é formado por CASA e CRUZ, dois sinais independentes que se juntam para formar uma palavra composta. Do mesmo modo, o sinal ESCOLA é formado pela combinação dos sinais CASA e ESTUDAR.

Entretanto, nosso trabalho isenta-se das descrições morfológicas derivacionais e adere a morfologia flexional para conceituação dos processos gramaticais da Libras. Neste sentido, a conceituação que estamos adotando advém de Kehdi (1997) e Sandalo (2002), sendo que desta última reproduzimos as colocações:

¹⁰ Se o movimento for alongado, firme e feito mais de uma vez pode dar a ideia de TELEFONAR várias vezes.

¹¹ Por incorporação entendemos a realização conjunta do sinal do numeral e do elemento a que se refere, como por exemplo, DOIS-DIAS se faz da mesma forma que o sinal raiz de DIAS mas com o sinal do número 2 associado aos parâmetros de realização do sinal de DIA.

Morfologia flexional não altera categorias. Ela estabelece ligações entre as palavras. Assim, na frase eu falo, o morfema o mostra que o sujeito da sentença é primeira pessoa. Na frase *os macacos caíram da árvore*, o plural no artigo s, indica que o núcleo do sintagma nominal é plural, e o morfema m indica que o sujeito da sentença é terceira pessoa do plural. A morfologia flexional é produtiva assim, qualquer verbo pode ser marcado por um morfema indicando terceira pessoa do plural e qualquer artigo pode ser pluralizado. Exceções são muito raras, enquanto exceções no paradigma derivacional são muito frequentes. SANDALO (2001:193)

Já que nosso texto tem como base a morfologia flexional, é importante aclararmos o que entendemos por flexão. Câmara Jr (1985) assinala que o termo “flexão” veio do alemão e era usado para indicar o desdobramento de uma palavra em outros empregos, mas que no português apresenta-se sob o aspecto de desinências ou sufixos flexionais. Para o autor, a flexão é a formação de uma palavra por meio de um morfema, constituindo uma ideia acessória em que o significado base não é alterado. Em outras palavras, isto demonstra que, nesta dissertação, flexão é definida como um processo pelo qual uma palavra é adaptada a um contexto, com o acréscimo de uma desinência correspondente à função que exerça na frase, de acordo com a natureza desta, numa relação fechada, indicando uma modalidade específica. Câmara Jr (1985) associa também ao conceito de flexão, a obrigatoriedade e a sistematização coerente sendo que estas são impostas pela própria natureza da frase.

Voltando à conceituação teórica a respeito da morfologia flexional destacamos que ela é responsável pelo processo de flexão nominal e flexão verbal. Desta feita, damos a conhecer cada um deles:

O primeiro processo, de flexão nominal, é utilizado para marcar as referências pessoais nos verbos com concordância. Em relação à sintaxe há que se lembrar que a Libras estabelece a maioria de sua organização sintática no espaço, obviamente, por ser esta sua natureza linguística. Desta forma, é preciso que o sinalizador defina pontos específicos no espaço à cada referente que aborda no discurso. Isto pode ser feito,

¹² A exceção desta construção sintática no espaço é o tópico e o foco, por exemplo, que são construídos pela expressão facial. Sobre isto, ver PIZZIO, A. L. A variabilidade da ordem das palavras na aquisição da língua de sinais brasileira: construção com tópico e foco. Dissertação de mestrado, Florianópolis: UFSC, 2006.

conforme nos apontam Quadros & Karnopp (2004), de várias maneiras, inclusive por um sinal classificador no referido ponto ou por apontação. A apontação, elemento importante no processo de aquisição de linguagem da criança surda, acontece em dois casos: quando o referente não está presente no momento da enunciação ou quando ele está fisicamente no mesmo ambiente de quem fala. No primeiro caso, o sinalizador vai estabelecer, aleatoriamente, um ponto no espaço de sinalização para se referir ao sujeito e/ou objeto e fazer as apontações devidas, ou seja, sempre que precisar retomar o referente. Estando o sujeito e/ou objeto visíveis, basta que a apontação seja feita diretamente ao referente presente.

Quanto à flexão verbal, temos a possibilidade de flexão para pessoa (para verbos com concordância), número (para verbos com concordância), grau¹³, locativos (para verbos espaciais) e aspecto¹⁴ (para verbos simples, para verbos com concordância, para verbos espaciais)¹⁵.

O verbo FALAR é produzido com a configuração de mão em Y (mão fechada, dedos mínimo e polegar abertos). O ponto de articulação inicia-se com o polegar próximo a boca do sinalizador e movimenta-se na direção de quem receberá a FALA. Isto quer dizer que, se a pessoa que será o receptor está à direita do emissor, a direção do movimento será à direita, se o receptor da FALA está à esquerda o ponto inicial do movimento permanece sendo na boca, mas a trajetória do movimento será a esquerda e assim sucessivamente para todas as diversas localizações possíveis para o receptor. Assim, a concordância na Libras está na sentença: ^{1s}FALAR^{2s}, ou seja, a primeira pessoa do discurso – EU – falo (verbo com concordância) para segunda pessoa do discurso – VOCÊ – Ocorre que

¹³ Há muitas considerações divergentes na literatura quanto ao problema do grau ser ou não um processo flexional pois em PB, por exemplo, ele não implica concordância. Kehdi (1997) diz que já que não há concordância e nem obrigatoriedade de uso do grau ele não constitui um caso de flexão.

¹⁴ Com relação a flexão para aspecto, não daremos neste momento nenhum tratamento visto termos neste texto um capítulo dedicado exclusivamente à sua descrição.

¹⁵ Há na LIBRAS quatro tipos de verbos, a saber: verbos simples, verbos com concordância, verbos espaciais e verbos manuais. Verbos simples são aqueles que não se movimentam de um ponto a outro, são realizados no espaço neutro ou ancorados no corpo. Os verbos com concordância são aqueles produzidos na direção dos argumentos, carregam os traços de pessoa e número, indicando o sujeito e o objeto da sentença. O verbo, portanto, movimenta-se de um ponto a outro, acompanhado da direção do olhar. O ponto inicial do movimento, que contém morfema de número e pessoa, indica o sujeito; do mesmo modo, o ponto final indica o objeto. Verbos espaciais são aqueles que selecionam argumentos locativos. Verbos manuais não têm flexão, apenas incorporam a ação, por exemplo: COLOCAR BOLO-NO-FORNO E SENTAR-NO-MURO.

em alguns casos, a trajetória do movimento é oposta: inicia-se no objeto indo em direção ao sujeito. Estes verbos são chamados verbos reversos (*backward verbs*). É o caso, do sinal FALAR abaixo ilustrado, ser concordado para ${}_{2s}$ FALAR ${}_{1s}$. Neste caso, haverá inversão do ponto inicial do sinal que ao invés de ser na boca será no ponto de localização que está referenciado para o objeto (segunda pessoa do discurso), assim o papel temático de agente e tema são marcados pelo início e final do movimento nos verbos com concordância.

Tabela 3: Concordância do verbo FALAR



¹⁶Figura 21: _{1s} FALAR _{2s}



Figura 22: _{2s} FALAR _{1s}

¹⁶ Maiores detalhes sobre as transcrições adotadas no texto estão expostos na III parte, adiantamos, entretanto que as pessoas do discurso são transcritas como: 1s = 1 pessoa e assim sucessivamente.



Figura 23: ${}_{2s}$ FALAR ${}_{3s}$

Explicando a concordância para pessoa apresentada acima, entendemos que há um processo morfológicamente complexo envolvido nesta realização, pois, segundo Meir (2002), é possível visualizar três componentes:

- A raiz do verbo FALAR (Composta pela configuração de mão).
- Um morfema direcional – o movimento da trajetória, denominado DIR (Directional)- marca o argumento semanticamente.
- Um afixo verbal – a orientação da mão (Constitui-se da direção inicial que a mão assume, antes da realização do movimento. No caso, desse verbo, se mão estará configurada com os dedos para dentro como em ${}_{1s}$ FALAR ${}_{2s}$ ou para fora como em ${}_{2s}$ FALAR ${}_{1s}$).

Tal processo, morfológicamente complexo, é realizado pela criança que estamos investigando quando ela está em interação com o interlocutor que pede para que ela lhe fale algo. Ela produz esta sentença, repetindo o que o adulto tinha sinalizado, pois havia muitas perguntas feitas

para as quais a criança não dava resposta, até em que dado momento, o interlocutor sinaliza: ${}_{2s}$ FALAR ${}_{1s}$ e ANA a imita.



Figura 24: ANA com 2:2 aprendendo o sinal de ${}_{2s}$ FALAR ${}_{1s}$

Vemos aqui a criança configurando a mão em Y (como ocorre no sinal raiz), aproximando o ponto de articulação inicial onde encontra-se o terceiro e movimentando-o em sua direção, pois ela que receberá a FALA. Este é um exemplo claro da trajetória do movimento sendo oposta, iniciando-se no objeto indo em direção ao sujeito, ou seja, ANA produz verbos reversos (*backward verbs*). Sendo assim, percebemos que há dois processo morfológicamente complexo envolvido na realização do sinal. O primeiro, segundo Meir (2002), é a presença do morfema direcional – o movimento da trajetória, denominado DIR (Directional) que está marcando o argumento semanticamente, e o segundo, de acordo com Finau (2004a) é a presença da desinência verbal (movimento reto, curto e abrupto), posteriormente explicado por nós.

Em relação à flexão para número, apontamos sua possibilidade de indicação do singular, do dual, do trial e do múltiplo. Existem várias formas de substantivos e verbos apresentarem a flexão de número na Libras. Uma delas é a diferenciação entre singular e plural realizada por meio da repetição do sinal. A flexão de número refere-se à distinção feita para um, dois, três ou mais referentes. A seguir, apresentamos alguns exemplos do sinal ENTREGAR com concordância para número:

Tabela 4: Concordância do verbo ENTREGAR



Figura 25: 1_s ENTREGAR 2_s



Figura 26: 1_s ENTREGAR 2_s+3_s



Figura 27: Sinal de $1s$ ENTREGAR, $2s+3s+4s$



Figura 28: $1s$ FALAR, vários

Destacamos que as flexões para pessoa e número são exclusivamente para os verbos com concordância, pois os verbos simples não permitem tal flexão. Um exemplo de um verbo simples é GOSTAR, pois indiferente da sentença ser EU GOSTAR VOCÊ ou VOCÊ GOSTAR MIM o sinal será realizado da mesma forma, ou seja, com a manutenção da configuração de mão, da direção e da orientação do sinal. Isto porque,

nos verbos chamados de simples, são ausentes os processos morfológicos complexos como DIR e afixo, pois estes estão presentes apenas nos verbos com concordância.

Já a flexão para grau é a modificação paramétrica capaz de apresentar distinções para ‘tamanhos’. A seguir, apresentamos exemplos para flexão nominal de grau para CASA:

Figura 29: Sinal de **CASA**



Figura 30: Sinal de **CASINHA**



E quanto à flexão de locação temos a incorporação de locativo que demonstra o trajeto percorrido desde o seu início até o local de chegada, como é o caso do verbo IR. Percebemos que a marca morfológica do verbo serve para demonstrar o trajeto e a direção percorrida. Conforme vemos na figura abaixo, o morfema direcional (DIR) e o afixo verbal (orientação da mão) são presentes também neste tipo de flexão:

Figura 31: Sinal de IR



Como a morfologia flexional compreende os processos de flexão nominal e flexão verbal responsáveis pela concordância sintática dos elementos gramaticais, entendemos, de acordo com Mesquita (2008), que tais fenômenos se justificam na existência do ‘parâmetro *pro drop*’, também chamado de ‘parâmetro do sujeito nulo’. Este parâmetro está vinculado ao Princípio de Projeção Estendido (EPP), que postula que toda sentença deve ter um sujeito. Algumas línguas admitem que este sujeito seja representado por uma categoria vazia, denominada *pro*. É necessário que a língua tenha morfologia flexional rica para permitir a categoria vazia *pro*.

Ademais, a autora diz que a Libras é uma língua *pro drop*, pois admite o apagamento, não apenas do sujeito, mas também do objeto. Esta

característica, entretanto, é exclusiva dos verbos com concordância, pois, conforme mencionado, o parâmetro *pro drop* está associado à flexão do verbo. Como os verbos sem concordância não apresentam flexão de número e pessoa, os seus argumentos devem ser lexicalmente realizados. Quanto a isso, Quadros (1995) aponta que:

O parâmetro pro-drop distingue línguas do tipo do italiano, que permitem sujeito sem matriz fonética, de línguas do tipo do francês, que não permitem. A Gramática Universal (UG) - estado inicial da linguagem – requer evidências para fixar os parâmetros em um determinado valor conforme as propriedades das línguas. O parâmetro pro-drop envolve o elemento flexional – INFL (*inflection*) - ou, mais precisamente, o elemento de concordância - AGR (*agreement*) -, que é o componente mais importante de INFL quanto às teorias da regência e ligação. A intuição apresentada em Chomsky (1981) é de que onde há AGR rica, o sujeito pode ser foneticamente nulo, uma vez que o apagamento pode ser recuperado através do conteúdo de AGR. Chomsky acaba se decidindo por adotar a regra R nas línguas pro-drop que faz a afixação de AGR sobre o verbo já na sintaxe. (p. 10)

De acordo com Brito (1995) e Quadros e Karnopp (2004), muitas vezes, os argumentos dos verbos são realizados lexicalmente pelos pronomes¹⁷ EU e VOCÊ. Em outras ocasiões, os pronomes estão nulos, pois a flexão do verbo é suficiente para que eles sejam identificados. Portanto, os argumentos deste verbo são representados pela categoria vazia *pro*.

Além do parâmetro *pro drop*, ser um argumento capaz de demonstrar que a Libras possui morfologia flexional (por conta da concordância verbal) ele também contribui para o desenvolvimento da análise da ordem dos constituintes sintáticos desta língua. Conforme Quadros e Karnopp (2004), a ordem dos elementos na sentença é, geralmente, SVO (sujeito – verbo – objeto) - ordem básica da Libras. Além desta, há também as possibilidades das OSV, SOV e VOS, sendo todas elas deriva-

¹⁷ Os pronomes EU e VOCÊ na LIBRAS se realizam apontando-se o dedo indicador para o peito do emissor e para o receptor respectivamente.

das da ordem canônica e construídas a partir de operações sintáticas tais como topicalização ou focalização, conforme pesquisa de Pizzio (2006). Tendo visto um panorama geral sobre a estrutura interna da Libras, seus aspectos fonológicos e morfossintáticos, passemos agora ao estudo da categoria aspectual.

RESUMO DA I PARTE

Nesta primeira parte apresentamos a vertente teórica que temos adotado no trabalho, que é a teoria gerativa, na sua versão minimalista. Abordamos as ideias de Chomsky (1957) quanto ao DAL, a GU, e o problema de Platão e sob esta ótica adotamos que o conceito de linguagem é a capacidade mental de todo ser humano, é uma função mental inata, enquanto que língua é um conjunto de regras que geram infinitas sentenças. Por adotarmos este conceito de língua é que passamos a conhecer esses conjuntos de regras da língua brasileira de sinais. Mencionamos ‘língua’ já que seu *status* linguístico está assegurado social e academicamente. Primeiramente, arrolamos os cinco parâmetros fonológicos necessários à formação de sinais da Libras: configuração de mão, ponto de articulação, movimento, expressão facial e orientação da mão. Depois consideramos que em alguns casos, os parâmetros, isoladamente, podem ser considerados morfemas, enquanto que em outros constituem-se como morfemas apenas se realizados conjuntamente e por isso, adotamos, neste texto, o termo ‘morfemas’ para nos referirmos as realizações de parâmetros associados, especialmente, o movimento (que é o morfema gramatical da Libras, conforme Brito, 1995). Nesta dissertação, flexão é entendida como processo de acréscimo de uma desinência para adaptar-se ao contexto imposto pela sentença. Na Libras, isso ocorre pela alteração do movimento, ou seja, a flexão verbal para o aspecto se dá – gramaticalmente – pelo acréscimo de uma desinência (movimento e direção) diferente da raiz verbal.

II PARTE

INVESTIGANDO A CATEGORIA ASPECTUAL

O aspecto é uma categoria linguística que não encontra terreno homogêneo na literatura. Muitas são as definições empregadas para conceituá-lo assim também como para descrevê-lo. Por isso, nesta II parte não vamos narrar exaustivamente as várias vertentes teóricas, mas pretendemos apresentar um panorama geral bem como algumas reflexões relativas a conceituação verbal via Comrie (1976) e Verkuyl (1993) para que os leitores que não são da área da aspectualidade sintam-se agregados. Além disso, nosso objetivo é contribuir com o postulado que apregoa a universalidade das categoriais aspectuais, visto que tomamos os princípios linguísticos inatos para defender que as pessoas organizam a temporalidade¹⁸ a partir de suas habilidades cognitivas humanas. É claro, que não podemos deixar de considerar as variações paramétricas, como é o caso da distinção que cada língua dá para marcação do aspecto gramatical e como veremos, no caso da Libras, esta parametrização está no movimento do sinal. Não obstante, os postulados teóricos aqui elencados nos servirão de aporte quando na análise dos dados desta dissertação. Neste sentido, o capítulo 1 é dedicado à análise das propriedades dos verbos na realização da categorização da temporalidade, enquanto que no capítulo 2 nos dedicamos ao esboço da realização da temporalidade via categoria aspecto. Seguimos á seção 2.1 apresentando a oposição aspectual entre perfectivo e imperfectivo e exploramos as possibilidades de suas realizações por expedientes lexicais e gramaticais.

CAPÍTULO 1: PROPRIEDADES DOS VERBOS: TEMPO X ASPECTO

Tanto aspecto quanto tempo são noções que se referem à temporalidade dos eventos, porém, sob diferentes perspectivas. Nesta seção, vamos dar a conhecer as especificidades e a descrição da categoria tempo.

A conceituação mais básica de tempo é que ele é uma categoria gramatical dêitica que expressa o momento em que ações verbais acontecem

¹⁸ Neste texto o termo temporalidade tem o significado de como os falantes 'lidam' com a duração dos fatos e quando eles aconteceram, sem significar a marcação linguística de TEMPO, pois este é tido, apenas como parte da TEMPORALIDADE.

e por isso, pode definir a existência de três tempos linguísticos: presente, passado e futuro. Sobre questões como estas e sobre outras peculiaridades teóricas da conceituação da categoria tempo há uma vasta literatura, nas quais encontramos diferentes abordagens e discussões dos autores. É o caso, por exemplo de Benveniste (1989) que diz que o tempo linguístico é aquele que realiza o tempo dos homens instaurando-o em um discurso, levando em consideração o momento da fala como ponto de referência para situar os acontecimentos. Para este autor, o tempo linguístico é singular por este ser organicamente ligado ao exercício da fala, o fato de se definir e de se organizar como função do discurso. Cada vez que um locutor emprega a forma gramatical do presente ele situa o acontecimento como contemporâneo da instância do discurso que menciona como em ‘eu amo você’ ou ainda o emprego da forma gramatical de presente pode denotar hábitos como em ‘ele fuma’. Neste sentido, todo discurso instaura um agora, que equivale ao momento da enunciação, o qual transcorre no tempo presente linguístico, em que existe uma concomitância entre o evento narrado e o momento da narração, e um agora em que acontece a não-concomitância, a qual se divide em anterioridade e posterioridade ao agora. Há, também, autores mais recentes como Fiorin (2002), que postulam três momentos relevantes na constituição do tempo: momento da enunciação (ME), momento de referência (MR) e momento do acontecimento (MA). Ele afirma que a temporalidade instaurada pela língua refere-se também às relações de sucessividade entre estados e transformações representados no próprio discurso. Com isso, o autor aponta para existência de dois sistemas temporais: o enunciativo - relacionado diretamente ao momento da enunciação (ME), organizado em função do presente que já está implícito na enunciação e o enuncivo, ordenado em função de momentos de referência (MR) instalados no enunciado.

Há que se destacar, entretanto, que Reichenbach¹⁹ (1947) tem sido o grande marco teórico e suas postulações têm servido de base a outros estudos acerca do tempo. Este autor analisa a lógica da manifestação temporal e realiza uma interpretação linguística da categoria tempo com base em três conceitos: momento de fala, momento do evento, momento de referência. Tal representação objetiva organizar as manifestações temporais das línguas naturais, para então localizar os acontecimentos no eixo temporal. Dessa forma, em relação ao momento de fala, o momento do evento pode se nortear de modo anterior, simultâneo e posterior, dan-

¹⁹ Antes de Reichenbach, Prior (1930) conceituou o tempo como dêitico.

do a representação de passado, presente e futuro. Por meio do momento de referência, em relação ao qual o momento do acontecimento também se norteia em termos de anterioridade, simultaneidade e posterioridade, podemos obter codificações mais complexas, uma vez que o próprio momento de referência se norteia em relação ao momento de fala.

Seguindo o ponto de vista reichendbachiano, num enunciado como “Mamãe chegou, quando ANA estava no banho”, “estar no banho” é o momento de referência para “chegar” (momento do evento), ambos orientados em relação ao momento da fala, sendo que “chegar” é simultâneo a “estar no banho”, e os dois são anteriores ao momento de fala.

Os três conceitos de tempo dados por Reichenbach (1947) podem ser aplicados a quaisquer línguas, porém, sua expressividade se dará por expedientes linguísticos distintos. Neste sentido, passaremos à demonstração de algumas possibilidades de expressão do tempo na Libras, já que esta língua está contemplada em nosso estudo.

De acordo com Finau (2004a), na Libras, assim como em outras línguas, o tempo pode ser expresso por operadores temporais específicos: PASSADO, PRESENTE, FUTURO na sentença. Por exemplo, para o tempo passado, conforme figura abaixo, existe um marcador temporal específico que é formulado com a configuração de mão no espaço próximo ao ombro e com movimento dos dedos para trás.



Figura 32: Sinal de PASSADO

Quanto à produção deste sinal, a autora diz que ele não segue as antigas relações de produção de PASSADO que somente o sinal estar para trás do ombro denota passado, pois para que se complete a ideia de posterioridade ao momento da fala é preciso também que o sinal seja produzido para baixo. Neste caso, este operador temporal específico – morfema livre - obedece ao critério “para trás e para baixo²⁰” e então, remete ao referido tempo linguístico: passado. Quando este sinal ocorre no início da narrativa ele serve para ‘conjuguar’ o tempo de toda a sentença e esta informação vai se prolongar até o próximo operador temporal aparecer – para então mudar a temporalidade da frase. Eventualmente o sinal de PASSADO pode aparecer no final da sentença, depois da realização de todos os verbos e complementos. Assim podemos perceber que há flexibilidade sintática para colocação do sinal de tempo e que não há obrigatoriedade de uso deste morfema próximo ao verbo. Esta característica sintática é válida para todos os operadores temporais.

Já o presente é marcado com o marcador temporal AGORA/HOJE que é sinalizado com ambas as mãos abertas, dedos juntos, palmas voltadas para cima e com um movimento simultâneo de aproximar e afastar as mãos, de modo que os dedos mínimos quase se tocam e paralelamente se distanciam. Abaixo o sinal de AGORA/HOJE é exemplificado.

²⁰ Se não for produzido desta forma, ou seja, se o sinalizador fizer os movimentos para cima e/ou para frente, haverá um fenômeno agramatical.



Figura 33: Sinal de AGORA/HOJE/PRESENTE

O futuro também é sinalizado com um marcador temporal; o sinal de FUTURO. Conforme se vê na figura abaixo, o sinal é produzido com a configuração de mão em F, sendo que o posicionamento inicial da mão é no espaço neutro na altura do rosto e o movimento produzido é de afastar a mão para longe do rosto, em direção diagonal à frente, de modo que fique longe do rosto:



Figura 34: Sinal de FUTURO

Estes três sinais são os principais marcadores dos conhecidos tempos linguísticos: passado, presente e futuro, mas como a língua é um sistema dinâmico e flexível, sua temporalidade vai além dos estabelecimentos tradicionais de tempo e ocupa-se também da marcação interna aos eventos. Isto significa dizer que, dependendo da posição em que os sinais de PASSADO e FUTURO estejam na frase, eles podem estar demonstrando intervalos que ocorrem no passado. Neste sentido, haverá denotações de ‘posteriormente’ ou ‘antes disso’, referindo-se a situações já ocorridas, conforme podemos ver nos exemplos abaixo:

(01) EU ANO 2000 CASAR **FUTURO** NASCER FILHO 2003²¹.

O sinal destacado demonstra intervalo que ocorreu no passado, sua

²¹ Sentenças da língua portuguesa são exemplificadas com letras minúsculas e sentenças da Libras são exemplificadas com todas as letras maiúsculas.

leitura, portanto é de **posteriormente**.

Tradução: Eu me casei em 2000 e posteriormente nasceu meu filho.

(02) EU ANO 2000 CASAR **PASSADO** 3-ANOS NAMORAR.

A palavra destacada demonstra intervalo que ocorreu no passado, sua leitura, portanto é de **antes disso**.

Tradução: Eu me casei em 2000, antes disso, namorei três anos.

Como já vimos na seção destinada à estrutura gramatical interna da Libras, é sabido que esta língua possui uma morfologia flexional que emprega variação no movimento do sinal e que com isto, é capaz de expressar conceitos diferentes do sinal raiz. Neste sentido, para Finau (2004a) se o sinal de PASSADO sofrer ampliação dos movimentos dos dedos para o braço e houver um afastamento do cotovelo, além do reforço na expressão facial, será denotado PASSADO DISTANTE. Tal variação pode se dar em níveis distintos e caracterizar uma gradação temporal, ou seja, é possível que a diminuição do movimento somente para ponta dos dedos e uma aproximação do cotovelo ao tronco do sinalizador e também uma expressão facial reduzida, gere o sinal de PASSADO RECENTE, conforme as ilustrações abaixo:



Figura 35: Sinal de **PASSADO RECENTE**



Figura 36: Sinal de PASSADO DISTANTE

Finau (2004a) colocando as possibilidades de ampliação/redução do movimento do sinal passado para denotar gradação temporal, nos permite inferir que também ocorrem flexões morfológicas - via alteração do movimento - no sinal PRESENTE, e daí então, temos a variação para IMEDIATAMENTE / JÁ / NESTE INSTANTE. Sua realização se dá com o aproximar das mãos e com movimentos mais rápidos, curtos e abruptos. Se o movimento for 'neutro' e mais repetido a leitura é de AGORA/ HOJE/PRESENTE.



Figura 37: Sinal de IMEDIATAMENTE

Finau (2004a) diz que o sinal de FUTURO, sendo ampliado com alongamento do braço para frente e a expressão facial com reforço no olhar ao longe, caracteriza-se por FUTURO DISTANTE. Ou se ocorrer a diminuição do alcance do braço com uma expressão facial menos intensa, obtém-se o FUTURO PRÓXIMO:



Figura 38: Sinal de FUTURO PRÓXIMO



Figura 39: Sinal de FUTURO DISTANTE

A flexão morfológica compreende qualquer alteração no movimento do sinal ‘padrão’, chamado também de sinal raiz e quanto a isto, Finau

(2004a) nos dá um exemplo do sinal de ANO que na caracterização da temporalidade na Libras pode sofrer mais intensidade na produção e ser realizado várias vezes e dar a ideia de MUITOS-ANOS. Assim como, se for feito com um movimento para trás, passa a ideia de ANO-PASSADO e se o movimento for para frente será ANO-QUE-VEM.

A autora aponta, ainda, que além destes três principais sinais – PASSADO/PRESENTE/FUTURO – há outros que podem expressar a categoria tempo. São os sinais adverbiais: ONTEM, ANTES, DEPOIS, SEMPRE, NUNCA, ANTEONTEM, AMANHÃ, SEMANA-PASSADA, SEMANA-QUE-VEM. Quando estes itens lexicais aparecem na frase, normalmente, eles são inseridos no início da narrativa e servem para ‘conjuguar’ o tempo de toda a sentença. Assim sendo, o pressuposto da temporalidade marcada inicialmente é mantido até que apareça outro marcador temporal. Estes advérbios geralmente vêm no começo da frase, mas podem também aparecer no final. Apenas com fim elucidativo, seguem as figuras:



Figura 40: Sinal de ONTEM



Figura 41: Sinal de ANTEONTEM

Ainda de acordo com Finau (2004a), além do tempo na Libras ser marcado por operadores temporais, por flexão e por advérbios ele também conta com expressões quantizadas para sua realização. Quando adentramos na parte que trata especificamente do aspecto na Libras,

veremos que o emprego dos operadores temporais e/ou de expressões quantizadas passará a chamar-se *End Point* pois serve como um modificador aspectual, no sentido de que uma sentença aberta com verbo imperfectivo torna-se fechada (perfectiva) pela ocorrência de *End Points* mas por ora vamos ver seu emprego em relação a categoria tempo. Numa sentença como “ANA ESTUDAR ATÉ QUARTA SÉRIE” vemos que o emprego do sinal QUARTA SÉRIE é uma descrição definida que indica um ponto final, ele serve como um limitador.

Mas a expressão da categoria tempo na Libras não conta apenas com léxicos específicos para sua realização pois muitas vezes é preciso recorrer ao contexto da sinalização para a interpretação temporal. Finau (2004a) apresenta a teoria da análise pressuposicional para justificar a leitura temporal de sentenças que não contenham operadores temporais específicos, advérbios ou quantificadores. Tal teoria postula que mesmo não havendo marcas temporais explícitas (operadores ou flexões) na sentença é possível perceber o tempo principalmente pelo conhecimento compartilhado entre os interlocutores.

A leitura de tempo durante o ato conversacional ou discursivo pode ser estabelecida por pressupostos da pragmática generalizada, o *common ground* (conhecimento compartilhado pelos falantes). Isto implica em conhecimentos de mundo que os interlocutores compartilham e que possibilitam uma flexão semântica para os verbos e as devidas distinções temporais, conforme observado no exemplo abaixo:

(03) NAMORAR, CONVERSAR, FUTURO CASAR

“Namoraram, conversaram e no futuro casaram...”

Neste exemplo, colocado por Finau (2004a), e sua análise subsequente é de que a referência temporal é implicitamente dada, provavelmente pela sequência discursiva para a narrativa. Nas palavras da autora: O locutor pode se valer da suposição de que seu interlocutor tenha como familiar, em um dos seus mundos possíveis, que é preciso namorar, conversar, para depois se casar. Esse conhecimento compartilhado hipotético auxilia a interpretação temporal dos eventos. (FINAU, 2004a, p. 140).

Quer dizer, o falante escolhe significados restritos a sua língua que podem ser presumíveis pela inferência do outro e assim acontece a restrição temporal. Finau (2004a) coloca que há nesta teoria três princípios norteadores de escolhas de seleção linguísticas que o falante opera. Estes princípios,

chamados também de heurísticas, compõem uma organização interpretativa dos enunciados. Para Levinson (2000), as determinações temporais dadas a partir de implicaturas conversacionais generalizadas são:

1) O que não é dito não é.

Esta heurística propõe um contraste na restrição da seleção do que é dito e do que não é dito. Então, se há ausência de determinado fator temporal, este elemento ausente, não poderá ser o escolhido para interpretação da estrutura frasal. Se não foi dito, não deve estar presente na interpretação temporal. Assim, Finau (2004a) aplica esta heurística para Libras e diz que se a sentença não apresentar o sinal FUTURO, a sentença não pode ser interpretada estando no futuro. Neste sentido, abaixo transcrevemos sentenças da Libras e sua subsequente interpretação, de acordo com esta heurística:

a) VOCÊ HOJE BONIT@.

Você está bonita(o) hoje.

b) VOCÊ BONIT@.

Você está bonita(o).

c) VOCÊ BONITA ONTEM.

Você estava bonita(o) ontem.

d) VOCÊ CASAR_{interrogativa?}

Você casou?

e) VOCÊ FUTURO CASAR_{interrogativa}

Você vai casar? Ou Você casará?

Vemos que sentença (a) possui o marcador de presente, então é interpretado como presente. Este marcador, segundo Quadros e Karnopp (2004) poderia vir antes do depois do adjetivo. Vemos que a sentença (b) possui um ‘marcador pragmático’ que ocorre por meio de um discurso comum em que um falante olhando a pessoa pode passar seus olhos por todo seu corpo e emitir a sentença que será interpretada com MF simultâneo ao ME, ou seja, no presente. Neste caso, não há denotação de um evento pontual, por isso podemos interpreta-lá como no presente mesmo sem o operador HOJE.

Da mesma forma ocorre com as sentenças (c) e (d) que pode ser interpretado no passado, tendo ou não um marcador lexical, pois na ausência deste, como em (d), o conhecimento compartilhado dá conta da interpretação temporal, como por exemplo, se os falantes se encontrassem

depois de algum tempo sem se ver e quisessem verificar o estado civil da outra pessoa. Além disso, é possível perceber que o MR ocorre antes do MF, como um todo, então podemos interpretar a sentença como passado.

Já com relação ao futuro, a interpretação pode ser dada apenas com a marcação através do uso do operador temporal.

2) Aquilo que é simplesmente descrito é um exemplo estereotipado. Este é o princípio que trata das ampliações interpretativas feitas pelo interlocutor, ou seja, ele recebe uma descrição mínima e traz a tona, na conversação, todo seu conhecimento de mundo e tem, então, uma interpretação maximizada. Em Finau (2004a) vemos que de acordo com os estereótipos dados, no caso da Libras, são os sinais FUTURO, PASSADO, HOJE/AGORA. Para fins de exemplificação, abaixo transcrevemos algumas sentenças da Libras:

a) CASAR ANO 2000 FUTURO MULHER^FILH@ NASCER CRESCER.

Casei em 2000 e posteriormente minha filha nasceu e cresceu.

b) PASSADO ESTUDAR ESFORÇAR PASSAR 8ª SÉRIE.

Estudei, me esforcei e passei para 8ª série.

Como esta heurística nos diz que o que é descrito (FUTURO, em (a) e PASSADO em (b)) é apenas um exemplo estereotipado, podemos inserir uma ampliação interpretativa para a leitura das sentenças. Então, no caso de (a), não poderíamos interpretar a sentença como ‘Vou me casar em 2000 porque o verbo não foi marcado para futuro, mas, o que ocorre é que o MR acontece antes do MF – como um todo – vamos interpretá-lo no passado. Porém, inferimos – por esta heurística – que o sinal FUTURO colocado nesta ordem vem marcar um intervalo entre dois eventos: o casamento e o nascimento da filha.

Da mesma forma, o sinal estereotipado da sentença (b) nos faz ampliar nossa interpretação temporal não só para o verbo que está próximo a ele, mas a todos os demais da sentença, até que apareça outro marcador. Além disso, o operador poderia ter sido colocado ao final da sentença que daria a mesma interpretação.

3) Aquilo que é dito de uma maneira anormal, não é normal.

Esta é a heurística que viabiliza a interpretação aspectualizada para marcadores que sofrem alteração morfológica. Isto quer dizer que

se um sinal foi flexionado por meio de alteração no parâmetro movimento, ele revela ‘algo a mais’ do que sua lexicalidade permite expressar. É o caso do sinal PASSADO que quando flexionado tem um significado a mais no enunciado, pois não foi dito de uma forma normal.

Com isso temos as sentenças:

- a) PASSADO CASAR.
- b) PASSADOflexão para passado distante CASAR.

Então, quando o sinalizador diz PASSADO CASAR com os movimentos ‘normais’ (dedos produzindo movimento para trás, na locação perto do ombro) ou quando ele diz PASSADO CASAR (com braço afastado do tronco e com toda a mão fazendo movimento para trás) a sentença não poderá ser interpretada da mesma forma. Há uma maneira diferente na sinalização e esta deve ser considerada, no caso, é a gradação temporal, pois na segunda sentença a pessoa está dizendo que se casou há muito tempo atrás.

São as heurísticas de Levinson (2000) que aplicadas ao estudo da temporalidade na Libras permitem multiplicar o conteúdo informacional de qualquer sentença, considerando a concordância implícita entre os interlocutores. Para Finau (2004a), estes três princípios norteiam o *status* da interpretação do tempo das sentenças.

Como não temos aqui a intenção de exaurir as descrições quanto a categoria de tempo, mas apenas a de colocá-la em oposição a categoria aspectual, findamos as descrições temporais e passamos a conceituação do aspecto.

CAPÍTULO 2: CATEGORIA ASPECTO

Contrariamente ao conceito de ‘dêítico’ que o tempo possui, o aspecto é uma categoria não-dêítica que marca a duração de um determinado evento ou as fases pelas quais passa. Esta definição advém de Comrie (1976) e é o conceito que tomamos para definir aspecto.

Como já definimos o conceito de aspecto e as suas possibilidades de marcação, destacamos que no concernente as línguas de sinais as produções de aspecto – especialmente o gramatical – contam com a variação do parâmetro movimento para sua realização. O que pudemos ter acesso na literatura sobre isso foi que nas línguas de sinais (LGP, IPSL e ASL)²²

o aspecto se produz por meio da variação nos parâmetros movimento: intensificação, duração, amplitude, tensão – chamado por alguns pesquisadores de *aspectual modulação*. Além deste parâmetro, a expressão facial também é um modificador importante e indispensável ao sinal aspectualizado e repetição do sinal do próprio verbo (Amaral, Coutinho e Martins, 1994). Há, ainda, casos, como IPSL, em que a língua dispõe de sinais modificadores que são usados para demonstrar a aspectualização. Na Libras, encontramos o mesmo comportamento, o qual descrevemos logo mais, antes disso, porém, é importante considerarmos que em referências que tratam sobre o estudo do aspecto, é muito recorrente encontrarmos menção a chamada oposição aspectual básica.

2.1 Oposição Aspectual: Perfectivo X Imperfectivo

Há para Comrie (1976) duas formas de manifestação do aspecto: a lexical e a gramatical. Porém, tomando a questão da oposição aspectual (perfectivo e imperfectivo) é necessário pensarmos como elas se realizam. O aspecto lexical refere-se as propriedades inerentes do núcleo do verbo e sob esta perspectiva, os itens lexicais empregados pelos falantes podem descrever – semanticamente – a ação acabada ou em fase. Por outro lado, o aspecto gramatical pode descrever as mesmas situações por meio de marcas morfológicas, e assim se a ação for acabada, o aspecto é perfectivo e se ação demonstrar as suas fases o aspecto será imperfectivo.

Neste sentido, o aspecto demonstra sua marca lexical quando identifica os verbos indicando momentaneidade, sem duração por meio da representação semântica do verbo, como ocorre em quebrar, morrer, fechar. O aspecto também demonstra sua marca gramatical quando apresenta uma forma verbal morfológicamente complexa que será a responsável pela indicação da ação terminada e da pontualidade, como ocorre com (-eu) em choveu.

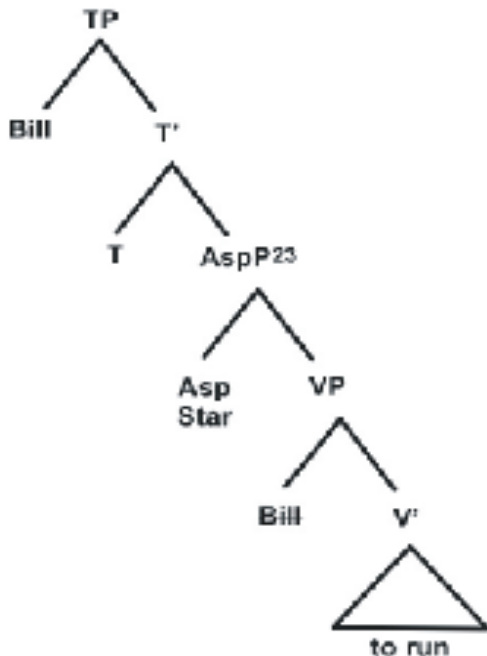
A marca lexical do aspecto também pode demonstrar a ideia de que há fases internas na situação, sem especificar o começo ou o fim. O aspecto gramatical é dado quando a forma verbal apresenta uma morfologia complexa, capaz de dar o enfoque a algum estágio interno de um evento inacabado, como acontece em (-ia) de chovia.

²² LGP: Língua Gestual Portuguesa, IPSL: Língua de Sinais Indopaquistanesa; ASL: Língua Americana de Sinais

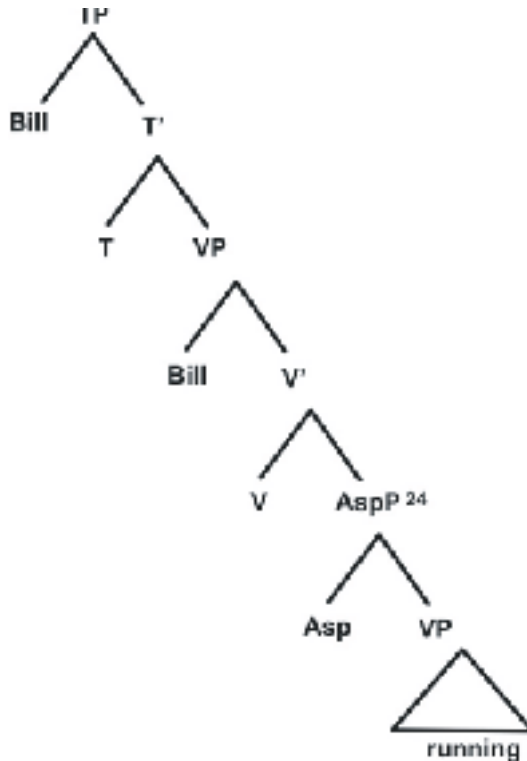
Nas palavras de Comrie (1976:16) a perfectividade “indicates the view of a situation as a single whole, without distinction of the various separate phases that make up that situation”, enquanto o imperfectivo, para o autor, “pays essential attention to the internal structure of the situation.”

Representando sintaticamente, podemos perceber a diferença das sentenças, conforme exemplo de Fukuda (2008):

(04) Bill started to run.



(05) Bill started running.



Atendo-nos ao aspecto lexical, destacamos que Vendler (1957) foi um dos primeiros pesquisadores a discorrer sobre esta questão e por isso não podemos deixar de mencioná-lo. O autor propõe uma classificação dos verbos em 'tipos de situação', sendo que o primeiro deles é chamado de estados. Estados são verbos que descrevem eventos atéticos que não possuem dinâmica interna nem duração definida, necessitando de algum agente externo para mudar o estado e não admitindo qualquer pausa (intervalo) no todo homogêneo. Por exemplo: possuir algo, acreditar em alguém, amar, ser careca, estar doente, ser saudável, saber, ser frio, ser quente, conhecer.

Além deste, há também as atividades que se referem a verbos que descrevem processos dinâmicos e atéticos, ou seja, o final da ação não é intrínseco ao verbo e a ação, em si, pode durar para sempre; a atividade

não termina, mas cessa, pára (o ponto final é decidido por alguém ou alguma coisa, portanto, arbitrário). Os verbos de atividade admitem pequenos intervalos na atividade sem que isso ponha em causa o próprio processo. Numa frase como: “Ele trabalhou o dia todo”, a existência de pequenos lapsos de tempo em que ele não trabalhou não impede a leitura de trabalhar como um processo. Portanto, podemos dizer que as atividades terminam, se completam ou param com a possibilidade de voltar e seguir fazendo. São exemplos de atividades: caminhar no parque, nadar, cantar, falar, andar de bicicleta, escrever cartas, correr na avenida, dormir, comer, dançar.

O terceiro tipo de classificação insere os verbos nos chamados *accomplishments* que são verbos com duração intrínseca, com estágios sucessivos e com um ponto de culminância, que representa a finalização do processo com uma mudança de estado. Por exemplo: fazer um bolo, desenhar uma gravura, ler um livro, beber um copo de vinho, comer uma maçã, construir uma casa.

O último tipo de situação de Vendler (1957) são os *achievement*²³ que são verbos que descrevem eventos instantâneos e não possuem estágios. Opõem-se aos *accomplishments* por referirem-se ao desfecho da ação e não ao processo inteiro. Por exemplo: encontrar alguém, abrir a porta, perder alguma coisa, iniciar algo, reconhecer alguém, alcançar o topo.

Estes são os tipos de situação colocados por Vendler (1957) para classificação verbal, porém, muitas releituras, testes de compatibilidades e críticas foram feitas à teoria e algumas questões lacunares deste autor foram, detalhadamente, tratada por Verkuyl (1993) pois ele considera a noção composicional de aspecto. Por isso, em nosso texto abandonamos Vendler (1957) e aderimos a teoria de Verkuyl (1993).

Diante da abordagem verkuyliana, é preciso que se desenrole uma análise diferenciada no caso da sentença ter ou não complemento, pois quando olhamos para o verbo isoladamente consideramos a semântica implicada nele, porém quando este verbo é analisado de modo composicional, então, o complemento pode ‘alterar’ a semântica do verbo. Quanto a isso, consideremos as frases abaixo:

²³ Há algumas traduções para *accomplishments* e *achievements*, como a de Finger, Gonçalves e Spuldaro (2006) de processos culminados e culminações respectivamente, mas como a maioria dos textos que trata a questão do aspecto aborda os tipos de situações com os termos originais, optamos por mantê-los sem tradução.

- (06) ANA correu.
- (07) ANA empurrou o carrinho.
- (08) ANA correu 1 km.
- (09) ANA desenhou um círculo.

Se alguém corre ou empurra um carrinho, no próximo momento continua correndo ou empurrado um carrinho. Mas se alguém corre 1 km ou desenha um círculo, no próximo momento não continua desenhando um círculo ou correndo 1 km. Se alguém parar enquanto corre 1 km ou desenha um círculo, não terá corrido 1 km nem desenhado um círculo. Mas se alguém que corre ou empurra um carrinho parar, de fato, correu ou empurrou um carrinho. Empurrar um carrinho não tem um período de tempo especificado para acabar, já desenhar um círculo necessariamente tem um ponto final. A diferença entre *correr* e *correr 1 km* é que correr, assim como *empurrar*, é uma atividade; já *correr 1 km*, assim como *deshenhar um círculo*, é um *accomplishment*.

Ainda com os olhos voltados aos argumentos do verbo para tecer considerações quanto ao valor aspectual, Verkuyl (1993) aponta a necessidade de se perceber se esse argumento interno apresenta uma quantidade específica – *specific quantity argument* (+SQA) – para receber uma leitura télica, ou se o argumento interno de um verbo for não-específico quanto à quantidade – *non-specific quantity* (-SQA) –, o verbo receberá uma interpretação atélica. Vejamos um exemplo com o verbo chupar:

- (10) ANA chupou a bala.
- (11) ANA chupou balas.

As sentenças (10) e (11) apresentam valores aspectuais distintos, ainda que se constituam do mesmo verbo, “chupar”. O argumento interno de (10), formado por um nome contável (a bala) impõe uma leitura télica (o predicado denota uma situação com limite final próprio), portanto perfectivo. Já em (11), o argumento interno inclui um termo massivo, o que origina um valor atélico e, conseqüentemente, imperfectivo. O fato de um mesmo verbo poder conter traços semânticos distintos [+ télico] ou [-télico] determina um refinamento ainda maior com relação à análise do aspecto.

Para Verkuyl (1993), o cálculo de telicidade de uma derivação é dependente não apenas dos traços lexicais de determinados verbos (*Aktionsart*), mas também da especificidade do objeto na sentença. Ve-

jamos mais um exemplo e as possibilidades de alteração de classificação dos verbos:

(12) ANA comeu torta - atividade

(13) ANA comeu a torta de maçã. – *accomplishment*

Para o autor, em (12) haveria um verbo de atividade, o objeto não é específico, tornando a sentença atética e imperfectiva. Já em (13) haveria um verbo de *accomplishment*, já que o objeto é específico, portanto a sentença é perfectiva.

Desse modo, Verkuyl (1993) torna-se um importante representante da análise composicional do aspecto e com base nesta teoria, vejamos como ocorre a expressividade aspectual na Libras. Para tanto, temos que a oposição semântica verificada entre os verbos PROCURAR e ENCONTRAR, abaixo reproduzidos, codificam como se estrutura a situação por eles referida.



Figura 42: Sinal de **PROCURAR**



Figura 43: Sinal de **ENCONTRAR**

PROCURAR é um verbo que codifica a situação como durativa, este é um item lexical imperfectivo. Já ENCONTRAR codifica a situação como pontual, ou seja, como não durativa pois tem uma natureza perfectiva. As sentenças abaixo ajudam a clarear estas ideias:

(14) ANA PROCURAR BICICLETA.

(15) ANA ENCONTRAR BICICLETA.

O verbo procurar – conforme ilustração acima – é feito com a mão passiva em S e com a mão ativa em V. A mão ativa realiza movimentos durativos em cima da mão passiva. A realização do movimento é circular e lexicalmente expressa que há uma ‘demora’ implicada na ação de procurar, por isso, se diz que este verbo apresenta um conteúdo semântico de duratividade e, conseqüentemente, de imperfectividade. Enquanto que o sinal de ENCONTRAR demonstra que a ação é pontual e, conseqüentemente, perfectiva. Ele é produzido com ambas às mãos em D e, num curto movimento, uma mão é lançada ao encontro da outra dando assim a entender que a lexicalidade deste verbo é pontual e não expressa a duratividade do evento de encontrar.

Além da semântica do verbo, o perfectivo e imperfectivo na Libras também podem ser dados pelo escopo gramatical e, conforme já temos posto, é consenso que a utilização do parâmetro movimento é o responsável pela expressividade do aspecto gramatical. Assim, Quadros e Karnopp (2004: 124) apontam como exemplo o verbo GASTAR marcado com aspecto contínuo em que o evento apresenta recorrência sistemática por meio do movimento circular maior e a marcação para o aspecto duracional²⁴, em que o evento tem um caráter durativo por meio do movimento circular com uma e com outra mão, consecutivamente. A diferença de significado aspectual foi marcada pela mudança no padrão de movimento do sinal. Da mesma forma, Leite (2008: 27) afirma que a expressão de diferentes aspectos pode ser identificada por mudança na qualidade do movimento. Para Finau (2004a), o movimento também é o grande responsável pela codificação dos aspectos imperfectivos, perfectivos gramaticais.

Quanto ao aspecto perfectivo, é marcado em verbos que denotam fechamento do evento e, segundo Finau (2004a), eles são produzidos, morfologicamente, de maneira abrupta e reta conforme exposto no exemplo abaixo:

²⁴ Reiteramos que ‘aspecto contínuo’ e ‘aspecto duracional’ são terminologias empregadas pelas autoras.



Figura 44: Sinal de **PERGUNTAR**_{perf}

A ilustração acima nos mostra que a mão passiva está configurada em B, com o braço próximo ao tronco e com a direção dos dedos voltados para o espaço neutro paralelo ao corpo. A mão ativa configura-se em D e faz um movimento muito breve e abrupto e passa sobre a palma. Quanto ao aspecto imperfeito, a autora diz que, lexicalmente, os verbos expressam evento que dispensam desfecho. Além dos verbos, operadores temporais também podem expressar aspecto imperfeito. Para representar o aspecto imperfeito, por meio da morfologia, haverá alteração do parâmetro movimento, pois os sinais terão a velocidade diminuída e serão produzidos mais lentamente e de maneira contínua e sempre na direção de semi-arco. Além do movimento, Finau (2004a) coloca que a expressão facial é também um parâmetro que corrobora para que a aspectualidade imperfeita seja evidenciada. Para ilustrarmos o que dissemos até aqui, tomemos o exemplo do verbo CUIDAR em seu padrão de movimento:



Figura 45: Sinal de **CUIDAR**

O Sinal raiz do verbo CUIDAR é produzido com a mão passiva fechada (configuração de mão em S) colocada a frente do corpo sendo que o braço fica na horizontal do tronco. A mão ativa configura-se em V e leva o pulso a tocar no peito da mão passiva. O movimento que gera o contato de ambos os pulsos é curto e firme. Claro que pelo próprio léxico, esse verbo transmite o significado aspectual durativo, indicando uma situação que se desenvolve ao longo do tempo. Todavia, podemos reforçar esta indicação lexical por meio do aspecto gramatical imperfectivo, ou seja, podemos indicar uma situação que perdura de forma ininterrupta, através do movimento representado abaixo:



Figura 46: Sinal de **CUIDAR** imperf

Nesse caso, mantém a configuração de mão e o ponto de articulação do sinal raiz e altera-se o movimento para alongado, lento e contínuo. Isto quer dizer, que haverá mais de uma vez o contato do pulso da mão ativa com o pulso da mão passiva e que o afastamento da mão passiva será mais alongado em relação ao afastamento que há na produção do sinal raiz, a retomada do contato será feita de modo mais lento. Para reforçar o que dissemos, abaixo apresentamos duas sentenças imperfectivas produzidas pela criança em estudo nesta dissertação:

(16) PASSEAR_{imperf} <IX>EL@
Ela(e) passeava.

(17) <IX> ESPERAR_{imperf}
Ela (e) esperava.

Ambas as sentenças estão expressando eventos sem um desfecho explícito. Os sinais foram produzidos com movimento diferenciado do que se usa ‘normalmente’ para os verbos PASSEAR e ESPERAR. A criança os produziu muito lentamente e de forma contínua. Neste sentido, temos a expressividade do aspecto imperfectivo. Para melhor entendimento da flexão usada nesta sinalização abaixo ilustramos o sinal raiz e o sinal flexionado de PASSEAR e ESPERAR:



Figura 47: Sinal de PASSEAR

²⁵ Finau (2004) é a autora em que estamos nos baseando para descrever o aspecto perfectivo e imperfectivo porém gostaríamos de destacar que em sua tese, ela também apresenta as descrições do aspecto iterativo e não o fizemos menção neste texto por não fazer parte de nosso filtro de pesquisa.

Vemos aqui que as mãos configuradas em B, passando alternadamente sobre os ombros. Com movimentos retos e curtos.



Figura 48: Sinal de PASSEAR

Vemos que para realização do sinal com marca do imperfeito a mesma configuração de mão foi do sinal neutro só que o movimento foi mais alongado e contínuo.



Figura 49: Sinal de ESPERAR

Mãos configuradas abertas na direção de cima para baixo com movimentos retos, curtos e abruptos no espaço neutro.



Figura 50: Sinal de **ESPERAR** imperf

Mesma configuração de mão que do sinal neutro com movimento lento, alongado, contínuo no espaço neutro.

Temos visto até aqui a oposição básica entre perfectivo e imperfectivo, mas não podemos esquecer que a língua é viva e dinâmica, isto quer dizer que há muita flexibilidade quanto à categoria aspectual e prova disso é que as formas do perfectivo podem imperfectivar-se ao formar parte de perífrases ou ao ser-lhes acrescentadas circunstâncias temporais. Assim, com o verbo *chegar* temos a indicação de pontualidade em *chegou, acaba de chegar, chegou agora mesmo, chegou neste instante*, etc., portanto, expressões de perfectividade, mas também verificamos imperfectividade em formas como *chegava, chegou devagar, está chegando, vem chegando*, etc.

Esta característica flexível também é presente na Libras e, especialmente quanto a categoria aspectual, além de permitir esta transição entre os pares de oposição básica, permite relação com o traço semântico do item lexical. Para organizar a categoria aspectual levando em conta a pragmática, Finau (2004a) vai se valer dos estudos de Bohnemeyer & Swift (2001) sobre *default aspect*. A autora inicia a explicação do *default*

aspect tratando da questão da restrição de seleção pois há nestes estudos demonstração da relação entre aspectualidade e valor de telicidade. A relação estabelecida é a que segue:

- Eventos télicos são associados à perfectividade.
- Eventos atélicos são associados à imperfectividade.

Da mesma forma, Finau (2004a) diz que a categoria de aspecto, quando relacionada às manifestações sintáticas com o tempo presente, passado e futuro, revela a imperfectividade (ou iteratividade) ou perfectividade do evento mencionado, conforme abaixo:

- Leitura de passado para as sentenças que descrevem situações fechadas (perfectivas).
- Leitura de presente para as sentenças que descrevem situações abertas (imperfectivas).

É possível ter leitura de presente ou passado dada pela interação entre tempo e aspecto, isto é, pela lexicalidade do verbo e seus argumentos. Nesse caso, se a sentença, por exemplo, expressar um evento completo – cujo tempo de referência é percebido como algo que aconteceu em um dado momento, muito específico no intervalo de tempo de tal evento – o tempo denotado é o passado. Portanto, se a sentença é lida como contendo um evento pontual e se não apresenta uma marca indicando tempo futuro ou flexão para aspecto imperfectivo, ela pode ser entendida como contendo flexão semântica para o passado.

Para Finau (2004a) é possível interpretar sentenças da Libras como estando no presente quando a lexicalidade dos verbos e de seus complementos não estiver denotando um evento pontual. Já quando o tempo de referência for interpretado como ocorrido antes do tempo de fala, ou seja, como um todo, o tempo colocado será passado. Então na Libras o único tempo que necessariamente precisa ser expresso por meio de operador será o futuro pois somente a semanticidade verbal, bem como os argumentos que o compõe, não são suficientes para expressá-lo.

Desta forma, quando a sentença não apresentar nenhum marcador morfológico, além da lexicalidade²⁶ do verbo, podemos contar com *default aspect* para interpretação das situações. Elas serão no presente ou no passado a partir do momento que se detectar a aspectualidade dos eventos (situações abertas – imperfectivas ou fechadas – perfectivas).

A restrição de seleção por *default*, segundo a (2004a), está atrelada ao verbo, porém este critério é para desvendar o aspecto e não o tempo, necessariamente. O tempo de referência, além de aspecto, é expresso na sentença por *End Points*. Os *End Points* já foram apresentados anteriormente, mas agora reforçamos que sua função – além, de quantizar - é tornar sentenças abertas em fechadas, como, por exemplo, ANA ESTUDAR ATÉ 4ª SÉRIE, em que o verbo imperfeito pode ter a sentença fechada pela presença do *End Point*. Esse fenômeno reitera nossa adesão pela análise composicional, pois podemos verificar que além dos traços semânticos do verbo, é preciso que consideremos a flexão morfológica e o E.P. para determinarmos a leitura da frase.

a) Aspecto imperfeito seleciona, por *default*, leitura para tempo presente, a não ser que tenha o evento delimitado por um enunciado *End Point*, o qual determina que $TE \square TR$ ou $TR < TF$.

b) Aspecto perfeito seleciona, por *default*, tempo passado, a menos que seja denotado por um enunciado *End Point* um intervalo $TF \leq TR$.

Tendo estas considerações em mente, é possível pensarmos no *status* do aspecto gramatical como categoria funcional e sua posição na estrutura sintática.

2.2 Posição do aspecto na estrutura sintática

Cinque (1999) defende a ideia de que o traço de natureza [+interpretável], assim como aspecto, deve ter um núcleo na árvore sintática. Mas o que é um traço mais interpretável? Segundo Lopes e Quadros (2005), há na teoria gerativa, em sua versão minimalista, o estudo da seleção de traços no léxico. E a partir disso podemos assumir que há traços de duas naturezas: traços não-interpretáveis (formais) e interpretáveis (semânticos). Nas palavras das autoras:

Os primeiros têm um papel na derivação sintática e no nível de interface com o componente fonológico, mas não na Forma Lógica, na interface com o componente semântico, pois não são objetos in-

²⁶ Lexicalidade dos verbos, nesta dissertação é sinônimo de aspecto lexical.

interpretáveis em tal interface e, assim, devem ser retirados da computação antes que a derivação atinja a LF. Assume-se que os traços interpretáveis façam parte de um léxico universal e não tem um papel no sistema computacional e não são objetos legítimos para interpretação pelo componente semântico. (Lopes e Quadros, 2005 p. 76)

E quanto a ter um núcleo na árvore sintática, temos Cinque (1999), Bok-Bennema (2001) e Gravuseva (2002) que defendem a existência da representatividade do traço aspecto, enquanto que, por outro lado, Osawa (1999) que defende que aspecto não se projeta na estrutura sintática como uma categoria funcional.

Na visão deste último autor, há, nas línguas, traços relativos a aspecto, embora esses traços não se projetem como uma categoria funcional²⁷. Partes de sua argumentação se sustentam na teoria da maturação, segundo a qual na gramática das crianças mais novas não haveria categorias funcionais. Assim também como acredita que AGRP²⁸ não seja um núcleo funcional já que, segundo estes, a morfologia referente a concordância verbal não é relevante para o sistema linguístico e também pelo fato de que a comparação com os traços de concordância do sujeito podem simplesmente se dar em TP²⁹ para onde o verbo se move.

Em nosso texto, tomamos os autores que apontam a existência da representatividade do aspecto na árvore sintática e precisamos, então, pensar em como ocorre tal representação.

Os autores que defendem a ideia de que o aspecto é uma categoria funcional e que tem uma representação na árvore sintática atestam que tal representação se dá mediante cisão de núcleos, é a chamada hipótese da flexão cindida. O que ocorre é que algumas vezes, há considerações distintas quanto aos nós que são originados a partir da cisão. Pollock (1989), por exemplo, aponta que a cisão do núcleo funcional I (*Inflection*) origina AGRP e TP. O autor chegou a essa conclusão após observar no inglês e no francês a posição de advérbios de tempo, de quantificadores, bem como das partículas de negação em relação tanto a verbos finitos quanto a verbos no infinitivo e por isso Pollock (1989) propõe que o núcleo fun-

²⁷ O significado de uma categoria funcional é normalmente condicionada à identificação de efeitos sintáticos causados pela projeção dessa categoria.

²⁸ Símbolo da representação sintática: Agreement

²⁹ Símbolo da representação sintática: Tempo

cional I origina duas representações distintas: o AGRP e o TP. A título de ilustração, abaixo reproduzimos o exemplo de Pollock (1989):

(18) P1 pas³⁰ P2 Adv [VP V]

Na representação acima, P1 seria a posição disponível para estruturas com verbo no infinitivo, ao passo que P2 estaria disponível para aquelas com verbos finitos. Em sua perspectiva, a posição P2 deveria ser compreendida como AGRP e P1, como TP.

Então, nesta dissertação ratificamos que há um nóculo aspectual na árvore, intitulado ASPP pois após as propostas do Programa Minimalista de eliminação do nóculo de AGRSP foi necessário que outros estudos propusessem um nóculo sintático que pudesse ser o sítio de aterrissagem do movimento curto do verbo. Um destes estudos, ou seja, de adoção da proposta de um nóculo de Aspecto substituindo o nóculo de AGRP é o de Bok-Benemma (2001). A autora, enlevada pelas propostas do programa minimalista de que as categorias funcionais deveriam ser conceptualmente motivadas, propõe que os dois nósculos funcionais existentes sejam TP e ASPP. Bok-Benemma (2001) faz um estudo que, como o de Pollock (1989) que tenta dar conta das diferentes posições dos verbos em relação aos advérbios. A autora assume, a respeito dos advérbios, que, uma vez que eles são incorporados à sentença por meio da operação de *merger*, eles não mais se movem. Além disso, a autora adota a proposta de Cinque (1999) de uma “hierarquia universal dos advérbios”.

Nessa hierarquia, os advérbios modais aparecem em um extremo e os advérbios de modo em outro. Os demais tipos de advérbios, entre esses dois extremos, são tratados por Bok-Benemma (2001) como “advérbios intermediários”

A partir dessas observações, a autora propõe que o sítio de aterrissagem do movimento curto do verbo finito do espanhol e não-finito do francês seja o mesmo, ou seja, um nóculo funcional denominado, a princípio, F2. A autora sugere ainda que F2 seja um núcleo funcional “variável”, já que, embora sempre esteja presente abaixo de F1 na árvore sintática, ele poderá sofrer a operação de *merger* sendo anexado antes ou depois dos advérbios de modo e “intermediários”.

A autora propõe que o sítio de aterrissagem do movimento longo

³⁰ Símbolo da representação sintática do Francês para: Partícula de negação

do verbo finito do francês e não-finito do espanhol seja o mesmo, ou seja, um nódulo funcional denominado, a princípio, F1. Ao analisar o *status* de F1, a autora conclui que esse nódulo, alvo do movimento longo dos verbos, tal como propôs Pollock (1989) deve ser caracterizado como um nódulo de Tempo.

Segundo a autora, a diferença entre as duas línguas está na força dos traços do francês e do espanhol. No francês, a especificação [+tempo] implica na presença de um traço verbal forte, disparando o movimento do verbo na sintaxe aberta, e a especificação [-tempo] implica na presença de um traço verbal fraco, disparando o movimento na sintaxe coberta. Já no espanhol, a especificação [+tempo] implica na presença de um traço verbal fraco, disparando o movimento do verbo na sintaxe coberta, e a especificação [-tempo] implica na presença de um traço verbal forte, disparando o movimento na sintaxe aberta.

Ao analisar o *status* de F2, a autora propõe que esse nódulo, alvo do movimento curto dos verbos, contrariando o que havia sido proposto por Pollock (1989), deva ser caracterizado como um nódulo de Aspecto, especificado como [+perfectivo] ou [-perfectivo]. Esse nódulo, tal como anteriormente sugerido, embora seja sempre dominado pelo nódulo de Tempo, é variável em relação à posição que ocupa diante dos advérbios “intermediários” e de modo. Por fim, a autora propõe que o traço aspectual seja forte tanto no francês quanto no espanhol e, quando especificado como [+perfectivo], atrai os verbos no participípio das duas línguas na sintaxe aberta e, quando especificado como [-perfectivo], atrai os verbos finitos e não-finitos das duas línguas também na sintaxe aberta.

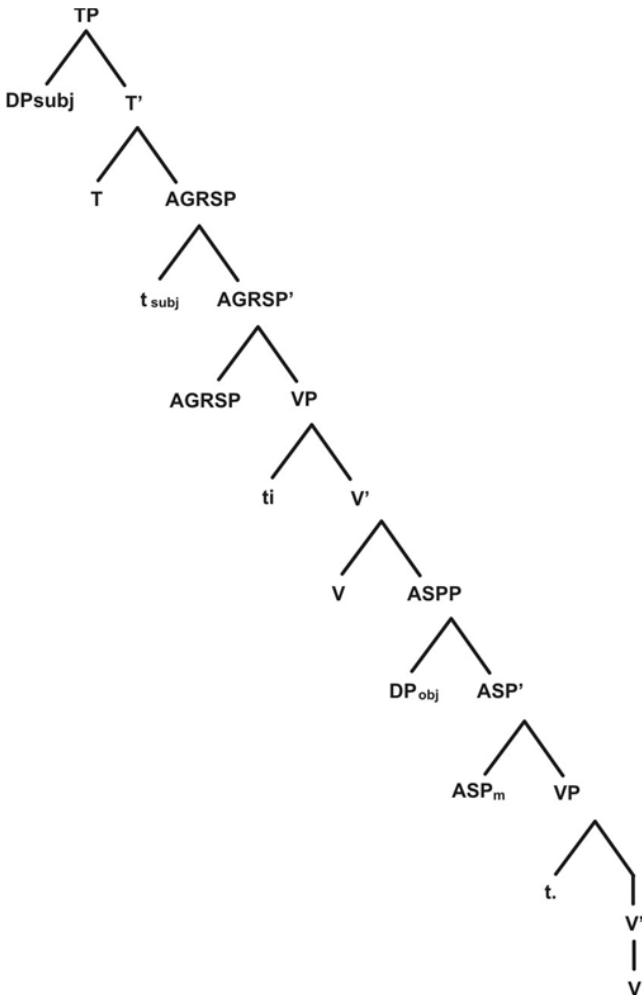
Recentemente, alguns poucos estudos neurolinguísticos têm apresentado evidência em favor da existência de um nódulo aspectual na árvore sintática. Dentre esses estudos, pode-se citar o de Novaes & Braga (2005), que investiga o *déficit* de uma paciente descrita como afásica de Broca na produção do aspecto verbal.

Nesse estudo, os autores aplicam dois testes de preenchimento de lacuna na paciente afásica agramática, a fim de investigar a sua produção dos aspectos perfectivo e imperfectivo. A análise dos resultados do teste revelou uma dissociação na produção dos verbos no perfectivo e no imperfectivo, mostrando que a paciente tinha mais problemas com o aspecto imperfectivo do que com o aspecto perfectivo.

Além disso, os autores apontam que a paciente investigada apresentou problemas com aspecto, mas não com tempo e concordância. Essa observação parece permitir a proposição de que o nódulo de aspecto pos-

sa substituir o de concordância, especialmente à luz das ideias defendidas pelo programa minimalista, que justificam, na árvore sintática, apenas a existência de categorias funcionais conceptualmente motivadas.

Tomamos os postulados de Bok-Bonemma (2001) bem como de Slabakova (2000) e de Lin (2002) apud Finau (2004a) para assentar que AspP é projetado em níveis mais baixos da árvore, acima do VP e abaixo do TP. Além disso, assumimos, conforme os autores supracitados, que acima de AspP está AgrSP, enquanto que o TensP está localizado acima de AgrSP, conforme abaixo reproduzimos:



Quanto a representação da telicidade, Gravruseva (2002) assume adicionalmente que a telicidade é marcada pelo verbo em uma projeção AspP. Para a autora, apenas os verbos não-pontual, que não são especificadas para télico, devem mover-se através de uma projeção AspP. Sua telicidade é, então, determinado pelo argumento do especificador de AspP. Gravruseva (2002) diz respeito ao papel do AspP na especificação temporal da sentença. Ela assume que A interpretação temporal da sentença é dada por uma tensa cadeia dos quais AspP é um membro.

RESUMO DA II PARTE

Nesta II parte, começamos com a conceituação da temporalidade e para a definição da categoria tempo elegemos os pressupostos de Reichendbach (1947) para nortear nossa discussão e após entendermos que o momento de referência, momento do evento e momento da fala podem ser aplicados a qualquer língua, utilizamo-nos dos apontamentos de Finau (2004a) para demonstramos os principais elementos lexicais utilizados na Libras para expressão do tempo, bem como outros fatores determinantes para leitura temporal. Para conceituação do aspecto, em linhas gerais, foi possível contarmos com os pressupostos de Comrie (1976), do qual assumimos também para análise acerca da oposição aspectual. Além disso, adotamos Verkuyl (1993) para a consideração dos traços semânticos que são manifestados no verbo e também em toda a sentença. Neste texto, ambos aspectos: lexical e gramatical foram tratados sob o enfoque da perfectividade e imperfectividade. Para as considerações do aspecto na Libras, utilizamo-nos de Finau (2004a) tanto para considerações do lexical como do gramatical bem como para as associações entre telicidade e leitura temporal. Neste sentido, vimos que na Libras, por meio da lexicalidade e da flexão verbal, se demonstra a perfectividade e a imperfectividade dos eventos sendo que o perfectivo é produzido com movimentos retos e abruptos e se relaciona a eventos passados e a imperfectividade é produzida com movimentos lentos e contínuos e refere-se a eventos presentes. Além disso, analisando a representação do aspecto na árvore sintática, consideramos, conforme Bok-Bonema (2001), Slabakova (2000) e Fukuda (2008) que ele está nos níveis mais baixos da árvore, enquanto que o tempo tem representação nos níveis mais altos.

III PARTE

INVESTIGANDO A CATEGORIA ASPECTUAL NA AQUISIÇÃO DA LIBRAS

Esta III parte constitui-se do capítulo 1 e 2. No primeiro capítulo abordamos os processos de aquisição da linguagem da criança ouvinte em paralelo ao da criança surda, tomando como base teórica as postulações de Grolla (2006) e Quadros (1997) e nos atemos, especialmente, aos estágios de desenvolvimento da linguagem pois através desta análise podemos asseverar a analogia dos processos. Depois deste panorama geral, passamos ao capítulo 2, momento que direcionamos a discussão para os processos de aquisição do aspecto. Quanto a isto, destacamos, primeiramente, o que normalmente é apontado nestes estudos: a associação entre télico-perfectivo e atélico-imperfectivo. Depois analisamos a hipótese da primazia do aspecto que apregoa que o aspecto é adquirido antes do tempo e finalizamos com o estudo que atesta que, apesar de não haver ainda a produção da categoria de tempo, a criança é capaz de associá-la ao aspecto sob o escopo do télico-perfectivo-passado e atélico-imperfectivo-presente.

CAPÍTULO 1 – CONHECENDO OS PROCESSOS DE AQUISIÇÃO DA LINGUAGEM

Toda estrutura gramatical da Libras anteriormente explanada será adquirida pela crianças surdas da mesma maneira que as crianças ouvintes adquirem a língua oral, salvo casos em que tais crianças não tenham pais surdos para interagir ou sejam impetuosamente prejudicadas no acesso linguístico. Isto significa que todas as crianças - ouvintes ou surdas - adquirem uma língua natural.

Considerando a natureza das línguas naturais – orais e sinalizadas, Grolla (2006) reflete sobre as razões do processo de aquisição ocorrer com todas as crianças. A primeira delas é a universalidade. A criança adquire uma língua natural sem que necessite passar por intensivos treinamentos ou por sistematização dos estímulos linguísticos. O mero contato com a língua vai possibilitar à criança desenvolver a expressividade linguística - os léxicos e a estrutura gramatical que ela inatamente já possui. E este processo vai ocorrer de modo muito fácil mesmo que haja ausência de uma fala dirigida a ela. A universalidade da aquisição da

linguagem explica que independente da língua ou do desenvolvimento das habilidades motoras (tais como amarrar sapatos ou desenhar círculos, diz a autora) haverá apropriação de um sistema de enunciados pela criança.

Outra caracterização empregada ao processo de aquisição de linguagem, segundo Grolla (2006) é a uniformidade. Se as crianças estiverem no mesmo espaço geográfico, por mais que os *inputs* oferecidos sejam diferentes na sua formatação, a língua adquirida será a mesma.

Além disso, a aquisição de linguagem também transcorre breve percurso de tempo. A aprendizagem de uma língua natural se dá até os quatro anos. Nesta idade, Grolla (2006) coloca que as crianças já não cometem erros sintáticos, pois já sabem as regras para formação de sentenças e já dominam as estruturas possíveis no seu idioma. Após este período, ao longo da vida o aprendizado de novas palavras permanece, ponderando a criatividade dos falantes para criarem novos termos assim também como a dinâmica da língua.

Dada a universalidade, a uniformidade e a rapidez da aquisição de linguagem, o processo de desenvolvimento linguístico das crianças surdas pode ser descrito similarmente ao das crianças ouvintes, inclusive em seus estágios internos.

Segundo Grolla (2006) todas as crianças, indiferente da condição auditiva que apresentam, choram e emitem sons sem nenhum significado. Os recém-nascidos têm muita sensibilidade para perceber as propriedades fonológicas da sua língua. No caso das crianças ouvintes, com apenas quatro dias de vida, já são capazes de reconhecer várias línguas pelo ritmo e entonação.

Numa próxima fase, as crianças começam a balbuciar oralmente. Ouvintes, por volta dos seis meses produzem maior número de sílabas e as repetem à exaustão. Surdos, por volta dos oito meses balbuciam, mas sem tanta variação nas sílabas produzidas, fato que ocorre, pela falta de retorno auditivo. Além da emissão de sons, ambas as crianças apresentam o balbucio manual. Meier (2000) aponta que os ouvintes produzem articulações com as mãos e obtém *feedback* confirmativo dos seus pais assim como os surdos que antes de produzirem as primeiras sinalizações, balbuciam com as mãos. A descoberta pela estrutura fonológica da língua quer seja falada ou sinalizada, e as semelhanças na sistematização do balbucio das crianças surdas e ouvintes, sugere “haver no ser humano uma capacidade linguística que sustenta a aquisição da linguagem independente da modalidade da língua: oral-auditiva ou espaço-visual” (Quadros, 1997).

Quando as crianças surdas chegam aos oito meses, Emmorey (2002) diz que elas já começam a produzir os primeiros sinais e neste processo alguns balbucios que produziam são descartados, pois elas consideram que os sinais lexicais é que devem fazer parte do repertório atualizado. Isto acontece quando em fase de balbucio, as crianças surdas, usam a apontação de forma pouco sistemática, pois nesse momento ela significa um gesto (ou um balbucio) e quando são promovidas à fase de execução dos primeiros sinais, elas deixam de apontar já que esta é a fase de sinais e não mais de gestos. Posteriormente, quando a estrutura gramatical tiver sofrido maturação, haverá uma reorganização e aceitação de uso, pois a criança entenderá que a apontação – nesta fase – ganha *status* de elemento gramatical. Este fenômeno também ocorre com as crianças ouvintes, mas para estas, a apontação em nenhuma fase tem significado de elemento gramatical, mas sempre de gesto, por isso, ela permanece a utilizando em todos os estágios, enquanto que a criança surda deve lidar com a mudança de *status* desse elemento em sua gramática. Este fenômeno já demonstra a emergência da categoria funcional no processo aquisicional visto que quando gramaticalizada a apontação ganha *status* de argumento de predicado como vimos na sessão destinada aos aspectos morfosintáticos da Libras e, também, como veremos nas manifestações da criança investigada.

As crianças ouvintes permanecem ainda um tempo balbuciando e tardiamente evoluem para o estágio de uma palavra, momento este já vivenciado pelas crianças surdas aos oito meses. Grolla (2006) acentua que quando estiverem com 1:0, a habilidade de identificação de línguas estrangeiras é diminuída para dar lugar ao refinamento para sua língua natural e, então, a criança começa a produzir enunciados com apenas uma palavra com significado de sentença completa e já é capaz de entender pequenas ordens.

Esta precocidade de produção sinalizada e retardamento do estágio de uma palavra falada se dão pelo desenvolvimento de mecanismos de emissão e recepção linguística, ou seja, a coordenação motora das mãos desenvolve-se mais rapidamente do que a coordenação para o trato vocal e a sua articulação para fala, assim também como os sons causam maior dificuldade perceptiva aos ouvidos do que os movimentos espaciais aos olhos. Emmorey (2002) constata tais dados em uma pesquisa com crianças ouvintes adquirindo simultaneamente o inglês falado e a

³¹ Simbologia utilizada na área de aquisição da linguagem para representação da idade da criança.

língua de sinais americana e o resultado foi de que elas dominavam primeiramente a sinalização.

A próxima fase vivenciada é das primeiras combinações, pois as crianças aprendem muitas palavras novas por dia e por isso incrementam suas falas fazendo pausas entre duas palavras. Grolla (2006) demonstra que, por volta de 1:6, as crianças ouvintes fazem uma relação semântica – de ordem lexical como a organização de classes prototípicas – para escolha das palavras e a construção das frases se dá na ordem canônica. Porém, apresenta ‘erros’ nas suas produções de conjugação de passado, pronominalização e outros, que são os indicativos de que ela entendeu a regra e está indo além delas. Em Quadros (1997), vemos que neste estágio as crianças surdas apresentam dificuldades para entender os pronomes e, por isso, muitas vezes se referem a elas mesmas apontando para o interlocutor ou vice-versa. Mesmo a pronominalização na língua de sinais sendo produzida por meio de apontação, a relação do significado e do significante não é plenamente evidente para a criança surda que está desenvolvendo a linguagem. Este ponto revela a universalidade da aquisição, indiferente da modalidade, considerando que crianças ouvintes igualmente emitem a palavra “eu” para se referir a outra pessoa ou o inverso também é verdadeiro. Outro ponto que revela a universalidade da aquisição da linguagem está no estabelecimento da comunicação das crianças com suas bonecas. Vimos cenas da criança surda, também conversando com seus brinquedos.

Aos 3:0 tanto crianças surdas quanto ouvintes experienciam uma explosão vocabular. Já produzem sentenças complexas como orações relativas e coordenadas, mas devido ao alto nível de dificuldade gramatical seguem o curso da aquisição cometendo pequenos equívocos como os apontados em Quadros (1997) para as crianças surdas: 1) não utiliza pronomes para referentes ausentes ou o faz ‘incorretamente’, 2) não estabelece correspondência entre o ponto estabelecido no espaço e a pessoa, 3) estabelece mais de um referente no mesmo ponto, 4) faz supergeneralização de concordância para verbos simples, mas posteriormente as concordâncias se darão no mesmo modo que na gramática dos adultos.

Considerando os pressupostos teóricos de Grolla (2006) e Quadros (1997) entendemos que a aquisição da linguagem das crianças surdas é análoga ao das crianças ouvintes e tendo esse pano de fundo, passemos as considerações da aquisição da categoria aspectual.

CAPÍTULO 2 - CONHECENDO OS PROCESSOS DE AQUISIÇÃO DO ASPECTO

Neste capítulo iremos apresentar alguns experimentos realizados por linguistas em crianças em fase de aquisição da linguagem, com a finalidade de concluir, teoricamente, como ocorre a aquisição do aspecto. Antes disso, porém, é importante lembrarmos o conceito desta categoria por nós adotado e detalhado na II parte da dissertação. De acordo com Comrie (1976), há dois tipos de aspecto: o lexical e o gramatical. O primeiro é determinado pelas propriedades semânticas do verbo e dos seus argumentos e o segundo é determinado pelas marcas morfológicas empregadas a este verbo. Para explicarmos um pouco sobre as propriedades semânticas que constituem o aspecto lexical, apresentamos o traço semântico telicidade, enquanto que para explicarmos as marcas morfológicas do aspecto gramatical abordamos a morfologia flexional. Então, pensando grosso modo sobre a aquisição destes dois tipos de aspecto, podemos inferir que a criança vai reconhecer os traços semânticos que compõe o verbo e assim produzirá o aspecto lexical e que, em contrapartida, para apropriar-se do aspecto gramatical a criança terá que identificar a presença de afixos flexionais presos a raízes verbais, atribuir-lhes valor gramatical como elemento funcional, e identificar variações morfológicas no âmbito dessa classe.

Isto posto apresentemos alguns experimentos que atestam haver associação entre aspecto e telicidade.

2.1 Associação télico-perfectivo e atélico-imperfectivo

Bronckart e Sinclair (1973) em pesquisa desenvolvida com crianças entre 2:11 a 8:7 aprendendo o francês, investigaram a existência de interação entre a semântica do verbo (aspecto lexical-traço de telicidade) e o afixos verbais (perfectividade). Nesse experimento, o experimentador manipulava alguns brinquedos e, em seguida, pedia às crianças que relatassem aquilo que tinham assistido. Como os participantes deveriam relatar as cenas assistidas depois que elas terminassem, a rigor, todos os relatos produzidos deveriam estar no tempo passado. As crianças de até 6:0 relataram as cenas com fim explícito ([+têlicas]) empregando o passado composto – responsável por codificar o traço [+perfectivo] em francês. De maneira oposta, quando não havia essa clara noção de ação acabada (traço [-télico]), essas mesmas crianças empregaram o tempo presente. Partindo dessa análise, os autores defenderam que ação télica é marcada

pela criança como perfectiva enquanto que a ação de natureza mais atélica recebe flexão de aspecto imperfectivo.

Outra pesquisa realizada com o intuito de investigar se as crianças em fase de aquisição da linguagem realizam esta associação, foi desenvolvida por Li & Bowerman (1998). Desta pesquisa, apresentamos os detalhes metodológicos de cada uma das fases de exploração. A pesquisa era composta por três experimentos: um de compreensão, um de produção e um de imitação. A proposta para o experimento de compreensão era de explorar a compreensão dos marcadores perfectivos e imperfectivos com verbos de diferentes classes aspectuais, a saber: estado, atividade, *accomplishment* e *achievement*. No experimento de produção, esperava-se medir o que a criança, efetivamente, produz em relação ao aspecto gramatical quando os marcadores são combinados com verbos de diferentes aspectos lexicais. Por conta disso, considera-se que a investigação é, precisamente, sobre como as crianças usam o perfectivo e o imperfectivo com as diferentes classes acionais. Quanto ao experimento de imitação os autores esperavam perceber o grau de sensibilidade das crianças quanto a agramaticalidade por conta de alguns marcadores aspectuais afixarem-se inadequadamente a determinados tipos de verbos.

Li & Bowerman (1998) organizaram o primeiro experimento – de compreensão – com 135 crianças na idade de 4:0 a 6:0 anos. As dividiram em três grupos, observando como as crianças compreendem os marcadores do mandarim (*zai*, *-le* e *-zhe*) com várias classes lexicais. Os resultados mostraram que as crianças entendem melhor o marcador progressivo (*zai*) com atividades e semelfactivos³². Entendem marcador perfectivo (*-le*) melhor com *accomplishment*.

O segundo experimento – de produção – compreendia 99 crianças de 3:0 a 6:0, divididas em quatro grupos. A finalidade, tal qual do primeiro experimento, era combinar as situações com as categorias lexicais. Os resultados mostram que é mais fácil para as crianças produzirem marcadores de aspecto imperfectivo (*zai* e *-ne*) quando a situação é atividades ou semelfactivos – eventos atélicos. Assim também como produzem melhor o marcador perfectivo (*-le*) com *accomplishments* e *achievements* – eventos atélicos.

As pesquisadoras testaram 72 crianças, entre 3:0 a 5:0 anos de idade, para realizarem o experimento de imitação eliciada. Nesta pesqui-

³² Indica uma situação singular, não repetida.

sa, Li & Bowerman (1998) propuseram duas combinações agramaticais do mandarim, a saber: o marcador progressivo (*zai*) com *achievements* e com verbos de estado. A proposta era que a criança imitasse a fala das investigadoras que pronunciavam, intencionalmente, frases agramaticais. Os resultados do experimento três, mostram que as crianças combinam *achievement* com marcador perfectivo (-le) e não com o marcador progressivo (*zai*).

No Brasil, um experimento desenvolvido por Reis e Lopes (2008), com o mesmo teor, chega a mesma conclusão. As autoras trabalharam com dados de G, na idade que vai de 1:10 até 3:6. As pesquisadoras analisaram seis arquivos que estavam distribuídos conforme as idades: 1:10, 2:01, 2:03, 2:08, 3:00, 3:06 e portanto, tiveram 561 sentenças a serem consideradas. A metodologia de trabalho de ambas foi de fazer um levantamento dos verbos produzidos pela criança de acordo com seu aspecto lexical e também sua flexão verbal ou a perífrase verbal usada. As autoras dizem que a observação da produção do primeiro período analisado de G, com um 1:10, parece confirmar a hipótese de que a flexão do passado estaria sendo usada, pela criança, para indicar que um evento é télico, e que a flexão do presente estaria indicando um evento atélico. Pode-se dizer isso porque, nesse primeiro período, G usa somente verbos de *achievement* (que têm traço [+télico]) no pretérito perfeito e somente verbos de atividade (que têm traço [-télico]) no presente progressivo (“estar + gerúndio”)

Os experimentos de Bronkard e Sinclair (1973), Li e Bowermann (1998) e Reis e Lopes (2008) concluem que a criança em fase de aquisição, tende a realizar a associação télico-perfectivo e atélico-imperfectivo. Além dos autores supracitados, outros também chegaram a mesma conclusão. É o caso, por exemplo de (Wagner, 2001, entre outros) no inglês, no espanhol (Hodgson, 2003, entre outros), no francês, no grego (Stephany, 1981, entre outros) e no português (De Lemos, 1981, Lopes e Souza 2005).

Neste sentido, podemos inferir que as crianças brasileiras quando estão aprendendo a língua portuguesa produzem emissões do tipo: bô para Acabou. Acabou é um verbo que transmite na sua lexicalidade o traço [+télico] e o aspecto implicado denota perfectividade. Da mesma forma, na Libras o processo de associação télico-perfectivo ocorre com as crianças surdas que estão adquirindo a língua. Tal fato pode ser exemplificado com nossos dados conforme sentença abaixo:



Figura 51: Ana com 3:0 realizando o sinal de ACABAR

Nesta sentença, a criança está interagindo com o interlocutor que é fluente em Libras e ambas estão tentando encaixar as pecinhas de um jogo. Quando em dado momento a criança se desinteressa por esta atividade e vira-se a procura de outro brinquedo, o interlocutor começa a guardar as peças na caixa do brinquedo e emite a expressão: ACABAR, querendo perguntar à criança se pode dar a ação por encerrada. ANA concorda com ela, como que permitindo que o interlocutor guardasse o jogo e diz ACABAR de modo muito pontual, com um único movimento reto e abrupto o que sugere a leitura de perfectividade.

Então, a partir dos experimentos desenvolvidos e mediante adoção do raciocínio associativo desenvolvido pela criança em fase de aquisição do aspecto, temos agora que pensar: qual a explicação teórica para estes achados? Qual o constructo teórico que justifica os resultados destas pesquisas? Há, principalmente, duas vertentes gerativistas que mais tem embasado as pesquisas e os testes detectores da associação de verbos télicos a aspecto perfectivo e verbos atélicos a aspecto imperfectivo. Tais vertentes são apontadas na pesquisa de Li & Bowerman (1998) sob diferentes argumentos de sustentação da realização do fenômeno, mas ambas trazem em sua constituição os pressupostos chomskynianos quanto à aquisição da linguagem e, portanto, acreditam que há um conjunto uniforme e universal de noções semânticas que são pré-determinadas linguisticamente.

A primeira vertente advém de Slobin (1985), denominada de *Basic Child Grammar Hypothesis* e ela pressupõe que a relação entre predicados télicos e formas perfectivas x predicados atélicos e formas imperfectivas se dá devido ao fato de a criança já estar preparada desde seu nascimento para perceber o contraste entre processo e resultado. Isto implica numa avaliação de acionalidade (predicados) como processo e aspecto (formas) como resultado.

A outra vertente, que opõe-se a esta, é oriunda de Bickerton (1981, 1984), denominada *Language Bioprogram Hypothesis* e pressupõe que tal associação ocorre devido ao fato de a criança já estar pré-programada para entender as distinções entre estado e processo e entre pontual e não-pontual.

Assim, é possível percebermos que a concepção teórica adotada é preponderante para se tecer análise quanto o processo de aquisição, ou seja, a partir do conceito gramatical/linguístico estabelecido é que se lança mão de argumentos explicativos para o fenômeno de aprendizado da referida categoria. Para a pesquisa de Li & Bowerman (1998) a hipótese com maior plausibilidade foi de Slobin (1985) e se esta foi a aceita para

explicar a associação realizada pelas crianças, automaticamente, a hipótese de Bickerton (1981, 1984) foi refutada.

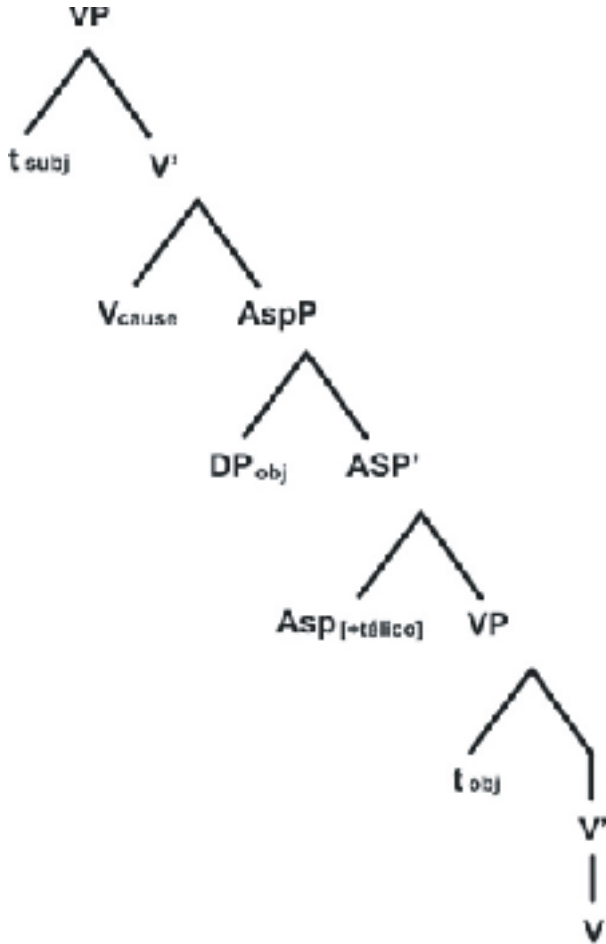
Outra hipótese explicativa para a ocorrência do processo é anterior a pesquisa de Li & Bowerman (1998) é a teoria na qual nos inscrevemos para analisar nossos dados advém de Verkuyl (1993) para quem esta associação acontece no processo de aquisição da linguagem porque o cálculo da telicidade é marcado a partir da especificação do objeto da sentença. Assim, a distinção entre (20 a e b) se deve ao [+ SQA] – *specified quantity of the argument* (cardinalidade específica do argumento):

- (20) a. Maria comeu torta.
- b. Maria comeu a torta de maçã.

Para Verkuyl (1993), em (20a) haveria um verbo de atividade e o aspecto lexical seria imperfectivo, dado que o objeto não é específico, tornando a sentença atélica. Já em (20b) haveria um verbo de *accomplishment* e o aspecto seria perfectivo, já que o objeto é específico. Posteriormente, a proposta de Verkuyl (1993) ganha uma expressividade sintática a partir das considerações de Slabakova (2001). A autora exprime o cálculo de telicidade influenciando a realização aspectual:

(19) [... AspP[+ SQA] [Asp [+ télico] [vP/VP]]]

Tendo esta representação em mente, Slabakova (2001) diz que o objeto se move para a posição de especificador de AspP e o verbo se move para o núcleo de Asp, entrando numa relação especificador-núcleo com o objeto que garantirá que seus traços se harmonizem. Para a autora, a aquisição do aspecto na vertente gerativa acontece a partir do momento que o traço de perfectividade/imperfectividade – já subespecificado na criança no início do processo – é obtido e, então, o objeto sobe e passa a fazer parte do cálculo aspectual. Para nós, o aspecto é projetado em posição inferior a do tempo, conforme abaixo:



Porém, apesar de haver diferentes argumentos explicativos adotados pelas teorias, há consenso de que esta associação existe e que neste processo, destaca-se a ascendência primeira da associação télico-perfectivo para somente depois ocorrer a aquisição do atélico-imperfectivo. Em português, isto foi verificado em pesquisa realizada por Lima (2006) com duas crianças do sexo feminino (ENY e JES) relativos ao período de 2:1 a 2:5 anos de idade. Nesta pesquisa, de todas as formas verbais encontradas (502 ocorrências), 130 ocorrências (25,89%) tinham marca perfectiva e télica enquanto apenas 4 no imperfectivo. Dentro do grupo de ocorrências perfectivo, 65 ocorrências apresentaram verbos de ativi-

dade, 40 verbos de *achievement*, 11 ocorrências de predicados de estado, 8 de predicados de *accomplishment*. Quanto ao imperfeito, as únicas 4 ocorrências registradas foram de predicados de estado. Outros autores que investigaram isso, foram Reis e Lopes (2008) quando analisando os dados de produção da criança, as autoras encontram que as formas im-perfectivas só aparecem aos 2:03 e que antes disso, a criança produz verbos lexicalmente marcados como télicos, portanto, perfectivos. Pouco depois deste momento, ou seja, quando a criança começa a produzir imperfectivos lexicais há o aparecimento de formas morfológicamente marcadas como imperfectivas. Quanto a isso, ou seja, a condição primária de lidar, inicialmente, com o perfectivo e com o imperfeito num momento posterior, Lima (2006) aplica um experimento de compreensão em crianças aprendendo o português e conclui:

A compreensão de uma sentença com verbo no passado perfeito é mais fácil do que no passado imperfeito. (...) a relação entre o tempo da enunciação (S) e o tempo de referência (R) surgem as possíveis variações relativas a Tempo, ao passo que da relação entre o tempo do evento (E) e o tempo da referência (R) surgem as variações aspectuais, ou, mais especificamente, aquelas referentes a aspecto gramatical, tentaremos entender razão desse desequilíbrio. Em “a vaca correu na grama”, por exemplo, o evento de “correr” (E) ocorre em primeiro lugar, um tempo de referência (R) posterior é tomado em relação a esse evento, e, por último, ocorre a enunciação (S), a qual se estabelece em função do tempo de referência. Em outras palavras, poderíamos dizer que, em primeiro lugar, a vaca corre na grama; em seguida, essa atividade é tomada como encerrada em função de um tempo de referência; e, por último, a sentença é enunciada (E_R_S). Já em “a vaca corria na grama”, o evento de “correr” ocorre; um tempo de referência interno ao evento é tomado; e, em seguida, ocorre a enunciação em função desse tempo de referência (E,R_S). O que faz uma sentença diferente da outra é o modo como o tempo do evento (E) e o tempo de referência (R) se relacionam. Nesses termos, é possível supor que seja mais fácil para a criança –

ou menos custoso cognitivamente – estabelecer um tempo de referência (R) independente do tempo de evento (E). Seguindo o mesmo princípio, o tempo de referência (R) interno ao evento (E) – aspecto imperfeito – representaria uma demanda cognitiva maior. (Lima, 2006, p. 93)

Se até aqui temos considerado que a criança em fase de aquisição da linguagem opera com associações de télico-perfectivo e atélico-imperfectivo sendo que fará, em termos de produção e compreensão, a associação na ordem apresentada, ou seja, primeiramente telicidade e perfectividade, é nitidamente possível, considerarmos que trata-se da aquisição da categoria aspecto e quanto a isso há autores como Jacobson (1986) e Beckerton (1981) atestando que a criança adquire o aspecto antes do tempo, isso porque a morfologia verbal é empregada primeiramente para marcar o aspecto e só depois para marcar o tempo. Tal constatação é conhecida por hipótese da primazia do aspecto e foi inicialmente desenvolvida por Bloom et. al. (1980) e será tratada por nós na próxima seção.

2.2 Hipótese da primazia do aspecto

Esta hipótese que atesta a ascendência da categoria aspectual entende que nas primeiras etapas do processo de aquisição de uma língua natural, as crianças já evidenciam o aspecto e que somente após o período de maturação vão adquirir a noção de tempo, inicialmente o passado. (Jacobson, 1986).

Um exemplo disso é Beckerton (1981) que, em discussão sobre a aquisição do aspecto ser anterior a aquisição do tempo, aponta que a criança adquire primeiro a noção de temporalidade não dêitica, ou seja, a categoria de aspecto mesmo antes de adquirir a categoria tempo. Neste sentido, é possível que a interpretação temporal possa ser dada sem a categoria tempo visto que ambas as categorias desenvolvem-se independentemente.

Há também afirmações de Shirai & Andersen (1995) quanto à confirmação da hipótese da primazia do aspecto, porém, além de concordar com ascendência da categoria não dêitica antes da dêitica, os autores dizem que o fenômeno pode ser interpretado sob duas óticas distintas: como uma verdade absoluta ou como uma tendência. Assim, se a hipótese é compreendida como uma verdade absoluta, apenas verbos télicos rece-

beriam flexões verbais de passado, se, por outro lado, ela for entendida como uma tendência, poderíamos dizer que a flexão verbal de passado é usada, predominantemente, com verbos télicos. Com relação a isso, alguns autores como Shirai & Andersen (1995) aderem a interpretação da tendência e propõem um padrão para a aquisição de tempo e aspecto, de acordo com o qual as crianças usam primeiro marcas de passado (inglês) ou de perfectividade com *achievements* e *accomplishments* [+ télicos], estendendo esse uso eventualmente para verbos de atividade e de estado. Tais pesquisas revelam que muito precocemente as crianças fazem distinções temporais e são capazes de descobrir a natureza dos acontecimentos, tais como repentinos, durativos, se ocorre só uma vez e se são completos ou não. Só depois é que elas começam a organizar a representação do tempo em uma linha temporal.

Podemos perceber que há um discurso recorrente entre os teóricos acerca de como a criança lida com a temporalidade, adquirindo primeiro os valores aspectuais e suas características para, posteriormente, organizar a categoria de tempo mas, sem dúvida, a grande expoente desta questão é Wagner (2000) dada a expressividade que seus experimentos tiveram com relação a hipótese da primazia do aspecto. O experimento I testa a compreensão de tempo – passado, presente e futuro – de 46 crianças entre 1:11 a 4:6 anos e verifica como essa categoria é marcada na gramática da fala infantil. Ela divide as crianças em dois grupos com idade média de 2:0 e 3:0 anos. Nesse experimento, as crianças foram apresentadas ao desenho de uma estrada feito em um papel e a um brinquedo chamado Kitty. Kitty desempenhava um mesmo evento, ao longo da estrada, em três lugares diferentes – início, meio/em andamento, fim/sem ser completo. Durante o deslocamento de um lugar ao outro (por exemplo, do início ao meio), era possível observar as marcas dos passos de Kitty, permitindo assim, que a criança traçasse o caminho percorrido por ele. Enquanto o personagem estava no meio do caminho, realizando o evento no segundo tempo, o investigador fazia à criança três perguntas correspondentes aos três lugares em que o evento foi realizado: (i) *Show me where the Kitty was V+ing* (passado); (ii) *Show me where the Kitty is V+ing* (presente); (iii) *Show me where the Kitty is gonna V* (futuro). Ou seja, a criança tinha que combinar uma sentença em um dos três tempos – presente, passado, futuro – com uma realização correta do evento. Para verificar o papel que a acionalidade desempenha na interpretação da morfologia de tempo, a autora utilizou três sentenças com predicados télicos (*fill in a puzzle, empty out a cup, draw a face*) e três com predicados atélicos (*rest, play with a friend, hop around*).

No primeiro lugar onde o evento foi realizado, no início da estrada, o tempo passado foi o mais escolhido pelas crianças, no segundo lugar, o tempo presente foi o mais escolhido e no terceiro lugar, o tempo futuro obteve a preferência. Todos os eventos que ocorreram no tempo passado, isto é, no primeiro lugar, foram concluídos – os eventos atéticos pararam e os téticos alcançaram sua completude, todos os eventos que ocorreram no presente, ou seja, no segundo lugar, foram incompletos e estavam em andamento no momento em que o investigador fazia as perguntas do teste. Assim, Wagner (2001) afirma que devido à confusão entre ordem temporal e informação de completude nos eventos, é provável que as crianças, ao responderem às perguntas do teste, tenham atentado para a diferença de completude no primeiro e segundo lugar de realização do evento (passado e presente) e não para a diferença de ordem temporal. Por essa razão, no experimento 2, “the perfect correlation between temporal ordering information and completion information is broken” (Wagner, 2001:673) com a intenção de verificar se a criança está de fato codificando tempo e não aspecto gramatical através do sistema auxiliar.

O experimento dois dissocia informação temporal e informação de completude e utiliza praticamente os mesmos métodos utilizados no primeiro experimento, com a diferença de que aqui o contraste se dá apenas entre os tempos verbais passado e presente – o futuro foi deixado de lado. Três grupos de crianças falantes do inglês foram testados, ao total 36 participantes entre as idades de 2:2 a 5:2 anos. Como no experimento um, as crianças foram apresentadas ao desenho de uma estrada feito em um papel e a Kitty, o personagem que caminhava e realizava os eventos. Como nesse experimento só foram testados os tempos passado e presente, o mesmo evento foi realizado por Kitty apenas duas vezes, ou seja, apenas em dois lugares, diferentemente do primeiro experimento. No primeiro lugar, ou seja, no tempo passado, Kitty realizou metade dos eventos completamente (por exemplo, montou todas as peças do quebra-cabeça) e em metade, deixou-os incompletos (montou apenas algumas peças do quebra-cabeça). Assim, dos oito eventos realizados no experimento, quando estavam no passado, quatro deles foram completos e quatro incompletos. Quando o personagem estava no segundo lugar, no meio da realização do segundo evento, o investigador perguntava à criança: (i) *Where is the Kitty V+ing?*; (ii) *Where was the Kitty V+ing?*

As crianças de 3:0 anos de idade diferenciaram passado e presente quando o evento estava completo ou incompleto, já as de 2:0 anos, somente quando a informação temporal estava de acordo com a completude

do verbo, ou seja, com a telicidade. Por exemplo, quando o evento no passado estava incompleto, as crianças não entendiam o significado dos auxiliares de tempo *is* e *was* e erravam não só as perguntas no passado, mas no presente também. Parece que para esse grupo de crianças a diferença de significado entre is e was está ligada à informação de completude.

O experimento dois tem como foco o papel que o aspecto gramatical desempenha na interpretação do tempo. Com ele a autora testou o entendimento das crianças sobre tempo, ou seja, se elas poderiam entender a categoria tempo independentemente de aspecto gramatical, mais especificamente, se as crianças teriam um mesmo entendimento do passado quando ele diz respeito à acionalidade.

O segundo experimento colabora com a asserção da hipótese da primazia do aspecto porque as crianças de 2:0 anos são sensíveis inicialmente à telicidade e não à informação temporal, então, “this suggests in turn that these children are making a grammatical aspect and not a tense distinction” (Wagner 2001: 678)

A assunção principal da hipótese de Wagner (2000) é que a criança interpreta o aspecto gramatical e não o tempo nas fases iniciais da aquisição, ou seja, as crianças não se apropriam da informação temporal no princípio, mas a morfologia verbal está sendo utilizada de acordo com a acionalidade. Portanto, nesta dissertação inserimo-nos nesta discussão em concordância com a hipótese da primazia do aspecto no processo de aquisição.

Com isso, ou seja, o entendimento de que a categoria tempo, em sua expressão ‘pura’ (marcadores temporais e/ou advérbias) se realiza posteriormente, precisamos pensar como são dadas, por ela, as marcações de tempo dêitico. Sob esta perspectiva temos várias representações de pesquisas atestando que há, desde o início do processo de aquisição do aspecto a ‘manifestação do tempo’ através da aspectualidade da sentença. Neste sentido, o tempo é dado pelas marcas aspectuais e sobre isso, faremos menção no próximo subitem.

2.3 Tempo aspectualmente dado

Uma pesquisa que fala da associação entre aspecto e tempo, em fase de aquisição da linguagem, advém de Antinucci & Miller (1976) *apud* Lima (2006). Estes autores assinalam que as crianças adquirindo o italiano empregam o *passato prossimo* (um passado composto e [+perfeito]) primeiro com predicados télicos e por conseguinte, o emprego do

presente se dá com aspecto imperfectivo e predicados atélicos. Eles alegam ainda que durante o estágio pré-operacional, a capacidade da criança de representar eventos passados é limitada, no sentido de que ela pode apenas codificar tempo passado quando há um valor resultativo claro. Para que seja capaz de representar um evento passado, a criança precisa de uma ligação concreta entre o agora e a ação, isto é, um resultado observável. À medida que a capacidade de representar eventos passados se expande, a criança gradualmente começa a empregar o *passato prossimo* com todos os tipos de predicado.

Da mesma forma, Osawa (1999), entende que na ausência de tense, a interpretação temporal pode ser dada pela aspectual, uma vez que as duas categorias se desenvolveriam independentemente.

Based on the evidence in the previous sections, I conclude that TP has developed from temporal features in the history of English. The emergence of TP is one instantiation of the grammaticalization of semantic features. As a functional category, TP determines many syntactic phenomena such as the subject requirement, do-support, the presence of modal auxiliaries, etc. So, before the emergence of a functional category Tense, the above mentioned syntactic phenomena are not observed in a given language.

However, whereas the non-deictic category of aspect had a separate form to express its function in the verbal system, deictic time distinctions did not. They were just implied or could be expressed by temporal adverbials. Aspect (perfective or imperfective) still remains as a semantic feature in PE, while a deictic temporal feature gradually became a functional category. Although the idea that earlier Indo-European languages lacked a tense system is not new, there has been some confusion involved in the view. For example, it has been asserted that tense has developed from the aspect system. However, as we have observed above, tense is distinct from aspect, although they are interrelated. Tense is deictic, while aspect is non-deictic and hence aspectual differences do not affect the truth of a proposition. Furthermore, the distinction between tense

and aspect is assumed to be deeply seated in human cognition. Tense, as a functional category, belongs to the language module, while aspect perhaps belongs to a substantive category, which is part of the mental lexicon. Tense had not developed from aspect. The two categories developed independently (Osawa, 1999, p. 542)

Em relação a isso, Reis e Lopes (2008) também apontam que a distribuição da morfologia do passado é feita à verbos com traço [+tético], e a morfologia do presente a verbos com traço [-tético]. Fazem tal apontamento a partir da observação dos dados de uma criança de 1:6 adquirindo o português. A criança em questão, (chamada de G.) usa somente verbos com traço [+tético]) no pretérito perfeito e verbos com traço [-tético]) no presente. Nas palavras das autoras:

G usa o pretérito perfeito somente com verbos de achievements nos dois primeiros períodos. (...) Os verbos de achievements continuam predominando na marcação de pretérito perfeito, pelo menos até os 3;6 anos. O pretérito imperfeito aparece na produção de G desde os 2;03 anos, mas sempre em pouca quantidade em relação aos outros verbos. (Reis e Lopes, 2008, p. 480)

Finau (2004a) também aponta para a associação existente entre tempo e aspecto a partir do campo comum hipotético, que num primeiro momento, é selecionado pelo aspecto *default*. Analisando um exemplo colocado pela autora temos:

(22) APAS ESTUDAR. (DA, C.avi)
“Estudei na APAS.”

(23) DEPOIS ESTUDAR.
“Depois estudarei.”

Em (22), a situação pode ser considerada um *accomplishment*, portanto, o aspecto *default* é perfectivo, o qual seleciona o tempo passado – pela hipótese de restrição de seleção, já explorada por nós nas páginas 67 e 68 deste texto.

Já em (23) é empregado o operador ‘DEPOIS’, que pode ser aceito como enunciado estereotipado, cujo uso gera a necessidade de se presupor que nessa sentença há uma informação a mais do que em (22). Assim, esse item lexical estabelece a referência temporal para os eventos que, no caso de (23) passa a ser TR<TF, denotando a leitura de futuro. Nas palavras da autora:

Assim, é admissível afirmar que, na Libras, é possível predizer a localização temporal dos eventos denotados pelas sentenças dessa língua por meio da composição entre conteúdo lexical dos verbos (aktionsart), mais as implicaturas conversacionais geradas pelo conhecimento compartilhado entre os interlocutores sobre elementos contextuais e sobre a própria estrutura linguística observada pelos tipos de enunciados: ocorrências de flexões e operadores. (Finau, 2004a, p.28)

Deste modo, coloca-se a nós que a Libras dá indícios de sua temporalidade dêitca (tempo) por meio da composição entre o conteúdo lexical dos verbos, as relações implícitas colocadas aos interlocutores e a análise linguística quanto a flexões e operadores.

RESUMO DA III PARTE

Neste III parte assumimos que o processo de aquisição da linguagem de uma criança surda se dá tal qual ocorre com a criança ouvinte, quer seja nos seus fundamentos de constituição (universalidade, uniformidade, agilidade) ou pelas fases e estágios de desenvolvimento linguístico. Acreditamos que Grolla (2006) e Quadros (1997) procedem, coerentemente, em sua abordagem sobre o tema e por isso seus escritos encontram terreno fértil em nosso texto. De forma semelhante, afirmamos a ‘veracidade’ da associação télico-perfectivo e atélico-imperfectivo também na Libras sendo que compreendemos haver uma ordem cronológica para que a associação ocorra: primeiramente a associação télico-perfectivo e depois a associação atélico-imperfectivo. Fazemos esta asserção baseando-nos em estudos de Wagner (2001), Li & Bowerman, (1998), Bronckart e Sinclair (1973), Stephany (1981), De Lemos (1981), Lopes e Souza (2005) e outros.

Nesta III parte, a hipótese da primazia do aspecto (Wagner, 2001) - que apregoa que o aspecto é adquirido antes do tempo – também é assumida por nós devido ao fato de admitirmos a universalidade da categoria aspectual em sua prévia manifestação. Finalmente, afirmamos que a criança é capaz de associar o tempo ao aspecto sob o escopo do télico-perfectivo-passado e atélico-imperfectivo-presente. Valemo-nos de Osa-wa (1999), Finau (2004a), Reis e Lopes (2008) e outros para assumir esta proposição. Todas estas asserções podem ser justificadas, de acordo com o modelo minimalista, se corroboramos com a existência de um nóculo Asp abaixo do Tens.

IV PARTE

APLICANDO A TEORIA AOS DADOS

Nesta IV parte temos a intenção de aplicar todos os estudos teóricos vistos nas partes I, II e III aos nossos dados e para tanto apresentamos algumas considerações linguísticas gerais acerca dos estágios de aquisição da linguagem e dos princípios da teoria gerativa no que se refere ao processo aquisicional para, então, partimos à análise das produções aspectuais do sujeito investigado. Antes, porém, apresentamos quais foram os procedimentos metodológicos adotados na pesquisa (coleta e o tratamento de dados). No capítulo 1, definimos as categorias de análise e no capítulo 2 nos debruçamos sobre elas à luz de nosso corpus a fim de investigarmos o aspecto na aquisição da língua brasileira de sinais, conforme proposta desta dissertação.

CAPÍTULO 1: PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Scarpa (2001) nos aponta que os estudos sistemáticos sobre como a criança aprende e adquire linguagem vêm sendo feitos desde o século XIX quando os primeiros linguistas com interesse paterno elaboraram diários de acompanhamento das produções dos seus filhos caracterizando-se por serem mais descritivos e intuitivos, porém, diferentemente do que se faz atualmente, naquela época não havia intenção de colocar estes dados justificando determinada teoria linguística. Estes estudos são do tipo longitudinal e esta é uma metodologia de pesquisa com dados de desenvolvimento que está bem estabelecida atualmente e é bastante recomendada em pesquisa aquisicionais. Nas palavras da autora:

Trata-se do estudo que acompanha o desenvolvimento da linguagem de uma criança ao longo do tempo. As anotações em forma de diário, do que a criança diz, em situação naturalística (isto é, em ambiente natural, em atividades cotidianas), foram posteriormente substituídas por registros em fitas magnéticas, em áudio ou vídeo. Assim, grava-se a fala de uma criança por um período de tempo pre-estabelecido (por exemplo: meia hora, 40 minutos, uma hora, etc.), em intervalos regulares (seções semanais, quinzenais, mensais, etc.), dependendo

do tema a ser pesquisado. Esse material é posteriormente transcrito da maneira mais apropriada para a pesquisa em pauta (transcrição fonética, prosódica, cursiva, codificada segundo orientações sintática, semânticas, etc.). A suposição é que, registrando-se uma quantidade razoável da fala da criança de cada vez, pode-se ter uma mostra bastante representativa para se estudar como o conhecimento da língua pela criança é adquirido e/ou como muda no tempo. A partir da metade dos anos 1980, bancos de dados da fala de várias crianças do mundo todo têm sido formados seguindo codificações informatizadas. (Scarpa, 2001, p.204)

É então, a pesquisa naturalística, longitudinal e espontânea que regerá nossa análise.

1.1 Coleta de dados

O sujeito investigado é uma menina surda com pseudônimo de ANA, filha de pais surdos que adquiriu a língua de sinais como sua primeira língua. ANA foi filmada dos 8 meses aos 4:0 anos, ou seja, foram mais de três anos de coleta de dados. O armazenamento destes dados é que possibilitou o desenvolvimento desta pesquisa em caráter longitudinal. As sessões de filmagens eram de 30 a 40 minutos cada, sendo que estas aconteciam mensalmente. O que gerou um total de 32 sessões.

O ambiente de filmagem da ANA era em sua própria casa, com sua irmã surda, com seus brinquedos, ou na escola, ou ainda em espaços abertos como jardins e parques. A escolha destes ambientes, segundo pressupostos da pesquisa naturalística/longitudinal, foi de proporcionar à ANA um espaço que lhe fosse conhecido, para que, estando bem à vontade pudesse produzir espontaneamente quaisquer expressões na sua língua. Tais ambientes favoreceram diferenciadas ações e/ou atitudes por parte da criança, por isso, ora ela interessava-se por comer, ora estava se arrumando (tomando banho, penteando os cabelos), ora estava no quintal (no balanço, no galinheiro, na varanda) e em outros momentos apenas brincava (com joguinhos, com álbum de fotos e/ou com animais domésticos).

Nestes momentos de interação, havia sempre um interlocutor fluente em Libras. Quando em casa, o interlocutor era sua mãe, seu pai, sua irmã ou visitantes da família. Quando na escola o interlocutor era

ou uma profissional ouvinte ou uma profissional surda que interagem com ANA. O papel do adulto neste contexto era imprescindível, pois ele instigava o diálogo com a criança, levando-a a produzir sinais como respostas às perguntas feitas ou ainda a perguntar coisas sobre temas que lhe eram interessantes. Infelizmente, houve momentos em que a interação foi prejudicada pois a mesma pessoa que filmava era aquela que dialogava com a criança, então perdeu-se a fala do adulto o que dificulta muito o entendimento do contexto.

Outra problemática em relação ao método e inerente a própria natureza de ‘espontaneidade’ da coleta foi a qualidade da interação, da qualidade discursiva e da qualidade de *input* que os pais ofereceram à filha. ANA muitas vezes ficava sozinha ou estava com suas mãos ocupadas. Fatos estes que dificultavam sua expressividade em Libras. Além disso, em muitos momentos lhe era oferecido algum brinquedo e isto a chamava muita atenção e nenhuma instigação sobre isto, era lhe feita e a deixavam, simplesmente, manipulando o objeto sendo que – em nosso ponto de vista – poderiam ter a inquirido sobre as propriedades do objeto, suas considerações sobre aquilo, comparações com outras coisas, etc.

O corpus utilizado nesta dissertação é de domínio do grupo de pesquisa sobre aquisição de língua brasileira de sinais da UFSC, dirigido por Ronice Muller de Quadros e diante da solicitação de pesquisas, os dados são disponibilizados e recebem tratamento de análise diferenciado de modo a servir de corpus aos distintos objetos de investigação. É o caso, por exemplo, do projeto de investigação interlinguística de aquisição de linguagem financiado pelo *Haskins Laboratories* que durante o ano de 1998, transcreveu os dados da ANA no CHILDES, através de glosas utilizando palavras do inglês, na *University of Connecticut*.

Para pesquisa que ora propomos, novamente os mesmos dados foram disponibilizados para que possamos analisá-los e valendo-nos desta corpora possamos construir juntos novos achados acerca da gramática da Libras e, em especial, para que possamos tecer análises sobre a categoria aspectual na aquisição da linguagem da criança surda em questão.

1.2 Tratamento dos dados

Conforme apresentado anteriormente, toda a pesquisa longitudinal que trabalha com a espontaneidade da criança apresenta, além de seus muitos pontos positivos, algumas dificuldades inerentes ao processo e a própria natureza do ato investigativo. Foram os casos, por exemplo, de

haver muito tempo de filmagem da criança sem que ela estivesse numa situação dialógica, pois o interlocutor não se fazia presente. Ou então, quando o interlocutor estava presente, mas a dispersava com brinquedos e/ou outros objetos que lhes eram oferecidos e não interagiam verbalmente com a menina. Fatos estes que se mostram prejudiciais ao tratamento dos dados, pois há muito tempo em que a fala é silenciada.

De igual maneira, tivemos algumas dificuldades para tratar os dados da ANA porque o adulto que interagiu com ela em muitos momentos era o mesmo que realizava a filmagem e por utilizar-se das mãos para duas funções: segurar o instrumento de gravação e conversar acabava fazendo registros de imagens de maneira trêmula e vacilante.

Salvaguardando todas as questões acima levantadas passamos a um momento crucial: a escolha do método de transcrição. Sabemos que atualmente há grande adesão por programas de computador que fazem a transcrição de sinais com bastante precisão, é o caso do Programa ELAN, por exemplo que internacionalmente está bastante difundido. Porém, devido a exigência de tempo que é imposta para utilizar-se de tal programa, julgamos que este não seria o caminho mais apropriado para nossa pesquisa. Diante deste impasse abrimos mão do ELAN e adotamos outro sistema, igualmente eficaz, que nos permitia, em tempo hábil, transcrever as sentenças a serem analisadas. O modelo de transcrição adotado foi o Sistema de Notação por Palavras que foi criado e desenvolvido pela pesquisadora de língua brasileira de sinais, Tânia Amaro Felipe, no ano de 1998. Pela clareza da transcrição, o sistema foi muito aceito, não só por pesquisadores brasileiros que atuavam neste período, mas também por outros que desenvolviam trabalhos com línguas de sinais, como é o caso de Friedman (1976), Liddell (1977) e Padden (1983). Assim, não desprestigiamos a nobreza das pesquisas desenvolvidas com sistema tecnológico de transcrição – ELAN – mas justificamos o resgate a um método mais conhecido devido ausência de tempo para apropriar-se da ferramenta.

Além disso, o Sistema de Notação por Palavras nos permite muito bem trabalhar com nossos dados e discorrer a análise linguística que estamos propondo, pois como nosso foco principal está na variação dos movimentos, temos que assistir o sinal por várias vezes e tal procedimento é permitido, facilmente, por qualquer recurso de vídeo. Como o sinal ‘é o mesmo’ e produzido com movimentos diferentes, o registro por meio de notação e a subsequente tradução para o português – se necessária – são meios muito práticos de transcrição. Desta forma, nossa escolha por este modelo de transcrição se deu por entendermos ser ele plenamente sufi-

ciente para o tratamento dos dados que serão analisados nesta dissertação.

O registro das palavras de tal sistema estabelece as convenções apresentadas abaixo para a transcrição dos dados. Tais convenções foram adotadas nesta pesquisa e outras, criadas pela nossa necessidade de análise, serão a elas somadas:

Tabela 5: Sistema de notação por palavras

SISTEMA DE NOTAÇÃO POR PALAVRAS	CONVENÇÃO
CASA	Os sinais da Libras são representados por itens lexicais da Língua Portuguesa em letras maiúsculas
CORTAR-COM-FACA	Os sinais que são traduzidos por mais de uma palavra no português são representados pelas palavras correspondentes e separadas com hífen.
CAVALO^LISTRA (zebra)	Os sinais compostos da Libras, quer dizer, aqueles que necessitam de mais de um sinal para representar uma ideia são representados por palavras do português separados por ^.
J-O-Ã-O	O alfabeto manual utilizado para expressar nomes que não tenham sinal na Libras são representados letra por letra e separadas por hífen.
<i>N-U-N-C-A</i>	Um sinal soletrado, quer dizer, aquelas datilologias que, por empréstimos linguísticos do português, receberam um movimento próprio da Libras e passam a pertencer a esta língua são representados letra a letra, separadas por hífen e de forma itálica.
AMIG@	Como na Libras não há marcação para gênero, quer dizer, a notação pode estar se referindo a amigo ou a amiga, usa-se o símbolo @ para esta classificação.
NOME ^{interrogativa}	Marcação de sinais não manuais realizados simultâneos ao sinais manuais. Neste caso, uma pergunta: Qual seu nome?
SABER ^{negação}	Marcação de sinais não manuais realizados simultâneos ao sinais manuais. Neste caso, uma negação: Não sei.

ADMIRAR ^{exclamativo} LONGE ^{muito}	Marcação de sinais não manuais realizados simultâneos aos sinais manuais para denotar advérbio de modo ou intensificador.
ANDAR ^{pessoa} ANDAR ^{veículo}	Verbos com concordância para pessoa, objeto e animal são representados com o sujeito subscrito.
^{1s} DAR ^{2s} Eu dou a você	Verbos com concordância para as pessoas gramaticais serão representadas com o seu correspondente subscrito:
^{2s} PERGUNTAR ^{3p} Você pergunta para El@s	1s 2s 3s = 1 ^a , 2 ^a e 3 ^a pessoas do singular. 1d 2d 3d = 1 ^a , 2 ^a e 3 ^a pessoas do dual. 1p 2p 3p = 1 ^a , 2 ^a e 3 ^a pessoas do plural
^d ANDAR ^e Andar da direita para esquerda.	Verbos com concordância para lugar serão representados com seu correspondente subscrito: d = direita e = esquerda
MENINA +	Marca de plural pela repetição do sinal.

Neste Sistema não encontramos a convenção para apontamento. Este fenômeno linguístico não só serve como pronome, mas também serve para referenciar o objeto da sentença. Tornou-se, portanto importante definirmos um símbolo – apresentado abaixo – que remetesse a produção de apontamento da ANA. Da mesma forma, é ausente deste modelo de transcrição a aspectualização – elemento imprescindível em nossa análise – o que nos levou a convencionalizar alguns símbolos para cada uma destas caracterizações. Para fins exclusivos desta dissertação, os símbolos abaixo serão utilizados para as marcações linguísticas necessárias e ausentes na metodologia adotada.

IX<bicicleta>	Apontação para o objeto (ou pessoa) referenciado entre os símbolos < >
perfectivo	Verbo produzido com movimentos diferentes do sinal raiz, ou seja, com flexão, e que tal flexão denota aspecto perfectivo.
imperfectivo	Verbo produzido com movimentos diferentes do sinal raiz, ou seja, com flexão, e que tal flexão denota aspecto imperfectivo.

1.3 Categorias de análise

Como nosso trabalho não se enquadra em um texto, exclusivamente, descritivo mas se propõe a uma investigação quanto ao processo de aquisição da categoria aspectual pela criança surda precisamos levantar aportes teóricos que se assentassem – ou não - em nossos dados. Os estudos teóricos que retomamos neste momento são aqueles apresentados ao longo das primeiras partes da dissertação pois foram eles que serviram de base para análise de duas macro categorias:

- Produções linguísticas gerais
- Produções aspectuais

Nossa primeira categoria é uma análise, majoritariamente, qualitativa e está posta sem dados estatísticos e/ou numéricos. São considerações meramente discursivas quanto às produções linguística da criança que podem servir como refutação ou reafirmação das escolhas teóricas anteriormente apresentadas. Quanto a esta primeira categoria de análise, vamos procurar apurar se os dados respondem ou ausentam-se das seguintes postulações:

- Princípios da Teoria Gerativa;
- Estrutura Gramatical da Libras (aspectos fonológicos e morfossintáticos);
- Princípios de aquisição da linguagem;

Procuramos olhar para os dados e encontrar neles aplicabilidade teórica a fim de confirmar o problema de Platão, o Inatismo Chomskyniano e o D.A.L. De forma a tecer um fio condutor, construímos o discurso de modo a relacionar o que se pode verificar e o que não se pode verificar nestes dados. Assim, tais achados poderão servir de amparo às pesquisas que já corroboram com estas teorias ou podem servir de desafios às novas buscas teóricas que procurem explicar os fatos não confirmados em nossos dados.

Da mesma forma, procuramos olhar para a Libras como uma língua completa e complexa e não nos atermos, pura e simplesmente, ao nosso objeto de estudo mas também procuramos oportunizar a reafirmação dos construtos gramaticais já levantados para esta língua assim como deixar lacunas que ainda carecem de investigações linguísticas.

Tivemos também a intenção de elucidar os apontamentos quanto ao processo de aquisição de linguagem com uma criança surda visto serem raras as oportunidades de estudo com surdos filhos de pais surdos e sendo que estes estudos são muito importantes, pois podem se colocar como produção linguística padrão e podem, a partir deles, gerar curiosidades para outros caminhos investigativos.

A primeira categoria de análise (produção linguística geral) não se pretende ser exaustiva, mas apenas ilustrativa e introdutória e soma-se a nosso trabalho por ele inserir-se numa linha de pesquisa de aquisição de linguagem e considerando que os estudos gramaticais da Libras são poucos no Brasil, o que se dizer quanto aos estudos sobre aquisição da Libras? Por isso, todas as considerações quanto a isso tornam-se importantes neste momento.

Nossa segunda macro categoria de análise trata das produções aspectuais da criança surda e dentro dela procuramos elencar três principais pontos de investigação:

- Associação télico-perfectivo e atélico-imperfectivo na aquisição do aspecto;
- Hipótese da Primazia do Aspecto;
- Associação télico-perfectivo-passado e atélico-imperfectivo-presente:

tempo aspectualmente dado;

Como todos os estudos sobre aquisição do aspecto tomam a associação entre telicidade e aspectualidade como presente nas produções emergentes das crianças, tomamos o mesmo rumo para nossa análise. Nosso objetivo é de saber se este comportamento linguístico posto – quanto a aquisição da categoria aspectual - para tantas línguas naturais pode também ser verificado na Libras. Assim, perquirimos nossos dados em busca desta associação, pois com esta informação em mãos, podemos analisar a quantidade de emergência (télico ou atélico) que é produzida em maior escala, a primazia de produção (télico ou atélico é produzido primeiro), a lexicalidade e a gramaticalidade da associação (traços semânticos e morfológicos do perfectivo e imperfectivo) e a justificativa teórica para tal constatação. Este filtro se faz importante, à medida que podemos analisar as formas distintas de expressões linguísticas e verificarmos se ocorre com a criança surda o mesmo que ocorre com a criança ouvinte: maior incidência de produção perfectiva, assim como, a análise dos tipos de flexão e os processos morfológicos contribuem com os postulados que afirmam que a Libras é de natureza flexional.

Quanto ao nosso olhar para as produções do aspecto lexical, destacamos que é importante considerarmos o ‘conhecimento semântico’ visto que demonstra as escolhas linguísticas do falante bem como revela-nos uma parte importante da estrutura da língua: os elementos lexicais. Além disso, demonstra se o comportamento dos sinais da Libras têm as características precisas como é recorrente nas línguas do mundo.

Então, passamos a consideração do segundo ponto da análise que é a constatação se a hipótese da primazia do aspecto se confirma para os dados da Libras. Neste ponto verificamos que a criança em questão produz elementos linguísticos temporais e de que ordem se apresentam.

Depois caminhamos para o terceiro ponto da investigação que é a descoberta de que se o aspecto converge para o tempo (quer ele seja marcado ou não). Se há uma associação entre a aspectualidade e a temporalidade e de que forma acontece.

Na verdade, se todos os pontos apresentados nesta categoria de análise se confirmarem, não estaremos percorrendo nenhum caminho inédito, a não ser

³³ De acordo com apresentação da seção sobre a morfologia da LIBRAS, estamos considerando que os verbos são flexionados quando produzidos com parâmetros morfológicos diferentes de como o sinal raiz é produzido sendo que os parâmetros que podem ser alterados e gerar flexão verbal são expressão facial, configuração de mão, e movimento. Se ocorrerem tais alterações nos sinais produzidos pela criança, então, se estabelecem aí condições legitimadas para composição do aspecto gramatical.

a especificidade da modalidade linguística da Libras, pois todas as considerações quanto a esta segunda categoria serão as mesmas colocadas pela literatura linguística geral. Se assim for, haverá uma anuência teórica para esta língua.

CAPÍTULO 2: ANÁLISE DOS DADOS

Retomando o que já dissemos antes, ao longo do corpus encontramos cenas em que a criança está sozinha, sem interação linguística e encontramos também muitos momentos em que, mesmo havendo a presença de adulto, não havia estímulo à linguagem. Há cenas em que os brinquedos dispersavam a menina e ao invés de os utilizarem como recursos desencadeadores de conversas, a deixavam sozinha. Estas cenas nos servem – para além de pensarmos na qualidade das filmagens, pois tais ‘falhas’ são inerentes as pesquisas de produção espontânea – como reflexão acerca das ideias chomskynianas sobre aquisição da linguagem. Segundo ele, o processo de adquirir a estrutura de uma língua natural é universal, pois independe da qualidade interativa que se estabelece com a criança. É bem verdade, que os adultos não exerceram um papel determinante na expressividade linguística da ANA dado ao fato de ela já possuir um conhecimento linguístico inato e, portanto, estava amparada neste processo. É como se a criança tivesse um sistema ‘computacional’ em sua mente capaz de gerar representações linguísticas (D.A.L). Este fenômeno é explicado pela teoria gerativa como a discrepância entre *input* e *output* do falante e significa exatamente isso: a criança é exposta a estímulos pobres e limitados, porém devido ao seu inato conhecimento linguístico é capaz de se desenvolver ao ponto de gerar infinitos enunciados bem formados.

Além disso, quando ANA estava com 8 meses e interagia com seu pai, podemos perceber que, realmente, a linguagem é a capacidade mental do ser humano, pois eles conseguiam estabelecer uma especificidade da comunicação visual. ANA, por bastante tempo – ficava imitando os movimentos de mão produzidos pelo pai e chegava inclusive os reproduzir em outras direções. Assim, percebemos que há uma tendência inata para desenvolvimento da linguagem, pois este jogo de imitação realizado por ANA pretende, na verdade, reafirmar o *input* e para na sequência produzir o *output*.

No concernente ao nosso conceito de língua (relembrando: conjunto de regras que geram uma infinidade de sentença) também houve possibilidade de elucidação pelos dados. Isto se evidencia quando a menina (aos oito meses) está apropriando-se de um parâmetro morfológico da Libras – o movimento, para produzir o sinal que vê o pai realizar. Este é um importante parâmetro da Libras que será usado futuramente como flexão verbal e produção aspectual. Ela ainda não consegue copiar as configurações de mão, dada a complexidade que a coordenação motora fina impõe, porém, os movimentos estão sendo aprendidos e a criança os transfere para o tronco. Então, se suas mãos estão produzindo um balanço para frente e para trás assim também ela o fará em relação ao seu corpo, numa brincadeira repetitiva. Vemos que a modalidade linguística espaço-visual da Libras, já

está organizada no cérebro da ANA a ponto dela entender que precisa organizar o olhar, para o discurso e para o objeto. Isto ocorre em momentos quando a criança surda está relacionando-se com um falante de Libras o qual está com um objeto em mãos. A criança precisa organizar-se no seu campo visual para dar conta de perceber o espaço físico dedicado ao objeto e perceber as relações de fala estabelecidas no espaço linguístico – próximo ao rosto do sinalizador. Isto se manifesta quando o pai mostra a fralda e fala com ela em sinais a mudança de olhar é nítida e evidente. ANA se orienta no espaço diferentemente da organização que faz uma criança ouvinte, pois esta vê o objeto e simultaneamente ouve o falante tecendo suas considerações, já à criança surda são solicitados dois momentos distintos, a saber: o primeiro lançamento de olhos ao objeto e o segundo ao sinalizador.

Além disso, há um detalhamento do movimento para além de sua repetição e do transporte para o tronco, mas também no alongamento dos braços. Tais movimentos refletem uma intenção comunicativa de quem os produz. Este fenômeno ocorre – entre outros – quando ANA interage com sua irmã e lhe exprime um pedido, que é de pegar um brinquedo que está próximo ao interlocutor. Para expressar-se ANA alonga seus braços em direção ao objeto desejado e lança seu olhar tanto ao brinquedo quando à irmã demonstrando assim seu pedido. Percebemos que está havendo a apropriação da estrutura da língua.

Nessas primeiras cenas, onde quase não há produção linguística – propriamente dita – mas há apropriação de parâmetros fonológicos e há balbucios podemos reiterar que o mero contato com a língua vai possibilitar à criança desenvolver a expressividade linguística. E este processo vai ocorrer de modo muito fácil mesmo que haja ausência de uma fala dirigida a ela, pois a universalidade da aquisição da linguagem explica que independente da língua ou do desenvolvimento das habilidades motoras haverá apropriação de um sistema de enunciados pela criança.

Em relação aos estágios de aquisição da linguagem apontados em Grolla (2006) e Quadros (1997) verificamos que algumas características se aplicaram aos nossos dados, mas que outras foram ausentes. De forma a organizar didaticamente o texto apresentamos nossas constatações por fases:

ANA com 8 meses:

Segundo Grolla (2006), todas as crianças, indiferente da condição auditiva que apresentam, choram e emitem sons sem nenhum significado e realmente podemos averiguar muitos choros e muitos sons produzidos pela criança. Além disso, a autora também fala que os recém-nascidos têm muita sensibilidade para perceber as propriedades fonológicas da sua língua e, conforme já apontamos, ANA demonstra muita percepção pelos parâmetros fonológicos da Libras.

Nossos achados nesta fase vão ao encontro das asserções da autora quanto ao fato de que indiferente da condição auditiva das crianças, todas apresentam balbucio oral. Claro que percebemos que, em comparação com os balbucios produzidos por uma criança ouvinte, os balbucios da ANA não apresentam tanta

variação nas sílabas produzidas pela falta de retorno auditivo.

Outro aspecto possível de legitimação dos apontamentos de Grolla (2006) é com relação aos balbucios manuais. Quando ANA começou a desenvolver imensamente os balbucios manuais detectamos que suas vocalizações cessaram. De acordo com Petitto e Maritette (1991) isto ocorre porque o *input* espaço-visual vai favorecer o desenvolvimento do balbucio manual em detrimento do oral. O *input* recebido por ANA é altamente importante, pois como seus pais são surdos, eles interagem com ela em língua de sinais e a estimulam a imitar os movimentos realizados com as mãos. Com isso, a menina tem um rápido processo de desenvolvimento lingüístico. Vemos isto quando em meio a mistura de choros e risos naturais nesta idade e movimentos corporais descoordenados – pegando os pés e caindo na cama, por exemplo – ANA consegue se comunicar visualmente com seu pai lhe solicitando o objeto desejado: a chupeta.

Ainda nesta fase, conforme nos aponta Emmorey (2002), as crianças começam a descartar alguns balbucios e começam a emitir algumas sinalizações. Vemos isso, quando a menina deixa de balbuciar e consegue pronunciar o sinal de DAR, esticando os bracinhos para frente e fechando os dedinhos contra a palma da mão num movimento de abrir e fechar. A sua mão fica direcionada com a palma para cima.

Segundo Emmorey (2002) aos 8 meses as crianças descartam alguns balbucios por considerar que são gestos e não sinais lexicais e que, portanto, não devem mais fazer parte do seu repertório atualizado. É o caso da apontação. Este é um fenômeno presente nas enunciações de crianças surdas e ouvintes no estágio de balbucio, que não mais será utilizado pelas surdas para pronominar. Segundo o autor, posteriormente, quando a estrutura gramatical tiver sofrido maturação, haverá uma reorganização e aceitação de uso, pois a criança entenderá que a apontação deixou de ser gesto e se tornou elemento gramatical. Porém, não conseguimos apurar tal constatação nas produções da menina.

Primeiras combinações de ANA:

A próxima fase vivenciada é das primeiras combinações, pois as crianças aprendem muitas palavras novas por dia e por isso incrementam suas falas fazendo pausas entre duas palavras. Quadros (1997) nos diz que neste estágio as crianças surdas apresentam dificuldades de entender os pronomes e, por isso, muitas vezes se referem a elas mesmas apontando para o interlocutor ou vice-versa. Infelizmente, não conseguimos verificar isto. Há muitas cenas em que a ANA está brincando com fotos e que na interação com a mãe e/ou outro adulto ela aponta para si e aponta para a foto mas como a visualização da imagem é apenas da criança não foi possível verificar se quando aponta esta se referindo – adequadamente – a ela ou se está fazendo pronome de modo inadequado. Esta seria uma ótima oportunidade de verificação do uso pronominal, mas, infelizmente, não temos condições de afirmar que este ponto da teoria se aplicou ao nosso corpus por falta de evidências. Após aprender outro sinal, nas próximas seções, ANA

já está com 1:0 e, atestando os postulados de Grolla (2006), começa a expressar enunciados com apenas uma palavra com significado de sentença completa. Tal fenômeno foi acima elucidado quando ao dizer DAR, a criança está expressando o enunciado DAR CHUPETA.

Figura 52: ANA com 2:0 realizando o sinal de _{1s} DAR _{2s}



Explosão vocabular de ANA:

Aos três anos, tanto crianças surdas quanto ouvintes experienciam uma explosão vocabular. Já produzem sentenças complexas como

orações relativas e coordenadas, mas devido ao alto nível de dificuldade gramatical seguem o curso da aquisição cometendo pequenos equívocos, conforme apontamentos de Quadros (1997).

Um fenômeno elucidativo da aquisição de um sinal ‘completo’ (com todos os parâmetros fonológicos) e não mais aquisição dos parâmetros isolados, foi quando a criança estava com 2:11 e em diálogo com a mãe começa a aprender o sinal de SORRIR (conforme figura abaixo). A mãe ensina, inconscientemente, a configuração de mão, o ponto de articulação e o movimento e a menina imita corretamente o ponto de articulação e o movimento, mas não consegue reproduzir da mesma forma a configuração de mão. A mãe age com um *input* favorável fazendo a intervenção devida. Toca na filha, ajeita sua mão para que realize o sinal de forma correta. ANA gosta do sinal, sorri quando a mãe a repreende pelo mau jeito na realização do sinal, mas tem dificuldade para fazer a configuração apresentada. Solicita a mãe por várias vezes que a auxilie. Até que, então, executa os 3 parâmetros (configuração de mão, movimento e ponto de articulação) e consegue realizar com precisão o sinal de SORRIR. Este jogo interativo, para além de mostrar a importância do adulto no contexto de aquisição da linguagem, a qualidade do *input* e outros, também nos aponta para uma característica das línguas humanas, presente, igualmente, na Libras: a regularidade. Conforme já apresentamos, as línguas humanas – e, portanto, a Libras também, têm parâmetros de realização que não podem ser alterados para sua efetiva comunicação. Assim, há exigência de que os elementos fonológicos sejam adequadamente produzidos na realização dos sinais.

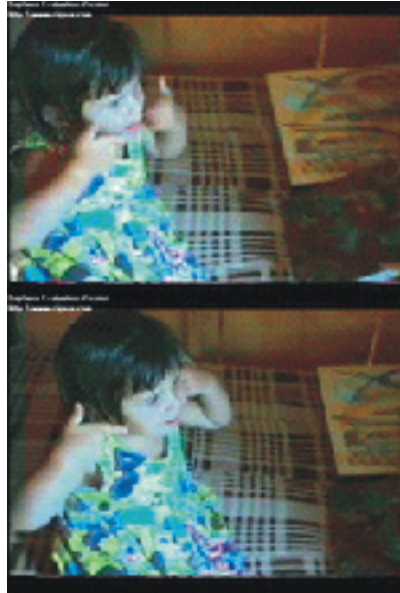


Figura 53: ANA com 2:11 realizando o sinal de SORRIR

Claro que neste contexto é preciso considerar que, normalmente, as crianças não respondem à correção do adulto, e que apesar da intervenção vão continuar produzindo termos não flexionados adequadamente até que sua gramática mature. Destacamos este exemplo – de produção momentânea da ANA – apenas para elucidar a regularidade dos parâmetros linguísticos da Libras mas nada nos garante que em outras ocasiões ela não replique o modelo de sinalização anteriormente empregado. A exigência de produção dos sinais, em seus aspectos fonológicos, se manifesta futuramente quando há aquisição dos aspectos morfossintáticos, pois conforme já apresentamos é, na sintaxe que está a legitimação da realização morfológica da Libras. Vemos isso em duas construções morfológicas diferentes para o mesmo sinal de COMER:

(24). PEIXE COMER
Comi o peixe

(25).BOLACHA COMER
Comi a bolacha

Na sentença (24) ANA optou por não flexionar o verbo e utilizá-lo em sua forma morfológica padrão, ou seja, empregou o sinal raiz de COMER (os quatro dedos indo ao encontro da palma da mão, em locação próxima a boca) para dar a informação de ter comido o peixe.

Em (25) a menina usa uma forma morfológica distinta. Para se referir ao mesmo verbo COMER ela flexiona o morfema da configuração de mão em forma de C apenas com os dedos indicador e polegar como se estivesse informando que o formato da bolacha é redonda e o faz com um movimento de levar a boca. A boca realiza o movimento imitando MORDER. Neste caso, o verbo COMER³⁴ é morfológicamente diferente. Outro ponto que também nos chamou bastante atenção, nesta fase, foi a quantidade de produção de predicados via apontamentos. ANA fez mais de 600 apontações e sabemos que esta expressão denota uma propriedade gramatical desta língua bem como caracteriza-se por uma evidência da categoria funcional. Claro que há que se refletir exaustivamente sob este fenômeno a fim de separar produções gestualizadas das lexicalizadas até porque o vocabulário da criança ainda está em construção e – assim como fazem as crianças ouvintes – na falta de um léxico apropriado à situação, ANA pode ter apontado como forma paliativa de comunicação.

A explosão vocabular pode também ser visualizada na tabela abaixo a qual revela que nos primeiros meses de investigação há um pequeno número de verbos produzidos, mas com o passar do tempo das gravações e com o avanço etário da menina houve um crescente na produção verbal.

IDADE	NÚMERO DE VERBOS
8 meses a 2:0	25
2:0 a 3:0	47
3:0 a 4:0	52
TOTAL	124

Conforme podemos visualizar na tabela acima, nos primeiros anos de vida ANA produz um número limitado de verbos, num total de (25) vinte cinco. Percebe-se que há um crescente em sua produção com-

³⁴ Na literatura linguística sobre a LIBRAS este verbo é classificado como verbo de concordância (ou classificador) dado a sua natureza de incorporação do objeto (COMER-MELANCIA, COMER-MAÇÃ).

parando o acréscimo no repertório verbal desta, de (47) quarenta e sete novos verbos, do segundo ano para o terceiro ano. Já do terceiro para o quarto ano o aumento é de (52) cinquenta e dois novos léxicos. Isto porque no período dos 3:0 a 4:0 ela continua usando os verbos produzidos anteriormente e acrescenta mais (52) cinquenta e dois novos verbos à sua produção, o que gera, na verdade, uso de 124 verbos diferente na fase que compreende 8 meses a 4:0. Esta explosão vocabular pela qual as crianças passam pode ser explicada, naturalmente, no período de aquisição da linguagem. Há que ressaltar também que nossa seleção de todo aparato linguístico da criança recaiu sobre os verbos, embora em sua gramática está elaborando muitos outros predicados e categorias o que demonstra que o processo de aquisição da linguagem da criança surda é análogo ao da criança ouvinte.

Passemos agora à análise das produções aspectuais de ANA.

2.1 Análise das produções aspectuais: associação télico-perfectivo e atélico-imperfectivo

Conforme vimos na parte destinada aos estudos da aquisição da categoria aspectual, há uma recorrente associação delegada ao processo de aquisição do aspecto. Esta associação refere-se a proximidade entre telicidade e aspectualidade, ou seja, télico-perfectivo e atélico-imperfectivo. Vimos que no inglês (Wagner, 2001, entre outros), no chinês (Li & Bowerman, 1998, entre outros), no espanhol (Hodgson, 2003, entre outros), no grego (Stephany, 1981, entre outros) no português (De Lemos, 1981, Lopes e Souza 2005) isso ocorre e, naquele momento, elucidamos nosso pensamento com uma sentença produzida por ANA. Mas será que podemos garantir que tal associação ocorre no processo de aquisição do aspecto na Libras? De acordo com que encontramos em nossos dados, sim. Então, estamos tomando que nossa pesquisa corrobora com os achados linguísticos que apontam esta associação no início do processo aquisicional, visto que a criança investigada por nós reincide a associação télico-perfectivo e atélico-imperfectivo encontrada em crianças ouvintes. Podemos verificar este fenômeno por meio da análise de 124 sentenças diferente das quais pudemos identificar a ocorrência de morfologia perfectiva com predicado denotando ações télicas bem como morfologia de imperfectivo com predicados atélicos. Lembramos que, em Libras, o perfectivo é dado por movimentos retos e abruptos enquanto que o imperfectivo é produzido por meio de movi-

mentos lentos e contínuos. Retomamos ainda que nossa concepção de télico e atélico pauta-se em Comrie (1976) para o qual a telicidade está associada a apresentação ou não de um fim inerente, ou seja, predicados télicos apresentam fim inerente e predicados atélicos denotam eventos que não apresentam um fim inerente. Desta forma, destacamos alguns exemplos sentenças perfectivas-télicas e imperfectivas-atélicas abaixo transcritas:

(26) IX <isso> QUEBRAR_{perf}

Tradução: Isso quebrou.

(27) VER_{perf} IX <lá>

Tradução: Olha lá.

(28) _{2s}DAR_{1sperf}

Tradução: Dá para mim.

(29) SENTAR_{perf} IX <aqui>

Tradução: Sente aqui.

(30) MORRER_{perf} IX <planta>

Tradução: A planta morreu.

Além de ANA ter sinalizado os verbos acima de forma reta e abrupta, os eventos descritos nas sentenças denotam instantaneidade e sem estágios sucessivos e um ponto de culminância, que representa o desfecho da ação. Assim, a associação télico-perfectivo ocorre nas produções da criança observada. Com relação a morfologia imperfectiva o que encontramos foram sentenças do tipo:

(31) BONECA CHORAR_{imperf}

Tradução: A boneca está chorando.

(32) ESPERAR_{imperf} IX <ai>

Tradução: Espere ai.

(33) QUERER_{imperf} IX <isso>

Tradução: Quero isso

(34) FEDER+++_{imperf} IX <bebê>

Tradução: O bebê está fedendo muito.

(35) FILMAR_{imperf} IX<você>
Tradução: Você está filmando.

Neste ponto destacamos que a flexão verbal foi lenta e continua e os predicados a eles associados são de ordem atélicas, pois não possuem duração definida, necessitando de algum agente externo para mudar o estado (no caso de QUERER e ESPERAR). Os predicados atélicos não apresentam um fim inerente a sua constituição o que significa que a ação (atividades) pode durar para sempre.

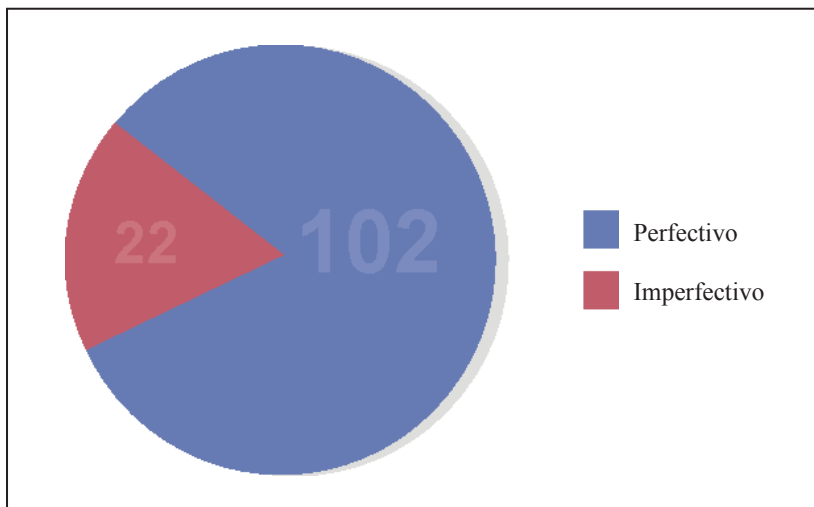
Para fins elucidativos abaixo quantificamos nossos achados:

Aspecto	Atélico	Télico
Imperfectivo	16	6
Perfectivo	37	65
124 verbos	53	71

Com estes dados percebemos que ANA produz muito mais predicados télicos do que atélicos e então, conforme averiguado por Bronckart e Sinclair (1973) a semântica do verbo (télico ou atélico) se relaciona com a perfectividade ou imperfectividade. Assim, defendemos a ideia de que a ação télica é marcada pela criança como perfectiva enquanto que a ação de natureza mais atélica recebe flexão de aspecto imperfectivo.

Atentado-nos a flexão, podemos retomar a tabela acima e pensar nos tipos de movimentos executados pela menina. Tomando os aspectos imperfectivos (16+6) teremos 22 movimentos lentos e contínuos, ao passo que do total de verbos produzidos por ANA, 102 foram de natureza mais abrupta e reta. Graficamente, podemos assim representar:

Gráfico 01: Análise da alteração do parâmetro movimento na execução do aspecto



O movimento é um importante marcador de flexão da Libras e é bastante vasto dado as suas inúmeras possibilidades de execução. Já vimos que eles podem ser de vários tipos e podem ser produzidos em várias direções, com tensão, velocidades e frequência diferentes. Vimos que se estes verbos forem produzidos de modo lento e com duração contínua eles irão denotar imperfectividade ao passo que se houver tensão, se o sinal conter um movimento mais abrupto e a direção mais reta, estará marcando perfectividade. Assim, as produções de ANA nos revelam que tais postulados se averiguam. A fim de ilustramos o tipo de movimento para o aspecto perfectivo abaixo reproduzimos os verbos COMER e PEGAR e para ilustrar a flexão do para imperfectivo reproduzimos o verbo ESPERAR.



Figura 54: Ana com 1:6 realizando o sinal de **PEGAR**

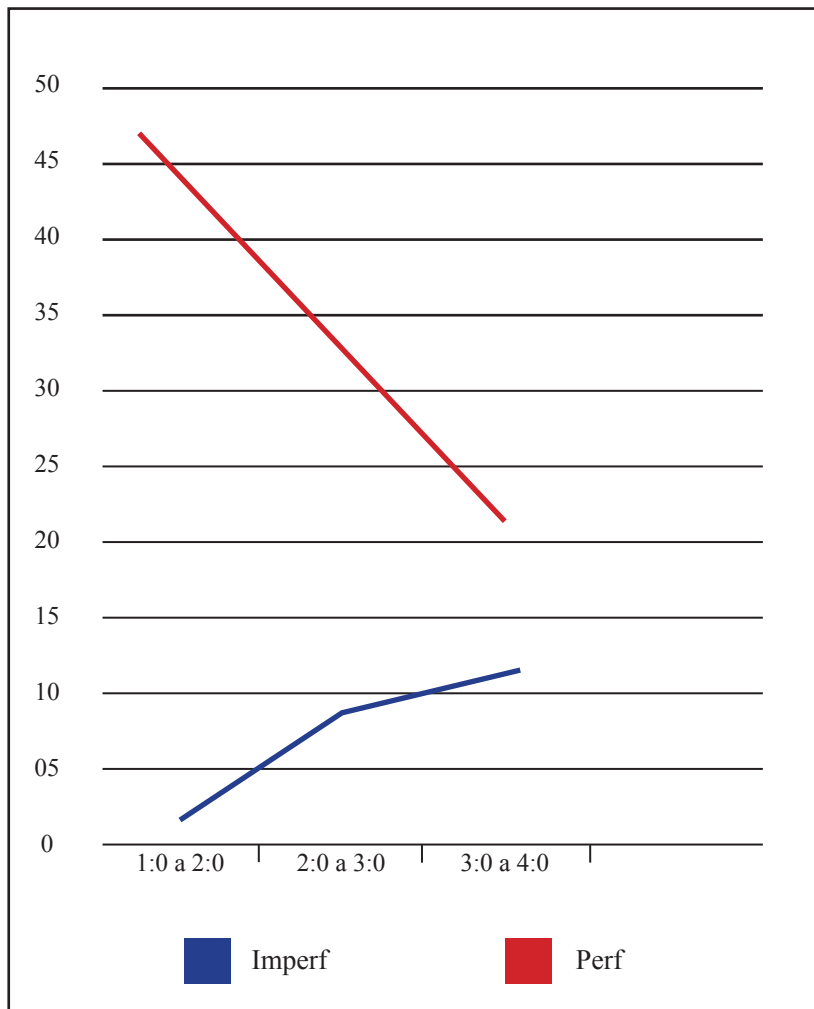


Figura 55: ANA com 1:5 realizando o sinal de **ESPERAR**



Figura 56: ANA com 1;6 realizando o sinal de **COMER**

Diante disso, corroboramos também com a pesquisa de com Li & Bowerman (1998) que alega que é mais fácil para as crianças produzirem marcadores de aspecto imperfeito (*zai* e *-ne*) quando a situação é de eventos atéticos e produzem melhor o marcador perfectivo (*-le*) com eventos télicos devido *Basic Child Grammar Hypothesis* pois esta hipótese entende que a criança está preparada desde seu nascimento para perceber o contraste entre processo e resultado. Isto implica numa avaliação de acionalidade (predicados) como processo e aspecto (formas) como resultado.



Analisando o gráfico, mencionamos que na fase que compreende a idade de 1:0 a 2:0 ANA produziu apenas 2 aspectos imperfectivos mas 47 perfectivos. Já com a idade de 2:0 a 3:0 a menina realiza 9 imperfectivos contra 34 perfectivos e, finalmente na fase que vai dos 3:0 aos 4:0 ela fez 11 imperfectivos e 21 perfectivos. Com isto em mãos, podemos ver o crescente uso do imperfectivo e a declínio do perfectivo com o passar dos anos. Assim também como conseguimos perceber que há ascendência primeira da associação tético-perfectivo para somente depois ocorrer

a aquisição do atético-imperfectivo. Portanto, corroboramos com Reis e Lopes (2008) e Rodrigues (2006) que em suas pesquisas encontram formas imperfectivas só aos 2;03 e que antes disso, encontraram verbos perfectivos com predicados telicos. No nosso caso, vemos que quanto mais jovem a criança, maior a associação. Com isso, inferimos que o adulto não reproduz o uso de flexões perfectivos apenas com téllicos como faz a criança, na maioria das vezes. Da mesma forma, como realiza marcações imperfectivas com predicados téllicos.

Além disso, segundo Verkuyl (1993) – adotado por nós desta dissertação para explicar a análise composicional – a associação entre telicidade e aspecto se dá a partir da especificação do objeto da sentença [+ SQA] – *specified quantity of the argument* (cardinalidade específica do argumento), então o valor aspectual não é dado exclusivamente pelo verbo, mas também pela consideração dos argumentos – e dos adjuntos – desse verbo. Partindo desse raciocínio é importante considerarmos que se o argumento interno de um verbo pode ser caracterizado como um argumento de quantidade específica – *specific quantity argument* (+SQA) –, por exemplo, o verbo receberia uma leitura téllica. Por outro lado, se um argumento interno de um verbo for não-específico quanto à quantidade – *non-specific quantity* (-SQA) –, o verbo receberá uma interpretação atélica. Vejamos a aplicação destas questões a duas sentenças produzidas por ANA:

(35) ARRANCAR IX<mandioca>

(36) ARRANCAR IX<mandiocas>



**Figura 57: Ana com 3:0 realizando o sinal de
ARRANCAR-MANDIOCA**

As sentenças (35) e (36) apresentam valores aspectuais distintos, ainda que se constituam do mesmo verbo, “ARRANCAR”. O argumento interno de (35), formado por uma quantidade específica (uma mandioca) impõe uma leitura télica (o predicado denota uma situação com limite final próprio). Já em (36), o argumento interno inclui um termo não contável (mandiocas³⁵), o que origina um valor atélico. O fato de um mesmo verbo poder conter traços semânticos distintos [+ télico] ou [-télico] determina um refinamento ainda maior com relação ao aspecto.

Então, Slabakova (2001) - para a qual o traço de perfectividade e imperfectividade já está subespecificado na criança no início do processo – diz que as sentenças acima podem ser representadas de maneira sintática [..._{Asp} P[+ SQA] [_{Asp} [+ télico] [_{VP/VP}]]] a partir da consideração de que o objeto (mandioca ou mandiocas) se move na árvore para a posição de especificador de AspP e o verbo (ARRANCAR) se move para o núcleo de Asp, entrando numa relação especificador-núcleo com o objeto que garantirá que seus traços se harmonizem. Este objeto só se move, se a aquisição aspectual já ocorreu, pois daí então ele pode fazer parte do cálculo.

2.2 Análise das produções aspectuais: hipótese da primazia do aspecto

Agora que já constatamos que a criança associa o télico ao perfectivo e o atélico ao imperfectivo, podemos asseverar que ANA já adquiriu a categoria aspectual e a partir disso é possível pensarmos em outra situação: A criança já adquiriu a categoria tempo? Antes de respondermos a este questionamento, lembramos que, conforme vimos, há diferentes considerações teóricas quanto a conceituação de tempo (Reichendbach 1947, Benveniste, 1989, Fiorin 2001,), mas apesar disso as diversas abordagens têm construído um entendimento de que tempo é uma categoria gramatical dêitica que expressa o momento em que ações verbais acontecem (presente, passado e futuro). Em Libras, vimos que o tempo pode ser expresso por operadores temporais específicos: PASSADO, PRESENTE, FUTURO na sentença. Porém, na fase investigada por nós, ANA não produziu nenhum destes sinais.

Não houve a ocorrência destes três operadores em sua forma ‘raiz’, e nenhuma variação deles (gradação temporal, por exemplo),

³⁵ Destacamos que o plural nu (ARRANCAR MANDIOCAS), é marcado na Libras pela repetição do sinal já que não há artigos para designar se o SQA será plural ou singular.

tão pouco da demonstração de intervalos do passado ou de futuro tais como ‘anteriormente’ e ‘posteriormente’ e nem mesmo encontramos cenas de ANA sinalizando advérbios de tempo. Com isso, estamos entendendo que a criança ainda não adquiriu as propriedades de expressão da categoria tempo. Isto porque em todo nosso corpus, só encontramos sentenças com manifestação de dois (dos três) conceitos linguísticos de tempo colocados por Reichendbach (1947). É o caso, por exemplo, da sentença:

(37) COMER IX<eu>

Nesta sentença é possível localizar o MF (presente) e o ME (presente) mas não o MR³⁶. Dizemos isso, ou seja, detectamos o ME por meio das heurísticas de Levinson aplicadas á Libras por Finau (2004a) quando em um delas considera que se a sentença não tem o sinal de FUTURO ou PASSADO, ela só poderá ser PRESENTE, pois este não precisa ser marcado, pois para a autora é possível interpretar sentenças da Libras como estando no presente quando a lexicalidade dos verbos e seus argumentos não estiver denotando um evento pontual. Assim, acreditamos que, brevemente, a lógica reichendbachiniana seja adquirida por ANA e então ela passará a produzir sentenças do tipo: COMER IX<eu> DEPOIS pois daí neste caso o MR será explícito.

Por ora, constatamos em nossos dados que a criança já é capaz de produzir expedientes linguísticos que demonstram as propriedades internas da situação, o desenvolvimento do evento, o aspecto. Isto porque o aspecto é conceituado por nós como não-dêitico e o tempo como dêitico, sendo que dêitico é a marcação do MR e conforme vimos, ANA não o realiza ainda, mas, já produz aspecto (lexical e gramatical). Atentamos também para o fato de que há, desde o início do processo de aquisição do aspecto a ‘manifestação do tempo’ através da aspectualidade da sentença e neste sentido, confirmamos em nossos dados que o tempo é dado pelas marcas aspectuais tal qual apontado nas pesquisas de Antinucci & Miller (1976) apud Rodrigues (2006) e de Osawa (1999), os quais alegam que na ausência de tense, a interpretação temporal pode ser dada pela aspectual, uma vez que as duas categorias de desenvolvem in-

³⁶ Não conseguimos identificá-lo porque está ausente na sentença. Em Libras, segundo Finau (2004) o MR é marcado por meio dos operados e advérbios temporais anteriormente abordados já que o verbo não se flexiona pára tempo.

dependentemente. Conforme vemos nos dados, a criança usa o passado perfectivo quando a situação é télica e usa morfologia de presente com verbos que apresentam traço [-télico]. Da mesma forma, asseveramos que os aportes teóricos de Johnson & Fey (2006) e Reis e Lopes (2008) encontram adesão no caso da Libras. Além disso, em Finau (2004a) temos a explicação do campo comum hipotético como expressão do tempo por meio do aspecto pois para esta autora a localização temporal dos eventos podem ser denotados pelas sentenças dessa língua por meio da composição entre conteúdo lexical dos verbos (*aktionsart*), mais as implicaturas conversacionais geradas pelo conhecimento compartilhado entre os interlocutores sobre elementos contextuais e ocorrências de flexões e operadores.

Já que nossos dados revelam a presença do aspecto e a ausência da expressão de tempo por operadores corroboramos com as pesquisas de Jacobson (1986), Beckett (1981), Osawa (1999) e Lopes e Quadros (2005) que atestam que as crianças são precocemente capazes de descobrir a natureza dos acontecimentos, se são repentinos, durativos, se ocorrem só uma vez e se são completos ou não e que só depois é que elas começam a organizar a representação do tempo em uma linha temporal. ANA já adquiriu a noção de temporalidade não dêitica (aspecto) mais ainda não adquiriu a categoria tempo. Nossa primeira análise averigua a hipótese da primazia do aspecto pois, de fato, ocorre ‘precocemente’ a projeção de um núcleo aspectual (AspP) na gramática da criança. Inferimos que ANA vai aprender as marcas para categoria de tempo – via operadores temporais e aquelas outras já apresentadas – posteriormente, já que a categoria funcional aspecto já emergiu. Em nossos dados identificamos que ANA aos 1:5 já produz sentenças perfectiva e com 2:11 começa a produzir muito mais sentenças imperfectivas, porém até o final de nossa investigação, quando a menina está com 4:0 não encontramos marcadores temporais. Desta forma, reiteramos o posicionamento dos autores (Osawa, 1999; Jacobson, 1986; Andersen (1986), Lopes e Quadros (2005)) quanto a primazia do aspecto, pois apontam que a criança adquire primeiro a noção de temporalidade não dêitica, ou seja, a categoria de aspecto mesmo antes de adquirir a categoria tempo. Isto posto, ou seja, nossa adesão ao fato de ANA ter adquirido aspecto e não tempo, temos que questionar: Como são dadas, por ela, as marcações de tempo dêitico?

2.3 Análise das produções aspectuais: associação perfectivo-passado e imperfectivo-presente

Conforme Antinucci & Miller (1976) apud Rodrigues (2006), Osa-wa (1999), Johnson & Fey (2006), Reis e Lopes (2008) e Finau (2004a) há expressão de tempo por meio da aspectualidade da sentença. Neste sentido alegamos a associação: télico-perfectivo-passado e atélico-imperfectivo-presente a partir dos exemplos abaixo colocados:

(38) ACABAR IX<galinha>



Figura 58: ANA com 2:11 realizando o sinal de ACABAR

Neste contexto de fala ANA está em casa com sua mãe. Momentos estes que são, inclusive, muito mais produtivos, linguisticamente, dos que quando a menina está na escola. Ela parece gostar de estar com mãe e, também, demonstra facilidade em copiar os sinais e os produz muito mais espontaneamente. Depois de mexer na terra com a enxada a mãe a coloca em contato com as galinhas do galinheiro, no primeiro momento pega um animalzinho no colo e depois brinca com todos ao mesmo tempo. ANA ri muito e parece se divertir com os bichinhos. Porém, quando dá-se a exaustão ela pede que a brincadeira termine. Ela caminha em direção ao portão do galinheiro, intencionando sair e diz: ACABAR. ANA produz este verbo de maneira muito rápida, o sinal é curtinho e não há muito afastamento das mãos.

ANA produziu este sinal com morfologia perfectiva (movimentos abruptos e retos) e com isso podemos concordar com a descrição aspectual da Libras encontrada em Finau (2004a) e inferir que eles correspondem ao tempo passado na fala da criança em fase de aquisição da linguagem. Assim sendo, é possível percebermos que a há tradução possível para ACABOU, verbo já citado por nós neste texto mas dada sua grande incidência na fala infantil (tanto de crianças ouvinte como de crianças surdas) é que mais uma vez o retomamos.

Outra sentença aspectualizada realizada por ANA pela qual pudemos extrair a leitura temporal e inferir a associação perfectivo-passado e imperfectivo-presente é a que segue:

(39) CAIRperf <bola>



Figura 59: ANA com 2:2 realizando o sinal de CAIR^{perf}

O contexto de realização desta sentença é de quando a bola que estava em cima da mesa cai e então o interlocutor entra com *input* perguntando à ANA o que aconteceu e a resposta da menina aparece marcada perfectivamente, pois – além da semântica do verbo – o movimento do sinal foi produzido muito rápido e de modo muito curto, não houve alongamento nem lentidão na sinalização do verbo. Com isso podemos perceber que, de fato, o processo de aquisição da linguagem da ANA está ocorrendo de modo análogo ao das crianças ouvintes, pois – inferimos – a fala não seria de CAIA, mas sim de CAIU, ou seja, com morfologia perfectiva, tal qual a criança surda está realizando.

Além destes, há ainda um momento em que a criança está brincando com uma boneca e a deixa e parte a procura da bicicleta e quando o interlocutor pergunta a razão dela ter abandonado o nenê, argumenta que

a boneca iria chorar porque a ANA não a queria mais, ela rapidamente responde que a boneca dormiu.

(40) IX <ela> DORMIR_{perf}

É muito fácil percebermos que a sentença não está estruturada para ser do tipo: ela está dormindo, pelo uso da morfologia perfectiva (movimento rápido, abrupto e reto) e depois porque, numa seção anterior ANA realiza o sinal de DORMIR usando aspecto imperfeito (movimento mais lento, repetido, longo) e antes de abandonar o brinquedo sinaliza: DEIXA, o que nos sugere a tradução de ‘Está dormindo, deixa.’ Porém, no exemplo que estamos destacando, o uso do aspecto perfectivo nos faz ter uma interpretação diferenciada, a de que a boneca dormiu.



Figura 60: ANA com 1:8 realizando o sinal de DORMIR^{perf}

Estes três exemplos nos são suficientes para averiguarmos que, de fato, a criança em questão associa, em sua produção linguística, o ‘tempo’ (não marcado linguisticamente) com aspecto, sob as ordens perfectivo-passado e imperfectivo-presente. Um exemplo que demonstra associação do imperfectivo encontra-se na sentença abaixo ilustrada:

(41) CHORAR_{imperf} IX<boneca>

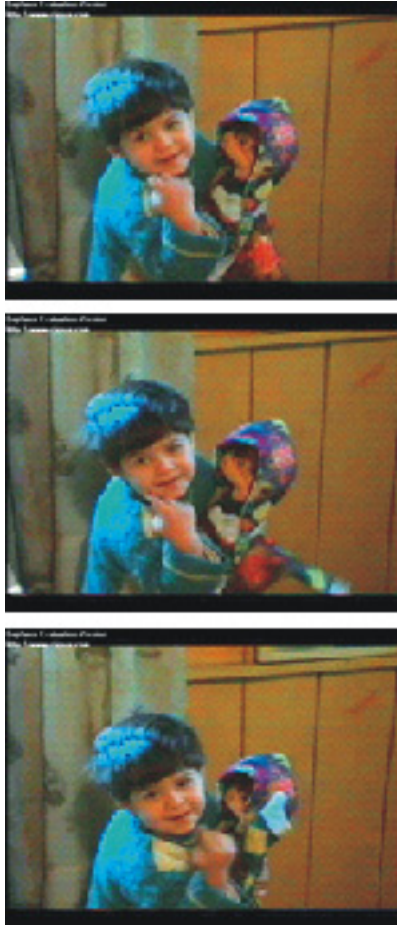


Figura 61: ANA com 2:6 realizando o sinal de **CHORAR** imperf

Nesta sentença o verbo CHORAR foi marcado imperfectivamente e isto é possível de constatarmos quando consideramos que o sinal raiz de CHORAR teve seu movimento alterado pois ANA o produziu de modo lento e contínuo e não com movimento com velocidade ‘normal’ e ‘descontínuo’ como seria a produção do sinal raiz . Na gramática do adulto, conforme nos aponta Finau (2004a), a expressão facial também sofreria alteração para configuração destes sinais, porém como a flexão ainda é incipiente, a realização se deu com a alteração de apenas um parâmetro. Por conta do verbo ter sido produzido imperfectivamente ele dá

a ideia da ação acontecendo neste momento. A menina mostra a boneca para a câmera e diz que ela está chorando, que a ação ainda não acabou e por querer referir-se ao presente, escolhe usar a morfologia de imperfeito. Neste sentido nossa tradução para esta sentença é de que: A boneca está chorando.

E outra sentença que manifesta que o uso do imperfeito se associa ao presente, é encontrada na seguinte produção:

(42) APRENDER_{imperf} IX<eu>



Figura 62: ANA com 3:0 realizando o sinal de **APRENDER** _{imperf}

Aqui também podemos constatar a marca morfológica do imperfectivo sendo usada, pois o sinal APRENDER em sua raiz é executado com a configuração de mão em C, na testa, com movimento ‘reto’ fechando os dedos, formando a configuração de S. Aqui, entretanto, ANA o faz de maneira lenta e contínua, alterou a velocidade e, conseqüentemente, o padrão de movimento do sinal raiz, ou seja, flexionou o verbo para aspecto imperfectivo o que fez que houvesse uma referência ao tempo presente. Até porque se precisarmos considerar o contexto para fazer uma leitura-interpretação da frase, destacaríamos que a menina tinha acabado de produzir um sinal ‘certo’, e foi elogiada pela mãe com a expressão: APRENDER_{imperf} (Está aprendendo) SABER_{imperf} (Você sabe), ou seja, está falando de um evento que está acontecendo agora, neste momento, no presente e por isso mesmo, utilizou-se da morfologia imperfectiva. Imediatamente a menina concorda com a mãe e diz: Estou aprendendo. Assim podemos ver que Finau (2004a) tinha razão quando dizia que havia associação entre presente-imperfectivo.

Há ainda outras sentenças onde é possível identificarmos o uso do imperfectivo associado ao presente como ocorre em:

(42) COMER_{imperf} IX<isso>

O sinal de COMER é realizado com a mão configurada em B, com um movimento de fechar os dedos próximos a boca. Os movimentos dos dedos, na forma raiz, são feitos de modo rápido e curto, porém nesta cena ANA flexiona o verbo de forma imperfectiva, quer dizer, o realiza lenta e continuamente. Faz isso porque quer referir-se ao tempo presente, no sentido de dizer, “Estou comendo” até porque a ação não chegou ao fim. Ela segura o pedaço de pão na mão e quando é inquirida pela mãe se já experimentou o alimento que o pai trouxe ela responde desta forma. Então, o contexto é:

MÃE (segurando um pacote de pão na mão): COMER_{perf} IX<esse> VOCÊ_{interrogativa}

ANA: Estou comendo (forma traduzida) e depois demonstra o pãozinho para mãe.



Figura 63: ANA com 3:0 realizando o sinal de **COMER imperf**

Da mesma forma, em (43) podemos encontrar, mais uma vez, a presença da associação imperfeito-presente.

(43) CANTAR_{imperf} IX <eu>

O contexto de fala da ANA e a produção deste sinal são de que está sentada na cama e a mãe coloca no colo um quadro que contém a ideia de alguém que está cantando, em que ANA empregou flexão de imperfectividade por meio da alteração do parâmetro movimento para relatar o episódio. Ela fez isso com movimentos lentos, longos e con-

tínuos o que implica numa flexão aspectual imperfectiva associada a marcação temporal implícita: presente.



Figura 64: ANA com 2:3 realizando o sinal de **CANTAR** imperf

RESUMO DA IV PARTE

Nesta parte do texto apresentamos dois capítulos, sendo que no primeiro conhecemos quais foram os procedimentos metodológicos da pesquisa. Vimos que a metodologia longitudinal, espontânea e naturalística é que mais tem encontrado aderência em pesquisas de aquisição de linguagem e que ela apresenta muitos pontos positivos ao sujeito que está sendo investigado, como o ambiente favorável e como a participação de pessoas que lhes são conhecidas, mas vimos também às muitas dificuldades e falhas que este método impõe e podemos ver que há problemas de ordem técnicas para coleta de dados que acabam prejudicando o seu tratamento. Conhecidos estes fatos, passamos para definição de categoria de análises nas quais procuramos discorrer sobre as evidências de nossos dados junto às postulações teóricas. Muitas questões teóricas puderam ser atestadas em nossos dados, especialmente no que diz respeito à teoria gerativa, aos estudos gramaticais da Libras que afirmam que esta é uma língua flexional (morfologicamente complexa) e as considerações sobre os estágios de aquisição de linguagem puderam ser notados nos dados de ANA. Observamos também que é possível juntar-nos aos postulados que atestam a associação que a criança realiza no início do processo de aquisição da linguagem quanto à telicidade e a aspectualidade (télico-perfectivo e atélico-imperfectivo), pois nossos dados assim se revelaram, sendo que primeiramente há marcação do télico-perfectivo e posteriormente do atélico-imperfectivo e por conta desta mesma ordem, a incidência dos primeiros é maior do que os segundos. Com esta constatação em mãos, pudemos também assentar-nos nas pesquisas que defendem que o aspecto é adquirido antes do tempo (Hipótese da Primazia do Aspecto), pois ANA não realizou, até o final de nossa análise, nenhum expediente temporal – a não ser pela própria aspectualidade da sentença. A aspectualidade da sentença, sim, permitiu perceber que o tempo pode ser expresso por este expediente linguístico: o aspecto, por meio da associação télico-perfectivo-passado e atélico-imperfectivo-presente.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa se constituiu como um estudo de caso onde tomamos por base as produções linguísticas de uma criança surda chamada ANA cujos pais também são surdos e interagem com ela em língua de sinais. O fato de a menina ser surda e de estar adquirindo a Libras como sua primeira língua é que permite a este estudo se apresentar como um ‘modelo’ teórico, na medida em que descreve o processo padrão do desenvolvimento linguístico. Por isso mesmo, nossa pesquisa consegue dar conta deste padrão, mas deixa em aberto, muitas outras questões como é o caso, por exemplo, da curiosidade em saber se uma pessoa surda em idade adulta adquirindo a Libras passaria pelos mesmos processos de aquisição de uma criança surda adquirindo a língua ou ainda se uma criança ouvinte, nas mesmas condições de *input*, adquirindo a Libras como sua primeira língua, produziria as mesmas manifestações que encontramos neste corpus. Estes e outros questionamentos nos têm demonstrado a necessidade de ampliação do campo de pesquisa em aquisição da linguagem dos surdos. E isto, realmente, tem acontecido, pois os pesquisadores, além de contribuir com os processos aquisicionais das crianças surdas, também têm percebido que quanto mais espaço houver para a busca de informações pertinentes a aquisição, muitas categorias gramaticais podem ser analisadas com profundidade, ou seja, é a aquisição contribuindo com os estudos linguísticos. Estudar um pouco mais aprofundadamente a questão da aquisição da linguagem, torna-se muito mais intenso quando podemos encontrar aplicação da teoria nos dados, pois podemos exceder as leituras e ter contato ‘real’ com a produção e isso é muito agradável e motivador. Acreditamos que Grolla (2006) e Quadros (1997) procedem coerentemente em sua abordagem sobre o tema e por isso seus escritos encontram terreno fértil em nosso texto. Neste sentido, adentramos esta área de pesquisa para investigar a aquisição de uma criança usuária nativa de Libras e neste processo pudemos atestar a plausibilidade da teoria Chomskyniana (1957), pois, o *input* não é determinante para que a criança desempenhe enunciados bem formados, e revela que os princípios linguísticos são presentes também na Libras. Claro que os parâmetros são específicos de uma língua de modalidade espaço visual, porém isto só corrobora com a teoria gerativa porque demonstra a criatividade linguística dos falantes.

Tendo estas premissas definidas, tivemos que nos debruçar sobre o estudo gramatical, propriamente dito, e estudar a aquisição de uma de-

terminada categoria: o aspecto na Libras. Porém, para que chegássemos a algumas conclusões foi preciso percorrer um árduo processo de descobertas e tomadas de decisões teóricas já que os estudos linguísticos que abarcam a aspectualidade são, em geral, bastante divergente. Além disso, há diferentes enfoques de análise aspectual. Há aqueles que a vêem sob uma ótica mais semântica e outros que a consideram sob uma ótica mais morfosintática. Neste ponto também se instala sua complexidade analítica considerando que a literatura, além de apresentar rumos diferenciados para construção conceitual, sofre mudanças constantemente, já que tem crescido o interesse dos linguistas em discutir esta forma de temporalidade o que acarreta ‘aperfeiçoamento’ dos conceitos apresentados. Então, buscar uma teoria recente ou mais remota para explicar os fenômenos linguísticos, implica em ‘dominar’ os conceitos expostos em cada vertente. Ocorre que para que um determinado conceito seja ‘amadurecido’ é preciso tempo para ele se instale da melhor forma em nossas concepções e até em nossos dados. Infelizmente, há momentos que este tempo não nos é oportunizado e novas leituras são feitas a fim de que, forçosamente, se busque um entendimento das concepções implicadas. Após o contato com várias literaturas sobre o assunto, optamos pelos pressupostos de Comrie (1976) e Verkuyl (1993) assim também como instalamos nosso filtro de análise nos aspectos: lexical e gramatical que foram tratados sob o enfoque da perfectividade e imperfectividade. Para nós, aspecto lexical é determinado pelas propriedades semânticas, exibidas pelo verbo e seus argumentos e aspecto gramatical é determinado pelas marcas morfológicas empregadas a este verbo. Tal escolha foi motivada pela coerência argumentativa encontrada nestes textos.

No caso do estudo do aspecto na Libras, apesar de encontrarmos raríssimos estudos, pudemos nos deparar com divergências terminológicas e conceituais e por conta disso, também tivemos que fazer escolhas. Assim, nossa preferência teórica é encontrada em Finau (2004a) e os elementos que esta teoria convoca, como é o caso, por exemplo, de que o termo ‘morfemas’ se refere as realizações de parâmetros associados, especialmente, o movimento e ainda a questão de que a flexão é acréscimo de uma desinência posta para adaptar-se ao contexto imposto pela sentença. Assim, nesta dissertação assumimos que a perfectividade e a imperfectividade na Libras são dadas por meio da lexicalidade e da flexão verbal sendo que o perfectivo é produzido com movimentos retos e abruptos e a imperfectividade é produzida com movimentos lentos e contínuos. Para nós, a perfectividade é a indicação do ponto de vista de

uma situação como um todo, sem distinção de suas fases enquanto que a imperfectividade é o olhar para estrutura interna da situação e considerar suas fases. (Comrie, 1976).

Depois de conhecermos um pouco mais como se dá a ocorrência do aspecto perfectivo e do aspecto imperfectivo, voltamos nosso olhar ao estudo da aquisição desta categoria. Quanto a isso encontramos pouquíssimas literaturas brasileiras abordando estudos com crianças - ouvintes - adquirindo o aspecto e quanto a aquisição da categoria aspectual na Libras, não tivemos contato com nenhum texto. Dada esta dificuldade de construção conceitual, por ora pensamos que nossos dados não se assentavam em nada na teoria e por ora pensamos que a teoria é que não se assentava em nada em nossos dados. O fato é que, dos poucos trabalhos existentes, quanto aquisição do aspecto em várias línguas naturais, encontramos um ponto recorrente no início do processo, qual seja: a criança faz associação entre télico-perfectivo e atélico-imperfectivo. Por conta deste apontamento recorrente, tivemos que nos debruçar, mais uma vez, na conceituação linguística. Buscamos a definição de telicidade e encontramos, basicamente, duas ideias opostas: uma que diz que a telicidade é um traço semântico que encontra-se alojado no verbo e outra que diz que a telicidade não está no léxico mas na sentença. Para nós, o estudo composicional (aquele que vê pra além do verbo) já tinha sido assumido quando nos pressupostos de Comrie (1976) e Verkuyl (1993), e então fizemos nossa análise, considerando os traços semânticos dos verbos e sua relação na sentença. Sugerimos que “Eu procurei muito por você” e “Eu procurei, duas horas, por você” tem objetos que podem determinar a leitura e a interpretação da sentença para além da semântica do verbo. Então, assumimos que no início da aquisição do aspecto, a criança associa predicados télicos com morfologia perfectiva e predicados atélicos com morfologia imperfectiva.

Atentando-nos a esta associação, encontramos assim como Wagner (2001), Li & Bowerman, (1998), Bronckart e Sinclair (1973), Stephany (1981), De Lemos (1981), Lopes e Souza (2005) e outros que o perfectivo é o primeiro a ser desenvolvido pela criança e vai aparecer, por todo processo, numa incidência muito maior, normalmente associado a predicados télicos. Posteriormente, a criança deixa a associação e usa predicados atélicos com este aspecto. Além disso, conseguimos detectar que a criança produz muito mais aspectos lexicais do que os gramaticais. Além dessa associação, identificamos que a literatura sobre aquisição do aspecto - Hipótese da Primazia do Aspecto (Wagner, 2001) - diz que este

é adquirido antes do tempo. E, assumimos esta teoria, pois a verificamos em nosso corpus quando reconhecemos que a criança ainda não produz os operadores temporais e nem dos advérbios temporais apontados por Finau (2004a) como marcador de tempo linguístico. Após isso, buscamos entender outro ponto da literatura de aspecto e de aquisição: associação entre aspecto e tempo semântico pois segundo Osawa (1999), Finau (2004a), Reis e Lopes (2008) há uma associação entre tético-perfectivo-passado e atético-imperfectivo-presente. Novamente, nossos dados tiveram aderência a estas proposições.

Também gostaríamos de apontar os pontos ainda não acabados neste texto e que poderiam tornar-se objeto de estudo posteriormente. O primeiro diz respeito a aplicação do mesmo aporte teórico a outros estudos de caso para averiguar sua plausibilidade já que nossas escolhas foram duplamente motivadas: pela argumentação teórica e pela anuência nos dados. Se assim fosse, estabeleceríamos uma relação com outras pesquisas como é o caso de nossa conversa – constante – com a tese de Finau (2004a). O outro ponto, é que ao longo do nosso texto apresentamos um panorama geral acerca da produção do tempo na Libras, contudo não nos aprofundamos na questão pois os ‘sinais de tempo’ são ausentes em nossos dados. Pensamos que com dados que contenham manifestações da categoria temporal poderia se propor uma espécie de investigação contrastiva já que o aspecto na Libras também poder se manifestar por meio de operadores temporais, com isso haveria um estudo contemplando ainda mais a composicionalidade entre as duas categorias. Além disso, também tivemos que selecionar o perfectivo e o imperfectivo para o tratamento do aspecto. Pensamos que o olhar analítico para o aspecto iterativo seria extremamente enriquecedor num estudo de aquisição da linguagem de uma criança surda. Outro ponto inquietante que poderia ser pesquisado a partir de nossa iniciativa é da manifestação da categoria aspectual na escrita das pessoas surdas.

Finalizamos esta pesquisa por ela ‘conter um fim inerente’, ‘ter um traço + perfectivo’ mas gostaríamos que uma nova ‘atividade’ se iniciasse a partir dela, pois sabemos que esta dissertação está contribuindo com a ciência da linguagem, com o estudo do aspecto – especialmente no quesito universalidade - com a comunidade surda que pode ter o registro de estudo da sua língua, com aprendizes da Libras que podem apropriar-se de modo formal da gramática e por isso, apesar de tético este momento nos parece muito imperfectivo, pois a estrutura interna desse processo nos foi de tamanha significância.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ANDERSEN, R. **The acquisition and use of Spanish and English as first and second languages.** Washington DC: TESOL, 1986.
- AMARAL, M; COUTINHO, A. & MARTINS, M. **Para uma gramática da língua gestual portuguesa.** Lisboa: Editorial Caminho, 1994.
- BASSO, R.M. **Telicidade e detelicização: semântica e pragmática do domínio tempo-aspectual.** Dissertação de Mestrado, Campinas: 2007.
- BATTISON, R. **Analyzing signs.** In: C. Valli & C. LUCAS (Eds). **Linguistics of American Sign Language: an introduction.** Washington, DC: Clerc Books: Gallaudet University Press.
- BATTISON, R. (1974). **Phonological deletion in American Sign Language.** Sign Language Studies, v. 5, 1974.
- BENVENISTE, E. **Problemas de linguística geral II. Trad;** Eduardo Guimarães ET. All. Campinas: Pontes, 1989.
- BERTINETTO, P. M. **On a Frequent Misunderstanding in the Temporal-Aspectual Domain: The ‘Perfective-Telic Confusion’.** In: CECHETTO, C. et al. (org.). **Semantic Interfaces: reference, anaphora and aspect.** Standford, Califórnia: CSLI Publications, 2001.
- BERTINETTO, Pier Marco, DELFITTO, Denis. **Aspect vs. Actionality: Why should they be kept apart.** In: In: Dahl, Östen (ed.) **Tense and Aspect in the Languages of Europe.** Berlin/New York: Mouton de Gruyter, p.189-226, 2000.
- BLOOM, L.; LIFTER, K.; HAFITZ, J. 1980. **Semantics of verbs and the development of verb inflection in child language.** Language, v. 56
- BRITO, L.F. **Por uma gramática de Língua de Sinais.** Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, UFRJ, Departamento de Linguística e Filosofia, 1995.
- CAMARA JR. J.M. **Estrutura da língua portuguesa.** Rio de Janeiro: Vozes, 1985.

CASTILHO, Ataliba. **Introdução ao estudo do aspecto verbal na língua portuguesa.** FFLCH - Tese de Doutorado: Marília, 1968.

_____. **O aspecto verbal no português falado.** In: VIII Seminário do Projeto de Gramática do Português Falado. Campos do Jordão, 1994.

_____. **Aspecto verbal no português falado.** In: Maria Bernardete Abaurre, Angela Rodrigues (orgs.). Gramática do Português falado – novos rumos. Campinas: Ed. Da Unicamp, vol. VIII, 2002.p.83-121.

CHIERCHIA, G. 2003. **Semântica.** São Paulo: Editora da UNICAMP.

CHOMSKY, N. **Syntactic Structures.** Haia: Mouton, 1957.

CINQUE, G. **Adverbs and functional heads, a cross-linguistic perspective.** New York, Oxford University Press, 1999.

COMRIE, B. **Aspect: an introduction to the study of verbal aspect and related problems.** Londres: Cambridge University Press, 1976.

CORÔA, M.L. **O tempo nos verbos do português: uma introdução à sua interpretação semântica.** São Paulo: Parábola Editorial, 2005.

COSTA, Sônia Bastos Borba. **O aspecto em português.** 3ª ed. São Paulo: Contexto, 2002.

CRUZ, C. R. **Proposta de instrumento de avaliação da consciência fonológica, parâmetro configuração de mão para crianças surdas utentes da línguas de sinais brasileira.** Dissertação de Mestrado, Porto Alegre: PUC, 2008.

EMMOREY, K. A. **Language, cognition and brain: insights from sign language research.** London: Lawrence Erlbaum Associates, 2002.

FELIPE, T. A relação sintático-semântica dos verbos na Língua Brasileira de Sinais. Tese de Doutorado, Rio de Janeiro: UFRJ, 1998.

_____. **LIBRAS em contexto** – livro do estudante/cursista. Brasília: MEC/SEESP. (Programa Nacional de Apoio à Educação de Surdos), 2001.

FELIPE, Tanya A; MONTEIRO, Myrna S. **Libras em Contexto**: curso básico, livro do professor instrutor – Brasília : Programa Nacional de Apoio à Educação dos Surdos, MEC: SEESP, 2001.

FERNANDES, E. **Linguagem e Surdez**. Porto Alegre: ArtMed, 2003.

FINAU, R. A. **Um estudo das categorias funcionais em textos escritos de deficientes auditivos**. Dissertação de Mestrado, Curitiba: UFPR, 1996.

_____. **Os sinais de tempo e aspecto na LIBRAS**. Tese de Doutorado, Curitiba: UFPR, 2004(a).

_____. **O processo de formação de interlíngua na aquisição de língua portuguesa por surdos e as categorias tempo e aspecto**. 2004(b).

FINGER, I.; GONÇALVES, M. SPULDARO, El. **A influência do aspecto lexical na aquisição da morfologia verbal do português como L2**. Vol. 19. N.2ARt3. 2006.

FINGER, I.; QUADROS, R. M. **Teorias de aquisição de linguagem**. Florianópolis: Ed. Da UFSC, 2008.

FIORIN, J. L. **As astúcias da enunciação: as categorias de pessoa, espaço e tempo**. 2 ed. São Paulo: Ática: 2002.

FISCHER, S. **Verb inflection in American Sign Language and their acquisition by deaf child**. Paper presented at the Winter Meeting of Linguistic Society of America, 1973.

FREITAG, Raquel. **A expressão do passado imperfectivo no português: variação/gramaticalização e mudança**. UFSC - Tese de Doutorado: Florianópolis, 2007.

FUKUDA, S. **Aspectual verbs and the aspect phase hypothesis**. San Diego Linguistic Paper:2008.

GAVRUSEVA, E. **Is there primacy of aspect in child L2 acquisition? Bilingualism: language and cognition**, v. 5, p. 109 – 130, 2002a.

GIORGI, A. & PIANESI, F. **Tense and aspect: from semantics to morphology**. Oxford: Oxford University Press, 1997.

GODOI, E; FINAU, R. **Tempo e aspecto: uma análise de descrições para línguas de sinais**.2004, CELLIP.

GROLLA, E. Aquisição da linguagem. **Material didático do curso de Letras-LIBRAS á distância**, Florianópolis: UFSC, 2006.

HODGSON, M. . **The acquisition of Spanish perfective aspect: a study on children's production and comprehension**. In: ZAZ Papers in Linguistics,2003.

HOFFMEISTER, R. J. **A piece of the puzzle: ASL and reading comprehension in deaf children**. In: CHAMBERLAIN, C. et al. Language acquisition by eye. London: Lawrence Erlbaum Associates, 1999.

JAKOBSON, J. L. et al. **Prelinguistic features of adult speech to infants and small children**. In: Child Development, 1986.

KATO, M. A. **Teoria sintática: de uma perspectiva de “-ismos” para uma perspectiva de “programas”**. São Paulo: DELTA. Vol. 13.N.2., 1997.

KEHDI, V. **Formação de palavras em português**. 2 ed. São Paulo: Ática, 1997.

KEHDI, V. **Morfemas do português**.2 ed. São Paulo: Ática, 1997.

LEITE, T. A. **A segmentação da língua de sinais brasileira (libras): Um estudo lingüístico descritivo a partir da conversação espontânea entre surdos**. Tese de Doutorado, São Paulo: USP, 2008.

- LI, P. e BOWERMAN, M. 1998. **The acquisition of lexical and grammatical aspect in Chinese**. In: First Language, 1998.
- LILLO-MARTIM, D. **Estudos de aquisição de línguas de sinais: passado, presente e futuro**. 9 TRISL, 2004.
- LIMA, C. E. S. **Tempo e aspecto na aquisição do PB**. Dissertação de Mestrado, Rio de Janeiro: PUC: 2006.
- LOPES, R., QUADROS, R. (2005). “**Traços semânticos na aquisição da linguagem: há efeitos de modalidade de língua?**” In: Revista da ABRALIN vol 4 n° 1 e 2.
- MARTINET, A. **Elementos de linguística geral**. São Paulo: Martins Fontes, 1978.
- MCCLEARY, L. **Sociolinguística. Material didático do curso de Letras-LIBRAS á distância**, Florianópolis: UFSC, 2008.
- MEIER, R. P. **Diminishing diversity of signed languages**. Science. 2000.
- MEIR, I. **A Cross-Modality Perspective on Verb Agreement**. Natural language & Linguistic Theory 20: 413-450, 2002 Kluwer academic publishers. Printed in the Netherlands.2002.
- MESQUITA, A. C. R. **A categoria preposicional na interlíngua do surdo aprendiz de português (L2)**. Dissertação de Mestrado, Brasília: UnB, 2008.
- NADALIN, E. **Aktionsart e aspecto verbal: uma análise dessa distinção no polonês**. Dissertação de Mestrado, Curitiba, UFPR, 2005.
- NEWKIRK, D. **The forma of multiples and exhaustive in ASL**. In: **Sign language e linguistics**. Amsterdam: John Benjamins & HAG Publications, V. 1 N. 1, 1998.
- NOVAES. C. **Evidências neuropsicológicas da existência de um nóduo de aspecto**. UFRJ, 2004.

OSAWA, F. **The relation between Tense and Aspect:** The Emergence of the Tsystem. UCL Working Papers in Linguistics, 11, 1999.

PETTITO; MARENTETTE. **Babbling in the manual mode: evidence for the ontogeny of language.** In: Science. Vol; 25. American Association for the advancement of science, 1991.

PIRES DE OLIVEIRA, R. **Semântica Formal:** uma breve introdução. Campinas, SP: Mercado das Letras, 2001.

PIRES DE OLIVEIRA, R. **Semântica.** In: MUSSALIN, F.; BENTES, A. C (orgs). Introdução à linguística: domínios e fronteiras. 2v. São Paulo: Cortez, 2001.

PIRES, L. C. (2005). **Aquisição da Língua Portuguesa Escrita (L2) por sinalizantes surdos da Língua de Sinais Brasileira (L1).** Dissertação de Mestrado em Linguística. UFSC, SC.

PIZZIO, A. L. **A variabilidade da ordem das palavras na aquisição da língua de sinais brasileira: construções com tópico e foco.** Dissertação de Mestrado, Florianópolis: UFSC, 2006.

POLLOCK, J-Y. **Verb movement, universal grammar and the structure of IP.** Linguistic Inquiry v.20, p. 365-424, 1989.

QUADROS, R.M. **As categorias vazias pronominais: uma análise alternativa com base na Libras e reflexos no processo de aquisição:** Dissertação de Mestrado em Letras. PUC, 1995.

QUADROS, R. M. **Educação de surdos: a aquisição da linguagem.** Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.

QUADROS, R. M. & KARNOPP, L. B. **Língua de sinais brasileira: estudos lingüísticos.** Porto Alegre: Artmed, 2004.

QUADROS, R. M & FINGER, I. **Teorias de aquisição de linguagem. Florianópolis:** Editora da UFSC, 2008.

RATHMANN, C. G. **Event Structure in American Sign Language.**

Dissertation of Doctor, University of Texas, 2005.

REICHENBACH, H. **Elements of Symbolic Logic**. New York: Macmillan Company, 1947.

REIS, F. E. B.; LOPES, R. E. V. **Tempo e aspecto na linguagem de uma criança brasileira**. In: *Língua, literatura e ensino*, v. III, 2008.

RODRIGUES, C. S. **Sempre: um estudo de suas interações aspectuais em contexto de pretérito perfeito simples e pretérito imperfeito**. Dissertação de Mestrado, Florianópolis: UFSC, 2009.

SCARPA, E. M. **Aquisição da linguagem**. In: MUSSALIN, F.; BENTES, A. C (orgs). *Introdução à linguística: domínios e fronteiras*. 2v. São Paulo: Cortez, 2001.

SANDALO, F. Morfologia. In: MUSSALIN, F.; BENTES, A. C (orgs). **Introdução à linguística: domínios e fronteiras**. 1v. São Paulo: Cortez, 2001.

SLABAKOVA, R. **Recent research on the acquisition of aspect: an embarrassment of riches?** In: *Second Language Research*, 2002.

SMITH, C. **The parameter of aspect**. Dordrecht: Kluwer Academic Publishers, 1997.

STOKOE, W. C. **Sign language diglossia**. In: *Studies in Linguistics*. 1986.

STOKOE, W. C. JR. **Sign language structure: an outline of the visual communication system of the American deaf**. Buffalo: University of Buffalo, 1960.

STRÖBEL, K. L.; FERNANDES, S. **Aspectos lingüísticos da LIBRAS: Língua Brasileira de Sinais**. Curitiba: SEED : DEE, 1998.

SAUSSURE, Ferdinand de. **Curso de linguística geral**. São Paulo, Cultrix, 2006

TEIXEIRA DE SOUZA, T. **Investigando na aquisição do PB a hipótese da perfectividade**. Dissertação de Mestrado, Florianópolis: UFSC, 2008.

TRAVAGLIA, L. C. O aspecto verbal no português. Uberlândia: UFO, 1985.

_____. **O aspecto verbal no português: a categoria e sua expressão**. 4ª ed. Uberlândia: EDUFU, 2006.

VERKUIL, H. J. **A theory of aspectuality: the interaction between temporal and atemporal structure**. New York: University of Cambridge, 1993.

VENDLER, Z. **Verbs and times**. In: Philosophical Review, 1957.

VENDLER, Z. **Linguistics and Philosophy**. Ithaca (NY): Cornell University Press, 1967.

ZESHAN, U. **Sing language in Indo-Pakistan: a description of a signed language**. Philadelphia: John Benjamins Publishing, 2000.

WAGNER, L. **Aspectual influences on early tense comprehension**. In: F. Child Language, 2001.

WACHOWICZ, Teresa Cristina. **Uma fundamentação para a noção de evento para a linguística**. Revista Letras, Curitiba, n. 54, p. 143 – 160, jul./dez. 2000.

_____. **As leituras aspectuais da forma do progressivo do português brasileiro**. USP – Tese de Doutorado: São Paulo, 2003.